

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP

Marcos Aurélio da Silva

Catolicismos alternativos: das dissidências com a Igreja
Católica Romana às novas fundações - o caso da Igreja
Católica Apostólica Carismática (ICAC).

Mestrado em Ciência da Religião

São Paulo

2019

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

PUC-SP

Marcos Aurélio da Silva

Catolicismos alternativos: das dissidências com a Igreja Católica Romana às novas fundações - o caso da Igreja Católica Apostólica Carismática (ICAC).

Mestrado em Ciência da Religião

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção de título de MESTRE em Ciência da Religião, na área de concentração: Estudo Sistemático da Religião, sob orientação do Prof. Dr. Eduardo Rodrigues da Cruz.

São Paulo

2019

Marcos Aurélio da Silva

Catolicismos alternativos: das dissidências com a Igreja
Católica Romana às novas fundações - o caso da Igreja
Católica Apostólica Carismática (ICAC).

Mestrado em Ciência da Religião

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção de título de MESTRE em Ciência da Religião, na área de concentração: Estudo Sistemático da Religião, sob orientação do Prof. Dr. Eduardo Rodrigues da Cruz.

Aprovado em: __/__/__

BANCA EXAMINADORA

Dr. Eduardo Rodrigues da Cruz – PUC-SP (Orientador)

Dr. Breno Martins Campos – PUC-Campinas

Dr. Wagner Lopes Sanchez – PUC-SP

A Deus, razão de minha existência.
Aos meus filhos Jonas e Estela.
À minha esposa Luzia Alves.

AGRADECIMENTO

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal Nível Superior-Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. 88887.149913/20017-00

AGRADECIMENTO

O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação São Paulo – PUC-SP (FUNDASP).

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador Prof. Dr. Eduardo Rodrigues da Cruz, pela atenciosa e solícita acolhida no Programa de Pós-Graduação desde os primeiros contatos, pela paciência na delimitação do tema e por acreditar na realização deste trabalho.

Agradeço ao Dr. Breno Martins Campos e ao Dr. Wagner Lopes Sanchez, pela forma solícita que atenderam ao convite e pelas valiosas contribuições no exame de qualificação.

Ao Prof. Dr. Frank Usarski, Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, em nome de quem também agradeço a todos os professores do Programa pelas valiosas contribuições na minha formação acadêmica. Obrigado a todos!

À Andréia Bisuli de Souza, Assistente de Coordenação, pela solicitude, paciência e competência na orientação das questões burocráticas.

Aos colegas que compartilharam experiências e aprendizagens.

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese por processos fotocopiadores ou eletrônicos.

Assinatura: _____

Local e data: _____

SILVA, Marcos Aurélio da. *Catolicismos alternativos: das dissidências com a Igreja Católica Romana às novas fundações - o caso da Igreja Católica Apostólica Carismática (ICAC) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião*. 113f. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo -, São Paulo, 2019.

RESUMO

Essa dissertação é o resultado do estudo sobre as dissidências e diferentes invenções de igrejas católicas no Brasil que, apesar das semelhanças na forma e no conteúdo, não integram a Igreja Católica Apostólica Romana. Considera-se pertinente a realização dessa pesquisa em virtude da escassa bibliografia acadêmica a respeito das diferentes igrejas católicas que se espalham Brasil afora, sem, contudo, que se saiba quais são suas procedências. Nesse sentido, esse trabalho tem por objetivo, além de conhecer a identidade de uma igreja católica específica, a Igreja Católica Apostólica Carismática, contribuir para despertar o interesse pelo tema. Especificamente, visa a captar a identidade da Igreja Católica Apostólica Carismática (ICAC), que se instalou em 2013, na cidade de Taubaté-SP, sobre a qual muito pouco se tinha conhecimento até então. Metodologicamente, foram realizadas pesquisas bibliográficas e documentais e de observação participativa das missas, principalmente na Igreja de Taubaté-SP e, eventualmente, nas Igrejas de Rio Claro – SP e em São Paulo, na igreja do Bairro do Belém. A realização da pesquisa permitiu concluir que sua origem está entre as várias igrejas que se formaram a partir de sucessivas dissidências da Igreja Católica Apostólica Brasileira (ICAB) embora, na medida em que o tempo as distanciam daquela, torna-se inadequado inferir alguma relação direta entre essas novas fundações e a ICAB. As dificuldades para se conhecer factualmente a origem da ICAC talvez se justifique pela ausência de um “mito fundador” ou mesmo um fato (relevante) que teria dado origem à “nova” igreja. Nesse sentido, como resultado, pode-se compreender um dos discursos recorrentes nas missas da ICAC: “não importa de onde você venha e qual sua condição, o padre reza e o milagre acontece na sua vida e você retribui a Deus com o santo dízimo”. Seguindo o mesmo raciocínio, não nos parece equívoco inferir a retórica da igreja: não importa de “onde” a igreja vêm, importa os milagres que pode operar na sua vida.

Palavras-chave: 1. Catolicismos. 2. Dissidências. 3. Igreja Católica Apostólica Carismática 4. Catolicismos alternativos 5. Igreja Católica Brasileira.

SILVA, Marcos Aurélio da. *Catholic Churches in Brazil: Dissidents and others, with emphasis on the case of the Catholic Charismatic Apostolic Church (ICAC)*. - Graduate Program in Science of Religion. 113f. Pontifical Catholic University of São Paulo -, São Paulo, 2019.

ABSTRACT

This dissertation is the result of the study of the dissent and different inventions of Catholic churches in Brazil that, despite the similarities in form and content, do not belong to the Roman Apostolic Catholic Church. It is considered pertinent to carry out this research due to the scarce academic bibliography about the different Catholic churches that spread throughout Brazil, without, however, knowing what their origins are. In this sense, this work aims, besides knowing the identity of a specific Catholic Church, the Charismatic Apostolic Catholic Church, to help arouse interest in the theme. Specifically, it aims to capture the identity of the Charismatic Apostolic Catholic Church (ICAC), which was established in 2013, in the city of Taubaté-SP, about which very little was known until then. Methodologically, bibliographical and documentary research and participative observation of the masses were carried out, mainly in the Church of Taubaté-SP and, eventually, in the Churches of Rio Claro-SP and in São Paulo, in the church of Bairro do Belém. Conclude that their origin is among the various churches that formed from successive dissent of the Brazilian Apostolic Catholic Church (ICAB) although, as time distances them from that, it becomes inappropriate to infer any direct relationship between these new foundations and the ICAB. The difficulties in factually knowing the origin of the ICAC may be justified by the absence of a "founding myth" or even a (relevant) fact that would have given rise to the "new" church. In this sense, as a result, one of the recurring discourses at the ICAC Masses can be understood: "No matter where you come from and what your condition is, the priest prays, and the miracle happens in your life and you repay God with the holy tithe.". Following the same reasoning, it does not seem wrong to infer the church's rhetoric: no matter where the church comes from, it does the miracles it can work in its life.

Keywords: 1. Catholicism. 2. Dissent. 3. Catholic Charismatic Apostolic Church 4. Alternative Catholicisms. 5. Brazilian Catholic Church.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO 1: MOVIMENTO REFORMISTA E OS CISMAS COM A IGREJA CATÓLICA APOSTÓLICA ROMANA	20
1.1 As Primeiras Tentativas de Reforma no Catolicismo Romano no Brasil	20
1.2 Padre Amorim Correia e a Primeira Dissidência da Igreja Católica no Brasil	27
1.2.1 Panorama Histórico	27
1.2.2 Padre Amorim Correia	30
1.2.3 A Icab de Itapira: Doutrina e <i>Modus Operandi</i>	34
1.3 Dom Duarte: Sacerdócio na ICAR e o Segundo Cisma.....	35
1.3.1 ICAB: Doutrina e <i>Modus Operandi</i>	41
1.3.2 Os Primeiros Anos da ICAB	43
1.3.3 Os Documentos Oficiais da Icab ao Longo do Tempo.....	46
CAPÍTULO 2: SALOMÃO FERRAZ	50
2.1 As Trajetórias de Salomão Ferraz	51
CAPÍTULO 3: A IGREJA CATÓLICA APOSTÓLICA CARISMÁTICA - ICAC	57
3.1 Um Universo de Igrejas Católicas no Brasil	57

3.2 Origem da ICAC: Rede Nacional de Missões Católicas	62
3.3 Reação da ICAR: Cancelamento do Registro de Organização Religiosa.....	65
3.4 Autodescrição e Expansão da ICAC: Percursos Virtuais	66
3.5 Organização e Origem da ICAC	75
3.6 As Missas da ICAC	81
3.7 Análise da ICAC.....	87
CONSIDERAÇÕES FINAIS	99
REFERÊNCIAS	102
ANEXOS	106

LISTA DE IMAGENS

Figura 1: Reprodução da imagem do blog	69
Figura 2: <i>Print screen</i> do <i>site</i> da igreja.....	72
Figura 3: <i>Print screen</i> do <i>site</i>	73
Figura 4: Atestado de Ordenação Sacerdotal do Padre Ricardo Padavini.....	79
Figura 5: Reprodução do jornal Correio da Manhã	80

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Igrejas Católicas alternativas.....	59
Tabela 2: Presença nos estados e quantidade de igrejas presentes	67
Tabela 3: Cidades de São Paulo com a presença da ICAC	67
Tabela 4: Tipos ideais segundo Max Weber	87
Tabela 5: Tipos de profeta segundo Max Weber.....	88
Tabela 6: Tipos de relação.....	89

LISTA DE SIGLAS

ICAB – Igreja Católica Apostólica Brasileira

ICAC – Igreja Católica Apostólica Carismática

ICAR – Igreja Católica Apostólica Romana

ICL – Igreja Católica Livre do Brasil

RNMC – Rede Nacional de Missões Católicas

INTRODUÇÃO

No ano de 2013, lembro-me de assistir pela televisão um anúncio convidando para a missa do padre Daniel Grigoletto, “o padre que reza e o milagre acontece”, na Igreja Católica Apostólica Carismática (ICAC).

A princípio, a julgar pelas referências nominais, pelo anúncio da cura, libertação e exorcismos e pela imagem do padre paramentado, conforme a tradição da Igreja Católica Apostólica Romana (ICAR) da qual faço parte, pensei tratar-se, ainda que com certo desconforto pelo tom incisivo do *slogan*, de uma missa da Renovação Carismática Católica (RCC), um movimento religioso dentro da própria igreja. Dias depois, participando da missa na “minha” igreja, o padre transmite a Carta do Bispo Diocesano alertando os fiéis sobre a chegada na cidade de uma igreja que, apesar das aparências, Daniel Grigoletto não era padre da Igreja Católica Apostólica Romana e, portanto, os atos lá praticados, não tinham nenhuma validade. Sendo assim, estava explicado.

Com o passar do tempo, e com certa frequência, encontrava panfletos da Igreja Católica Apostólica Carismática convidando para suas missas e, aquele impactante *slogan*: “o padre reza e o milagre acontece” me intrigava.

Em 2016, quando me lancei no desafio de ingressar no mestrado em Ciência da Religião, tinha como propósito conhecer e compreender a diversidade e a rapidez com que se abriam e fechavam igrejas na minha cidade natal – Taubaté (SP). A necessidade de delimitar o tema de pesquisa me fez lembrar aquele *slogan* e das advertências do Bispo Diocesano da ICAR orientando seus fiéis. Estava ali estabelecido qual seria meu objeto.

Entretanto, quando fui pesquisar sobre a ICAC na *internet*, fiquei confuso e perplexo, pois o nome do padre Daniel Grigoletto remetia à Igreja Católica Apostólica Carismática que adota a sigla ICAC, que também se identifica como Paróquia Bom

Jesus e Paróquia das Santas Missões. Além disso, a busca remetia também à Igreja Católica Apostólica Conservadora, à Igreja Católica Carismática – Sede Primacial – Belém do Pará, à Igreja Católica Apostólica Independente.

Em cada busca realizada em site de pesquisa, ao alternar as palavras-chave, descobria outras igrejas, também católicas, mas sem aparente relação direta umas com as outras. Passei então, a fazer pesquisa na bibliografia científica sobre igrejas católicas, mas as referências tratavam sobre as diferentes formas de ser católico da Igreja Católica Apostólica Romana e nada diziam a respeito das outras igrejas também denominadas “católicas”.

À medida que desenvolvia as atividades do programa da pós-graduação, fui me aproximando da temática sobre dissidências da Igreja Católica Apostólica Romana no Brasil, especificamente, a Igreja Católica Apostólica Brasileira (ICAB), que ocorreu primeiro em 1913 em Itapira (SP), e depois em 1945, no Rio de Janeiro (RJ). Ao estudar a história da ICAB e as dissidências que dela resultaram (dissidências da dissidência) me aproximei das origens da Igreja Católica Apostólica Carismática, não porque tenha origem diretamente da ICAB, mas porque, ao surgir na década de 1980/90, insere-se num contexto mais amplo em que se intensificam as dissidências da ICAB e tem origem uma série de novas fundações de igrejas católicas no Brasil.

Esse trabalho resulta do esforço em conhecer as origens e o que é exatamente a Igreja Católica Apostólica Carismática, seu credo, sua organização e seu *modus operandi*. Entender por que se diz tão diferente (e melhor, porque revive a igreja primitiva) embora os ritos, rituais e organização, muito se assemelhem com a Igreja Católica Apostólica Romana. Para buscar nosso objetivo, organizamos a dissertação em três capítulos, buscando refazer o trajeto dos primeiros questionamentos à ICAR na tentativa de adaptá-la às realidades nacionais, até chegar à ICAC.

No primeiro capítulo, resgatamos o movimento reformista do “grupo paulista” ainda no Brasil Império porque, embora distante temporalmente, esse grupo é porta voz de uma série de ideias que estarão presentes também nos dois momentos cismáticos que deram origem à ICAB e que compõem a base comum das várias igrejas católicas que surgiram no país. A saber, principalmente a questão do celibato eclesial e a supremacia do Papa em relação aos demais Bispos na ICAR. Abordaremos então,

nesse capítulo, as tentativas de reforma do “grupo paulista”; a primeira dissidência da ICAR no Brasil em 1913 protagonizada pelo Padre Amorim Correia e, depois, a segunda dissidência em 1945 promovida por Dom Duarte e que, em virtude de sua condição de Bispo, acarretou significativas repercussões no catolicismo brasileiro.

No segundo capítulo, abordaremos a trajetória de Salomão Ferraz, de pastor da Igreja Presbiteriana, casado e pai de sete filhos, até ser admitido como Bispo na ICAR, tendo inclusive, participado do Concílio Vaticano II. Esse capítulo nos ajudará a analisar como são conduzidas as relações entre instituições e pessoas, na tentativa de entender porque alguns, de integrados e elogiados colaboradores, se tornam execrados, e outros, que pelos percursos escolhidos prudentemente justificariam serem tratados com reservas, se tornam integrados e, passam a evidenciar as contradições da própria instituição ICAR que enfatiza o apelo à tradição.

Por fim, no terceiro capítulo, dedicaremos a apresentação da ICAC a partir das observações feitas na pesquisa de campo e à tentativa conhecer sua identidade, organização e *modus operandi*, num esforço para depreender a sua institucionalização como uma das alternativas de ser católico fora do catolicismo romano.

Para alcançar os objetivos propostos esse trabalho se desenvolverá através da pesquisa bibliográfica a respeito da história da Igreja Católica no Brasil e os seus episódios cismáticos, a pesquisa documental a respeito da ICAC e a observação participante através da qual pude conhecer o *modus operandi* dessa igreja.

A presente pesquisa tem por objeto a ICAC, pois ela se insere num contexto mais amplo das igrejas católicas alternativas ao catolicismo romano que surgiram no Brasil em decorrências das sucessivas dissidências inspiradas na ICAB, ainda que tenham resultado em novas fundações sem nenhum vínculo com ela.

Partimos da hipótese de que creditar a esses catolicismos alternativos o adjetivo de “falsas igrejas católicas”, como tem sido a estratégia da Igreja Católica Romana, cria uma lacuna para a compreensão do campo religioso brasileiro e, lacuna essa, que não pode ser negligenciada pelo pesquisador da Ciência da Religião.

A escolha pela ICAC e a relevância que atribuímos a ela nesse trabalho deve-se ao fato de ela constituir uma singularidade em relação as demais igrejas católicas alternativas: tem fortes propósitos expansionistas e evita polêmicas com a Igreja Católica Romana.

Nosso objetivo é produzir um conhecimento sobre o campo católico não exclusivamente romano no Brasil. Para isso, analisamos as estratégias adotadas pela ICAC para conquistar e garantir espaço num campo predominantemente marcado pelo catolicismo romano e, por esse motivo, procuramos também analisar, na perspectiva da Ciência da Religião, a reação da Igreja Católica Romana em relação a essas igrejas por ela nominadas “falsas igrejas católicas”.

A escassez de trabalhos sobre os catolicismos alternativos prejudica, a nosso ver, a compreensão mais adequada sobre a complexidade do campo religioso brasileiro, pois é sempre em relação às diferentes denominações que se discutem as competições nesse campo e, portanto, ignora-se que, há um campo católico não exclusivamente romano também em disputa. Ao abordar o tema, o presente trabalho pretende contribuir sob nova perspectiva, para o estudo das religiões no Brasil.

Nesse sentido, utilizamos como referenciais teóricos Max Weber e Pierre Bourdieu. A ICAC mantém as características da magia, ao colocar a centralidade do culto na figura do padre que opera os milagres em nome de Deus, pois se exalta a figura do padre como aquele que “reza e o milagre acontece”, mas por outro lado, ela também apresenta aquelas características apontadas por Weber para distinguir a magia da religião, como por exemplo, possui Seminários com a finalidade de formar os padres dentro dos parâmetros previamente estabelecidos para reproduzir o culto.

De Bourdieu adotaremos especialmente os conceitos de campo e *habitus* para analisar as práticas adotadas pela ICAC como formas de apropriação de um capital religioso para demarcar território nesse campo ocupado majoritariamente pela Igreja Romana.

Metodologicamente, esse trabalho foi elaborado em quatro momentos: 1) pesquisa exploratória na *internet*, onde foi possível perceber a diversidade de catolicismos alternativos; 2) pesquisa bibliográfica a respeito das dissidências com o catolicismo romano; 3) pesquisa documental, reunindo cartas, comunicados de

lideranças da ICAR aos seus fiéis em reação aos “falsos católicos” e; 4) pesquisa de campo que consistiu basicamente na observação de missas da ICAC e de conversas informais com suas lideranças.

CAPÍTULO 1: MOVIMENTO REFORMISTA E OS CISMAS COM A IGREJA CATÓLICA APOSTÓLICA ROMANA

Nesse capítulo, abordaremos o movimento reformista promovido pelo “grupo paulista” no Brasil Império, apontando as motivações e práticas empregadas para efetivar suas ideias. Depois, no Brasil República, os dois cismas que ocorreram na Igreja Católica: o primeiro, promovido pelo Pe. Amorim Correia, em 1913, que deu origem em Itapira – SP à Igreja Católica Apostólica Brasileira e; o segundo, promovido pelo Bispo Dom Carlos Duarte Costa, em 1945, que deu origem, no Rio de Janeiro, à Igreja Católica Apostólica Brasileira, nome escolhido justamente em homenagem ao Pe. Amorim e para dar continuidade a sua iniciativa.

1.1 As primeiras tentativas de reforma no catolicismo romano no Brasil.

Durante o Brasil Império, ocorreram tentativas de reforma religiosa. De acordo com Lustosa (1977) foi devido a realidade politicamente instável, economicamente precária, socialmente diversificada na base de elites privilegiadas, que a Igreja experimentou, na própria carne, os efeitos funestos de uma política de sujeição quase passiva ao sistema dominante. Também a Proclamação da Independência é acompanhada de esforços das autoridades civis e religiosas em busca de fortalecimento da identidade das instituições nacionais que pudessem caracterizar o Estado Brasileiro.

Essas tentativas ocorreram no âmbito da Igreja Católica, onde algumas personalidades religiosas e civis começaram a se empenhar no sentido de adaptar a igreja às características culturais locais, no intuito de, simultaneamente: a) corrigir alguns desvios de ordem moral do clero nacional, b) preservar a Igreja Católica Apostólica Romana (ICAR) perante a sociedade, c) garantir seus status e espaço de relevância perante o Estado.

Embora a Independência não tenha resultado no fim do regime do Padroado português que aqui se instaurou durante o período Brasil Colonial, ela implicou em algumas mudanças nas relações entre o Estado e a Igreja, o que fica evidente já na primeira Constituição do Brasil Imperial. A primeira Constituição de 1824 confirma o regime do padroado, mas suprime a Legacia, que era um Tribunal de Terceira instância, sob responsabilidade da Nunciatura Apostólica para julgar os litígios eclesiásticos, passando para o Estado a incumbência pelos julgamentos das questões eclesiásticas. A alteração constitucional foi acompanhada pelo Código Criminal do Império, o qual passa a caracterizar crime contra a soberania nacional os recursos à autoridade estrangeira sobre questões religiosas.

Essas duas alterações legais afetam diretamente as relações entre o Estado e a Igreja porque, além de se sobrepor o primeiro ao segundo, também estabelece para a ICAR no Brasil uma condição semelhante à de exílio, uma vez o Papa é autoridade máxima dessa Igreja.

Apesar de um extenso território nacional e das dificuldades de locomoção, a Igreja contava com nove circunscrições eclesiásticas distribuídas em Arcebispado, Bispados e Prelazias os centros urbanos eram razoavelmente assistidos por padres seculares e religiosos¹. Entretanto, grande parte do sertão, só esporadicamente, contava com a presença de agentes oficiais da igreja em missão. O clero existente nessa região era composto por religiosos com baixa formação intelectual e moral (Lustosa, 1977). Estes viviam com escassos recursos financeiros, muito próximos das condições sociais do povo e que, não raras vezes, identificavam-se com as causas dos fiéis, a ponto de muitos religiosos e padres constituírem famílias, intensificando ainda mais o problema pois, para dar conta de atender as necessidades familiares, muitos se dedicavam além do sacerdócio, a outras atividades² para complementarem suas rendas.

¹ Padre secular ou diocesano é aquele ligado a uma diocese particular na qual exerce seu ministério sacerdotal e está subordinado diretamente ao bispo dessa diocese. Padre religioso é aquele que pertencendo a determinada Ordem ou congregação religiosa, está subordinado ao Superior dessa ordem e exerce seu sacerdócio onde designado por seu Superior.

² Segundo o autor, fazendeiros, taverneiros e negociantes, além dos que exerciam cargos políticos. (LUSTOSA, 1977, p. 32).

Essa duplicidade do clero (hábitos seculares/hábitos religiosos), causavam desprestígio à Igreja e o conseqüente afrouxamento de sua autoridade moral junto à população. Num esforço para acabar com essa situação e promover um clero mais apto às funções espirituais e morais é que se reúnem alguns padres e pessoas influentes da sociedade, com o objetivo de promover reformas na Igreja.

Liderados por Feijó e Amaral Gurgel, ambos da Província de São Paulo, o “grupo paulista”³ tentará, nos moldes ainda do regalismo⁴, adaptar a ICAR às realidades brasileiras, com a finalidade de moralizar o clero e, desse modo, também moralizar a sociedade, firmando-se como instituição relevante para a nova ordem social. Preocupados com a questão moral dos clérigos e da reputação da Igreja, o grupo paulista visava a reforma dos costumes dentro da igreja para fazer dela o sustentáculo da moral pública e particular, pois dessa forma, a igreja serviria de esteio da ordem das instituições políticas e civis, naqueles tempos de agitação política e social.

Esse grupo considerava, entretanto, que a Igreja no Brasil não tinha condições para imprimir as reformas necessárias e, em consequência do pensamento regalista, essa tarefa caberia a iniciativas do governo. Como alguns padres eram também políticos, a reforma assumiu características jurídico-institucional, mais pragmáticas do que doutrinárias, como é exemplar o desejo do grupo em criar um Estatuto Diocesano à margem do Direito Canônico que atendesse as peculiaridades de cada Diocese. As propostas de reforma eclesial pretendiam expandir a autonomia dos bispos em relação a Roma e, ao mesmo tempo, diminuir-lhe a autoridade na sua diocese, por meio da participação do clero na administração diocesana, realizando adequações às suas realidades locais.

A intenção dos reformistas era melhorar a imagem da igreja perante a população e, ao mesmo tempo, melhorar as suas próprias condições para o exercício

³ Lustosa (1977) emprega aspas e nós a mantemos nesse trabalho, pois, a expressão tem um sentido mais amplo e não técnico, haja vista reunir pessoas de outras províncias eclesiásticas, mas que compartilhavam a mesma ideologia reformista.

⁴ O regalismo é uma doutrina que confere ao rei o direito de interferir nas questões religiosas.

da atividade religiosa, por isso, os ministros da igreja (bispos, padres e diáconos) eram os alvos mais visado por eles, com vistas à

formação e desenvolvimento de um clero moralmente sadio (...), culturalmente capacitado, (...) financeiramente independente, politicamente independente (...) e pastoralmente bem condicionado (LUSTOSA, 1977, p. 85).

Considerado central para a reforma moral do clero, a questão do celibato suscitou três⁵ propostas, como segue

O caminho percorrido desde 1827 tinha sido duro e adverso aos reformistas no terreno das medidas que propunham para uma rápida moralização da “classe clerical”: a primeira etapa concentra-se no radicalismo pela abolição total do celibato, a segunda se limitara à dispensa ou relaxação da lei pelo bispo em uma simples diocese, na terceira tentaram mais prudentes e experimentados, introduzir, em um texto legal, adaptações que, pelos menos, amenizassem a situação concreta da vida familiar que levavam irregularmente muitos sacerdotes (LUSTOSA, 1977, p. 104).

A segunda tentativa de reforma situa a questão em termos práticos pastorais, não fala em abolição, mas em dispensa do celibato, faz um movimento centrípeto/centrífugo, mantendo a unidade com a Igreja de Roma: retrocede na história resgatando a igreja primitiva; passa por outras realidades de igrejas fora do país; lembra a presença dos protestantes no Brasil e concede ao bispo a possibilidade de

chamar ao estado eclesiástico muitos pais de família, que serão Ministros dos Altares, zelosos Pastores, como aconteceu na primitiva Igreja, como acontece ainda hoje na Igreja grega e entre os Cristãos Reformados (LUSTOSA, 1977, p. 92).

⁵ A primeira tentativa foi do deputado baiano Antônio Ferreira França apresenta na sessão do parlamento de 3 de setembro de 1827. Em torno dessa formulação, se reuniram padres e leigos liberais favoráveis à abolição total do celibato como o grupo paulista. A segunda tentativa ocorreu em 1834, quando o Conselho Geral da Província de São Paulo entrega à consideração do bispo diocesano Dom Manoel Joaquim Gonçalves de Andrade uma Representação agora, centrada na questão do celibato e restrita aquela Província. A terceira e última investida do grupo paulista se dará em 1835 com a elaboração do Projeto de Constituição Eclesiástica do Bispado de São Paulo.

Para argumentar em defesa das reformas que propunha, a igreja particular de São Paulo apresenta-se como protagonista de um messianismo profético de reforma que depois se estenderia por todo o país

realizando esse gesto, o bispo levará ao cumulo a glória de província de São Paulo, que foi a primeira a dar o grito de independência política e se tornará ainda mais celebre por ser a primeira que reclama pelos direitos da Igreja do Brasil, salvo, porém, os direitos do primado de Roma, que reconhece e respeita (LUSTOSA, 1977, p. 97).

Além dos interesses da Igreja, o “grupo paulista” insistia na contribuição social que a reforma do clero traria para o país, pois a moralização do clero incentivaria a moralização dos fiéis, influenciando na prosperidade da pátria. Também a vida matrimonial do clero incentivaria leigos celibatários ao matrimônio, aumentando a população e tornando-a mais moralizada.

Em relação à igreja, a reforma solucionaria a escassez de clero, já que com a permissão do bispo de poder chamar pais de família ao estado eclesiástico - inclusive aqueles padres que foram dispensados que, sob determinadas condições⁶, poderiam ser readmitidos ao ministério sem problema de consciência ou escândalo para os fiéis.

A elaboração da Constituição Eclesiástica foi a maneira encontrada para, seguindo orientações do Concílio de Trento, imprimir as reformas necessárias na Igreja Católica no Brasil. Esse novo instrumento tinha como propostas: a) preservar da exigência do celibato conforme o direito Canônico; b) atribuir ao bispo a prerrogativa de demitir o sacerdote do estado eclesiástico, desonerando-o de suas obrigações (como celibato e a recitação do Ofício Divino) voltando à condição de leigo católico.

Da maneira como foi proposta o expediente de demissão, o Projeto de Constituição Eclesiástica efetua aquilo que Lustosa (1977) chama de “revogação

⁶ Segundo Lustosa (1977), entre as condições para a readmissão estão ter o próprio padre por questão de consciência ter solicitado ao bispo a demissão do estado eclesiástico e ter passado cinco anos de sua demissão.

branca”, pois permitiria o casamento do padre demitido, suscitando ainda a possibilidade de seu retorno ao ministério, conforme proposta feita no ano anterior, na Representação, da admissão, pelo bispo, de pais de família ao estado eclesiástico, como já fora citado anteriormente.

Por se tratar de dois instrumentos diferentes, o primeiro uma Representação⁷ (1834), e o segundo, uma Constituição Eclesiástica (1835), apresentados em circunstâncias distintas, os autores e pretensões eram as mesmas: diante o real *modus vivendi* do clero a solução era reformular a intransigência do celibato para preservar moralmente a vida da igreja tornando-a esteio da moral social. Dessa forma, os reformistas, legalistas que eram, conseguiriam manter a relação Igreja-Estado com mútuos benefícios.

Ainda de acordo com Lustosa (1977), os reformadores, em complemento à questão do celibato, propunham também que a formação dos padres (futuros e dos já constituídos) ocorresse no âmbito pastoral, quando acontecia a atuação desses profissionais religiosos as Caixas Eclesiásticas nas Paróquias para a manutenção e despesas da igreja a substituição do cabido pelo Presbitério para formar o “Conselho do Bispo” e a organização da igreja em Paróquias e capelas curadas. Segundo o autor, a mentalidade e a visão dos reformistas em relação aos negócios públicos, civis e eclesiásticos caracterizam o pragmatismo que permeavam suas propostas: não era a doutrina que se pretendia reformar, mas a prática relacionada ao modo de vida da igreja e de seus ministros ordenados, a fim de corrigir os desvios e resgatar a credibilidade da instituição e suas funções de “salvadora de almas” e esteio moral da sociedade.

Como sinais ainda desse pragmatismo político, não rareavam os expedientes para o distanciamento progressivo do ultramontanismo, sinônimo perfeito de absolutismo para os reformistas. Desligar-se de Roma não era a meta do “grupo paulista” e não passava pela sua mente o pensamento de um cisma e de igreja nacional independente (LUSTOSA, 1977, p. 136).

⁷ Representação tem por objetivo permitir o auxílio de uma pessoa na defesa ou administração de interesses alheios. Caracteriza-se pelo propósito de cooperação jurídica, que se alcança por seu intermédio. Fonte: www.direitonet.com.br/dicionario/exibir/1707/Representacao-Direito-Civil. Acesso em: 18 nov. 2018.

Essa visão que aproximava o espiritual e o temporal, muitas vezes sobrepondo um ao outro (o político ao religioso), em nome de um “liberalismo clerical” e da hipertrofia do político, levava a rivalidades e hostilidades decorrentes de interesses das opções partidaristas, mais que do interesse comum. Além de se considerarem mandatários para legislar em matéria eclesiástica, como faziam em matéria civil, ao terem em mente a Igreja como sociedade perfeita e aspirando o aperfeiçoamento da Igreja no Brasil, os reformistas se inclinavam (em suas ações) em direção ao Estado, ao atribuir-lhe a competência pelas reformas internas na igreja e burocratizando a administração dos bens espirituais (LUSTOSA, 1977).

Embora o autor destaque em sua conclusão que o grupo paulista não havia conseguido promover nenhuma mudança efetiva na igreja e, por isso, tenha silenciado⁸, consideramos importante destacar um aspecto: em virtude da complexidade da instituição eclesiástica (internamente convergência das forças de Deus e do homem, externamente, uma instituição entre várias outras que compõem a sociedade) é inviável pretender que alguma tentativa de reforma seja capaz de, na sua totalidade, renovar o modo de vida da igreja.

Pensamos que mudanças significativas possam ocorrer gradativamente no âmbito da instituição Igreja à medida em que novas críticas e propostas sejam apresentadas e assimiladas, no todo ou em parte. Nesse sentido, consideramos valorosa a contribuição do “grupo paulista” em atentar para os fatos e buscar alternativas para aperfeiçoar a instituição eclesiástica, adequando-a as peculiaridades culturais brasileiras.

⁸ Lustosa atribui o silenciamento do grupo paulista a cinco fatores: a não aceitação pela Santa Sé ao nome do Pe. A. Maria de Moura indicado para Bispo do Rio de Janeiro, num processo que se arrastou de 1933 até renúncia do padre à indicação em 1938; em 1937 o governo da Província de São Paulo fixa e aprova o regulamento para Cabido da Sé dentro das normas regalistas e à revelia das exigências do Concílio de Trento; as tendências liberais passam a serem condenadas desde a Encíclica *Mirari vos* do Papa Gregório XXIII (1832) até as Encíclicas de Pio IX *Qui pluribus* (1846), *Quanta cura* e *Syllabus* (1864); o sucesso das missões populares dos padres lazaristas em Mariana (MG) e Rio de Janeiro, afinadas com o ultramontanismo e que resultou na nomeação de D. Antônio Ferreira Viçoso para o bispado de Mariana. (LUSTOSA, 1977, 129).

1.2. Padre Amorim Correia e a primeira dissidência da Igreja Católica no Brasil.

Enquanto o “grupo paulista” tentou, no Brasil Império, reformular a Igreja para restaurar a moralidade do seu clero e da própria instituição, creditando ao governo temporal a prerrogativa de conduzir essa reforma, no Brasil República, duas dissidências aconteceram na Igreja Católica.

A primeira delas ocorreu em 1913 e foi protagonizada pelo Pe. Amorim Correia, em Itapira-SP. A segunda foi protagonizada por Dom Carlos Duarte Costa, em 1945, no Rio de Janeiro-RJ. Trataremos agora, das circunstâncias históricas em que esses cismas ocorreram tentando vislumbrar as motivações que levaram esses sacerdotes católicos a romperem com o catolicismo romano e fundarem suas próprias igrejas.

1.2.1. Panorama histórico⁹

Segundo Lustosa (1991), durante o período colonial (1500-1822) e no Brasil Império (1822-1889), a Igreja Católica no Brasil passou por um processo de estabilidade e segurança devido a total dependência do Estado, sob o ponto de vista político.

Com a Proclamação da República, a igreja se vê diante do liberalismo laico que tende a reconfigurar a relação entre o Estado e a igreja¹⁰, o que implica, além da perda da exclusividade, a preocupação com a questão econômica necessária para manutenção material da igreja e dos seus serviços religiosos. Para amenizar o impacto dos novos tempos, o clero católico se mobiliza para evitar que alguns itens fossem inseridos na nova constituição em processo de elaboração, como por

⁹ Marcio Carlos (2010) relata a história de fundação da ICAB na perspectiva histórica da própria cidade de Itapira e reúne informações sobre a biografia do padre Amorim Correia e a ICAB.

¹⁰ O Decreto 119-A de Rui Barbosa extingue o padroado e torna possível o reconhecimento jurídico para outros cultos e denominações religiosas.

exemplo, a lei de mão-morta e a proibição de ingresso no país de religiosos estrangeiros. Contudo, o Estado laico também imprimiu sua marca: os religiosos se viram impedidos do voto e as questões indígenas, antes confiada a Igreja, passa para a assistência leiga, através do Serviço de Proteção aos Índios¹¹.

Obstruídos da participação direta na política, a solução encontrada pela Igreja foi incentivar os fiéis a participarem ativamente da vida política do país, representando e defendendo os interesses da Igreja Católica em uma sociedade laica, principalmente na elaboração dos textos constitucionais. A mobilização dos católicos se dividiu em duas correntes. A primeira, representada pelos monarquistas conservadores, hostis às ideologias do novo regime - como o liberalismo maçônico, o positivismo, o agnosticismo e o ateísmo social. Em torno desse grupo se reuniram o povo do sertão, vigários e rezadores, que protagonizaram movimentos como o de Canudos (1896-1897). A segunda corrente aglutinava os defensores da República, pois a julgavam esse regime mais apropriado aos novos tempos de progresso do Brasil, com uma nova administração pública, desvinculada da dominação religiosa, e mesmo das subvenções estatais à Igreja Católica. Nesse grupo estavam a maioria dos católicos moderados, tanto fiéis clérigos como leigos, alinhados com o papa Leão XIII. O objetivo desse grupo era o de garantir, principalmente na legislação, a presença da Igreja Católica nos espaços oficiais do novo regime.

Para dar corpo a ofensiva católica, foram criados nas paróquias vários partidos católicos, com o objetivo de enviar representantes para a Assembleia constituinte (1889/91). Entretanto,

a constituição de 1891 apresentava, no seu espírito, um texto pouco aceitável para a igreja em razão do laicismo que a permeia, de ponta a ponta, desde o prólogo (exclusão do nome de Deus), até o artigo 72 com diversos tópicos de secularização, especialmente no que toca à instituição do ensino leigo nos estabelecimentos públicos (LUSTOSA, 1991, 27).

¹¹ O Serviço de Proteção ao Índio foi criado em 1910 e tinha por finalidade a assistência leiga aos índios para “civilizá-los” e transformá-los em trabalhadores.

Aos poucos, a igreja vai se ajustando ao novo *status quo* governamental, aproximando governo civil e governo eclesiástico em torno de interesses comuns, como foi no caso de Canudos em que para igreja não interessava um profeta nada ortodoxo e ao governo tampouco um messias de uma ordem social hostil à República.

Outros dois episódios lembrados pelo autor, em que igreja e estado se unem, gira em torno da nomeação do arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Joaquim Arcoverde à Cardeal – o primeiro latino americano – em disputa com México, Argentina e Chile; e o caso em que os governos do Brasil e da Bolívia chamam o Vaticano para auxiliar no caso do Acre (LUSTOSA, 1991).

Nesse processo de “aprendizagem da liberdade”, o clero católico se divide entre aqueles que rejeitam a República, porque veem nela a expressão de ateísmo que acompanhava a ideologia modernizante¹², e os que, seguros da marca indelével da religião católica na cultura nacional e na vida de seus habitantes, comemoravam a esperada complacência do Estado, como fica evidente no depoimento do Episcopado Brasileiro, por ocasião da comemoração do centenário da Independência.

“O atual regime assegura à Igreja certa soma de liberdades que lhe facilitam a dilatação do reinado de Jesus Cristo e, justo é confessarmos, os Poderes Públicos têm procurado aplicar a Constituição de modo não infenso ao catolicismo, que é entre nós a religião nacional, como para a grande república norte-americana é o cristianismo” (EPISCOPADO BRASILEIRO, 1957, p. 52 apud LUSTOSA, 1991, p. 29).

Essa polarização aconteceu também entre os católicos leigos, pois a ideologia modernizante reuniu de um lado os ultramontanos radicais, que denunciavam os vícios e desvios do “espírito moderno” e, de outro lado, os católicos realistas, minoria que reconhece e apoia os tempos modernos, ainda que, condenando a revolução nos costumes e valores prejudiciais à moral cristã. Aos poucos, a Igreja passa por cima da repugnância à ideologia liberalista, especialmente no campo religioso e vai se aproximando de grupos liberais numa convivência pacífica.

¹² Que aglutinava adeptos do positivismo, agnósticos e livres pensadores, resistentes aos planos da igreja de incluir na Constituição e na prática política do Estado as marcas da religião. (LUSTOSA, 1991).

No campo social, a estratégia da Igreja será converter os “meios pensantes”, formar nos colégios católicos uma elite segundo a tradição e moral católicas, para os postos de liderança e governo, até chegar o momento das reivindicações feitas através da mobilização das massas populares.

Foi no início desse cenário de pluralidade de pensamento e de lideranças políticas que aconteceu à primeira dissidência da Igreja Católica no Brasil. Enquanto ela procurava se acomodar na nova condição de liberdade em relação ao Estado, tinha também consciência da necessidade de manter alianças para constituir-se também como instituição estável e segura.

A fundação da Igreja Católica Apostólica Brasileira (ICAB), pelo Pe. Amorim Correia, em 1913, merece ser analisada nessa perspectiva mais ampla em que, no desenrolar das tramas políticas institucionais da ICAR, alguns personagens individuais passam, pelas alianças locais que fazem com determinados grupos de poder político e econômico, a não mais serem convenientes para os interesses mais amplos da instituição que representam..

1.2.2. Padre Amorim Correia

Manuel Carlos de Amorim Correia nasceu em Portugal em 1873. Filho de Teotônio e de Rosa Alves, ele ficou órfão de pai próximo de completar doze anos e, nessa ocasião, sua mãe vem para o Brasil com ele e seus dois irmãos, Antônio e Ana, permanece aqui por algum tempo e, ao regressar a Portugal, a mãe decide deixar no Brasil o filho mais velho, Manuel Carlos, levando consigo apenas os dois menores. Rosa Alves faleceu em 1914, aos setenta e dois anos de idade.

Manuel Carlos frequentou o Ginásio São Joaquim, dos Padres Salesianos, em Lorena (SP). Ao término dos estudos secundários, recorreu à mãe de Dom Neri para que intercedesse pela sua admissão no Seminário da Diocese do Espírito Santo, o que se confirmou; depois foi para o Rio de Janeiro, onde trabalhou no comércio até ser recebido no Seminário de Rio Comprido; seguiu para São Paulo e com a proteção

do Monsenhor Manuel Vicente, ingressou no Seminário Episcopal e onde, por duas vezes, foi preterido nas ordens. Finalmente, recebeu a primeira tonsura aos vinte e quatro anos, das mãos de Dom Néri, no Estado do Espírito Santo; recebeu as Ordens menores¹³ de Dom A. C. Alvarenga, em 1902, em São Paulo; o subdiaconato e o diaconato, no ano seguinte, por Dom Néri¹⁴ e, o presbiterado no mesmo ano pelas mãos de Dom Júlio Tonti, Núncio apostólico, na Sé Catedral de São Paulo (MATOS,1953).

Padre Amorim Correia exerceu seu ministério sacerdotal nas paróquias da Consolação e de Jundiáí como coadjutor; em Bananal, Araras e Itapira como vigário. Logo nos primeiros anos em Itapira, padre Amorim Correia combateu a devoção popular que se criou em torno da lenda da “Mãozinha”¹⁵. Em 1908, assim se refere o padre Amorim:

(...) É preciso que desapareça de vez a credence ridícula e supersticiosa, engendrada no cérebro de alguns pretos vadios e de algumas mulheres desocupadas, de que um toco de pau que ali apareceu, semelhante à mão de um morfético que ali morrera tem virtude divina. Tal credence só pode ter cabimento na mente de quem divulgou. Se pessoas há verdadeiramente devotas da Santa Cruz, ponham mãos à obra e façam ali a capela o quanto antes (A cidade de Itapira, 12 de março de 1908, apud LEMOS FILHO, 2000, p. 89).

Recorrendo a Brandão (1979), Lemos Filho (2000) assim resume as causas da dissidência:

Sua luta, como agente oficial do catolicismo, procurava atingir a ocupação dos espaços urbanos pelo catolicismo popular, seja proibindo festas, seja proibindo a devoção à “Mãozinha”. Segundo Brandão, apesar do teor autoritário e agressivo de seus ataques (do púlpito e dos jornais) aos lugares, rituais e agentes do catolicismo popular, o Pe. Amorim não conservou, com uma fidelidade irrestrita, a aliança de vigário com a elite rural de Itapira. Ele

¹³ O Concílio Vaticano II, convocado pelo Papa Paulo VI extinguiu as ordens menores (acólito, e exorcista, leitor e porteiro) e o subdiaconato.

¹⁴ Então Bispo de Pouso Alegre, mas que estava de passagem em São Paulo que na ocasião estava sede Vacante em virtude do falecimento de Dom Antônio Candido de Alvarenga.

¹⁵ Populares atribuíram sentido religioso ao nascimento de um cogumelo em forma de mão no local onde havia falecido de grave moléstia um pedinte. MANDATO (1999) descreve as origens e desdobramentos dessa devoção popular. Também RODRIGUES (2018) retoma a esse episódio antes de abordar a origem da ICAB em Itapira.

busca apoio junto à pequena burguesia católica e junto a grupos populares da cidade (LEMOS FILHO, 2000. p. 93).

A questão das alianças políticas, realizadas pelo padre Amorim, são retomadas mais tarde e novamente expostas por Brandão (1985) para explicar as razões do cisma do Pe. Amorim Correia com a Igreja Católica, o que deu origem à fundação em Itapira, a Igreja Católica Apostólica Brasileira (ICAB). Segundo o autor, a partir de 1910 um novo cenário começa a se articular em Itapira: primeiros conflitos entre colonos e agregados contra os grandes fazendeiros. Surgiram novas classes sociais em lutas pela defesa de seus interesses e as dissidências religiosas representaram uma simbiose de contestações que ocorriam tanto no campo político como no religioso. O rápido e acelerado crescimento da elite agrária, a transferência de parte de seu capital para a indústria da região que começava a se fortalecer, levou a uma ampliação local das classes subalternas, agora não só dos fazendeiros-coronéis, mas também das novas classes. Novos interesses se opunham: operariado e burguesia liberal aos donos do café e do poder.

Essa situação ajuda a explicar a transferência das formas de concorrência do campo político-econômico (novas classes em ascensão) para o campo religioso: a sociedade tradicionalmente católica vai convivendo com espaços de dissidências e de outras religiões não católicas. Ainda segundo o autor, foram as novas alianças feitas pelo Pe. Amorim com os fiéis urbanos - principalmente comerciantes de uma sociedade já industrializada e com uma próspera burguesia mercantil, em detrimento da aliança e atendimento dos interesses da elite agrária - que motivaram as punições da hierarquia e o conseqüente cisma. Naturalmente, nas justificativas para a excomunhão do Pe. Amorim não aparecem as motivações políticas, mas sim razões sobre as condutas morais do padre. Aquele mesmo padre que, dentro dos cânones da hierarquia católica, desqualificava e atacava as manifestações populares da religiosidade católica do povo simples e era a presença atuante da defesa da doutrina católica, passava agora a ser considerado “fora da ortodoxia” da Igreja.

Os desentendimentos entre Dom Néri e Pe. Amorim começaram a partir da sua manifestação de que desobedeceria às ordens do bispo em receber em sua paróquia os seminaristas em férias. Em seguida, publica em seu periódico artigos irreverentes

e hostis ao governo diocesano; declarou publicamente sua contenda com o Bispo Diocesano de Campinas e passou a sofrer rápida sequência de punições diocesanas, até ser finalmente removido da Paróquia da Penha, suspenso da ordem e, por final, excomungado ao fundar a ICAB.

Analisando as causas da ruptura com a igreja romana, Lemos Filho (2000) destaca

(...) é preciso notar que, após a separação entre Igreja e estado, a Igreja Católica ficou totalmente desprotegida, o que levou a uma tolerância maior de sua parte, com a finalidade de salvaguardar a unidade, o que poderia ter causado esta e outras dissidências. O certo é que o gesto do Pe. Amorim mostrou a divisão de diferentes grupos na cidade. Sua popularidade não agradou às classes dominantes, mas conquistou a pequena burguesia local, como comerciantes portugueses e pequenos fazendeiros, conseguindo, assim, graças a esse apoio, um espaço para a sua dissidência (LEMOS FILHO, 2000, p.94).

Quando Pe. Amorim foi excomungado e criou a ICAB, em 1913, foram os interesses desses novos grupos sociais que viabilizaram a coexistência em Itapira, de um novo Pároco enviado pelo Bispo para aniquilar a dissidente Igreja Brasileira e o padre cismático.

Pe. Amorim faleceu em 30 de agosto 1913 em sua chácara, em Itapira, e, apesar das investidas da igreja católica romana, a ICAB resistiu até 1936 como nos atesta Brandão (1985).

(...) se considerarmos que o substituto “romano” do padre Amorim veio para Itapira com ordens diocesanas expressas de aniquilar a Igreja Brasileira, o fato é que, ao invés de desaparecer de imediato, ela alternou momentos de expansão e de recuo, deixando o mundo religioso de Itapira, apenas cerca de vinte anos depois de criada e da morte do padre, debaixo de uma grave e definitiva cisão interna entre duas facções em luta pelo comando patriarcal e após sucessivas perdas judiciais frente à Igreja Católica ao poder secular, por volta de 1936 (BRANDÃO, 1985, 53).

No entanto, a iniciativa e o desejo do Padre Amorim de que a Igreja Brasileira se expandisse além dos limites geográficos de Itapira, não foi em vão: em 1945, o então Bispo da ICAR, dom Carlos Duarte Costa, se vê em conflitos com a igreja e, também relegado, protagoniza um novo cisma dando origem à nova igreja católica

que recebe o mesmo nome de ICAB em homenagem à iniciativa anterior do padre Amorim.

1.2.3. A ICAB de Itapira: doutrina e *modus operandi*.

Pe. Amorim fundou a ICAB em 30 de janeiro de 1913, no dia seguinte à expedição da Portaria comunicando a “pena de suspensão”, mas antes da excomunhão, em sua própria chácara e, aos 16 de fevereiro do mesmo ano, publicou seu Manifesto Pastoral¹⁶ no qual apresenta aspectos doutrinários e de organização da nova igreja, assim comentados por Matos (1953).

A nova religião, dizendo-se católica e apostólica e aceitando os ensinamentos da Igreja Católica Romana, negou, contudo o Primado do Romano Pontífice, a hierarquia dos Bispos, a necessidade da confissão auricular, a razão de ser do celibato eclesiástico, o direito do Romano Pontífice de conceder indulgências, títulos nobiliárquicos e de ditar leis ao mundo; a infalibilidade pontifícia, a distinção entre Bispos e Sacerdotes e a instituição divina do Matrimônio. Aboliu o uso do latim nas cerimônias do culto. O fundador tomou para si o título de Patriarca (MATOS, 1953, 643).

Inicialmente, Pe. Amorim celebrava em sua chácara e na casa de amigos, depois apossou-se da sede da “Igreja da Mãozinha” que por vezes combatera e havia já iniciado esforço para transformá-la em uma igreja “legítima” com as “bênçãos” da ICAR¹⁷; “adotou insígnias, cordão verde e amarelo na capa viatória, e cordão de seda verde, mesclado de ouro, no chapéu eclesiástico” (MATOS, 1953, p. 644).

¹⁶ A reprodução desse Manifesto Pastoral, tal como apresentado por Marcio Carlos (2010) está disponível em: <http://marciocarlosblog.blogspot.com/2010/12/continuacao-da-historia-da-icab-itapira.html>. Acesso em: 10 jun. 2019.

¹⁷ Em Memórias do Sagrado: estudos de religião e ritual, Brandão (1985) apresenta a trajetória de Amorim Correia de Padre católico, reconhecido pela própria instituição como exímio combatente da religiosidade popular à padre excomungado e fundador da primeira dissidência da igreja católica romana no Brasil.

Ele viajou para São Paulo, onde comprou objetos de culto para sua igreja; foi entrevistado por jornalistas; encontrou com alguns anticlericais e outros inimigos da igreja católica, e com maçons. Anunciou que faria uma Conferência em Mogi-Mirim e constituiu um Conselho Patriarcal¹⁸ para dirigir a ICAB, que teria entre suas atribuições, recrutar os padres suspensos da ICAR¹⁹ para compor o quadro da ICAB. Padre Francisco Arditt foi o responsável pela organização do primeiro prédio sede e do registro civil da nova igreja²⁰.

Segundo Matos (1953), a ICAB permaneceu em Itapira até 1935, oscilando períodos de animosidade em virtude da falta de padres. Durante seus 22 anos de existência, a ICAB de Itapira realizou cerca de 1100 batizados; teve, além de seu fundador, outros dois Patriarcas: Pe. Francisco Arditt – de 1913 a 1928-, e Arnaldo Cardoso – de 1928 a 1933 (ao que consta, não foi padre da ICAR); realizava festas e procissões principalmente na sua igreja matriz.

Geraldo Maria de Moraes, ao que parece, foi o último dirigente da ICAB em Itapira (até em 1935). Ele teria entregado as chaves da igreja ao prefeito em razão das divergências internas da igreja (MATOS, 1953).

1.3. Dom Duarte: Sacerdócio na ICAR e o segundo cisma.

Foram cerca de nove anos, da presença da ICAB em Itapira ao novo cisma com a ICAR e o restabelecimento daquele ideal. Assim pronuncia Dom Duarte sobre a nova igreja

Em homenagem ao Conego Manuel Carlos de Amorim Correia faço reviver a sua obra, dando o nome de Igreja Católica Apostólica Brasileira à Igreja, por ele fundada, que não foi adiante por não ser ele bispo (COSTA, 1945).

¹⁸ Esse Conselho só tomou posse em 4 de outubro de 1914, portanto, após a morte do Pe. Amorim.

¹⁹ Matos cita os seguintes nomes: Francisco Frederico Arditt; Carlos Augusto dos Santos; José Rossetti; Fernando Candido de Oliveira; Pelegrino Guarino (MATTOS, 1953, p. 644).

²⁰ Foi quem comprou o terreno onde ficava a Capela de Santa Cruz da “Mãozinha” onde se fixou a primeira sede da ICAB em Itapira.

Antes de falarmos na ICAB de Dom Duarte, fundada no Rio de Janeiro em 1945, convém lembrar sua trajetória de ministro ordenado pela ICAR até seu desligamento e fundação da nova Igreja.

Carlos Duarte Costa nasceu no Rio de Janeiro, em 21 de julho 1888; era filho de João da Mata Francisco Costa e de Maria Carlota Duarte Silva. Após fazer a primeira comunhão aos nove anos, foi levado por seu tio, Dom Eduardo Duarte Silva²¹, à Roma a fim de estudar para sacerdote no Seminário Menor do Colégio Pio-Latino Americano.

Em 1905, Duarte Costa regressa ao Brasil e conclui seus estudos seminarísticos no Seminário Diocesano de Uberaba. Em 1911, ele recebe a Ordem do Presbiterado das mãos de seu tio Dom Eduardo; retorna a Roma e faz doutorado em Teologia, na Pontifícia Universidade Gregoriana. Ao voltar para o Brasil, vai morar Rio de Janeiro, cidade onde tem início nos serviços eclesiásticos: foi nomeado Cônego Capitular pela publicação de um catecismo para crianças; recebeu o título de Monsenhor; foi nomeado Protonotário Apostólico²²; nomeado Secretário Geral da Arquidiocese do Rio de Janeiro e, em 1923, Vigário Geral daquela Arquidiocese. Foi sagrado Bispo pelo Cardeal Sebastião Leme de Oliveira Cintra em 1924.

Designado bispo de Botucatu-SP, toma posse do bispado em 1925. Dom Duarte Costa construiu a Igreja Catedral de Nossa Senhora Santana; o Seminário Diocesano; o Colégio dos Anjos; fundou a Congregação das Missionárias Terezinas; construiu um orfanato e o Palácio Episcopal São José. Em 1932, em apoio a Revolução Constitucionalista de 1932, organizou em Botucatu o “batalhão do bispo”, arrecadando dinheiro entre os fiéis e vendendo bens da Igreja²³: sua cruz peitoral de

²¹ D. Eduardo foi bispo de Goiás entre 1891 a 1896. Em 1896, por requisição do prédio do seminário para instalação de Hospital Militar, foi para Uberaba e, quando em 1907 essa cidade foi desmembrada do território eclesiástico de Goiás, foi nomeado Bispo da nova diocese de Uberaba, tomando posse como seu primeiro bispo em maio de 1908. Disponível em: <https://arquiocesedeuberaba.org.br/item/dom-eduardo-duarte-silva/>. Acesso em: 17 nov. 2018.

²² Honraria concedida por Roma a algum feito que mereça a homenagem.

²³ A venda de bens da ICAR também é relatada por MÉNDEZ, 1991.

ouro com ametistas e diamantes e uma fazenda da igreja (KLOPPENBURG, 1961). Sobre o “batalhão do bispo”, o jornal noticiou

A fim de tratar a oficialização de um batalhão diocesano que desejava organizar em Botucatu, esteve na Capital o bispo d. Carlos Duarte da Costa, que ontem regressou para sua diocese [...]. Ontem, finalmente, o batalhão diocesano de Botucatu foi reconhecido, tendo sido feita a seguinte comunicação do MMDC, ao major dr. Luiz Antônio Fleury de Assunção, delegado técnico de Botucatu: ‘Pedimos a v. s. dispensar todo o apoio e coadjuvação que estejam ao seu alcance, ao batalhão diocesano de Botucatu, ali organizado sob o patrocínio de d. Carlos Duarte da Costa., bispo da diocese [...] (CORREIO DE SÃO PAULO, 1932, p.3 apud RODRIGUES, 2018, p. .68).

A trajetória pessoal de Dom Duarte se desenvolve num período em que a igreja está se reorganizando enquanto instituição no novo cenário social e político brasileiro e, nesse contexto,

Entre Estado e a Igreja vai desenvolver-se uma Aliança implícita na qual os termos e alcance do relacionamento não são discutidos, mas as duas instituições sabem exatamente o que desejam e o que pretendem. E mais ainda: uma e outra têm consciência de que são necessárias negociações e concessões recíprocas na tentativa de conseguir os seus objetivos. A prática dos gestos e dos acontecimentos mostram como a igreja utiliza sua experiência tradicional e aproveitamento dos elementos que podem ajudá-la no abrir espaço junto ao Governo (LUSTOSA, 1991, p. 49).

A década de 1930 marca um período de vitórias sucessivas para a igreja: a Revolução de 1930 cedeu lugar a Aliança Liberal e seus planos de reformas políticas e econômicas. O Estado porém, se via temeroso com o poder crescente da igreja e se viu na necessidade de buscar e contar com a aprovação eclesiástica para dar andamento em suas ações e superar a instabilidade política; por sua vez, os bispos gozavam de prestígio no cenário sociocultural e sua capacidade de arregimentar as massas católicas através das reformulações pastorais assumidas pela Ação Católica.

Dom Sebastião Leme canaliza as aspirações do poder eclesiástico e, de outro lado, Getúlio desponta como canal da estratégia governamental do poder civil. As forças políticas que estão no poder ou em torno dele são: latifundiários; industriais; grandes comerciantes; burgueses de classe média, representados pelos profissionais

liberais, e operários. São “categorias que se debatem, se ajustam ou se desencontram na legitimação ou busca de utilização do poder político” (LUSTOSA, 1991, p. 50).

A Igreja dialoga e negocia com o estado se apoiando em “mediadores” conforme as circunstâncias do momento: se no fim do Império e início da República se apoiou nos latifundiários ou grandes comerciantes, agora, no decênio de 30, a Igreja vai se aproximar da classe média (burguesia) e do proletariado emergente (quantitativa e qualitativamente no que diz respeito a reivindicações) para debelar suas estratégias políticas eclesásticas em relação ao poder civil ou ao Estado.

As estratégias adotadas tinham uma meta principal: garantir sua influência direta e básica em matéria religiosa sobre a sociedade, através da instrução e formação, sobretudo dos jovens, alimentada pela tendência de manipulação política e cristianização progressiva do mundo operário.

Em 1931, os católicos conseguem aprovação do ensino religioso facultativo e fora do horário nas escolas públicas²⁴. Conquista parcial, pois a intenção era inclui-lo no programa regular, procurando destacar a presença e importância da religião (católica) na vida da sociedade brasileira, conforme lembra Lustosa:

A partir de 1920, o movimento político das reivindicações dos direitos sociais dos católicos comportam diversas espécies de táticas: mobilização das massas em grandes manifestações de fé como provam, no Rio de Janeiro, o Primeiro Congresso Eucarístico Nacional (1922), a vinda da imagem de Nossa Senhora Aparecida, proclamada Padroeira oficial do Brasil e a inauguração da imagem do Cristo Redentor no Corcovado com um congresso preparatório (LUSTOSA, 1991, p. 51).

Contando com a pressão social das massas, a Igreja não só se defende dos adversários (maçons e anticlericais), mas também fomenta seu programa de “cristianizar” a legislação. Com o adiamento das eleições para a Assembleia Constituinte e a crise que gerou a Revolução Constitucionalista de São Paulo (1932), a igreja não perdeu tempo: o Cardeal Leme, do Rio de Janeiro, formou uma Comissão Central com juristas, escritores e políticos, liderada pelo padre Leonel Franca, para

²⁴ Através de Decreto n. 19.941, de 30 de abril de 1931.

discutir os aspectos jurídico-legais sobre diversas matérias como o Código Civil e Penal, a Lei Eleitoral, o Ensino Religioso e a Defesa dos Direitos Familiares e garantir apoio a um grupo de católicos para formar a Liga Eleitoral Católica (LEC) no sentido de fazer pressão nas eleições de 1933 e na Assembleia Constituinte de 1934.

Através da LEC, a Igreja conseguiu colocar no Congresso um conjunto de representantes que atenderam as demandas da Comunidade Eclesial Católica.

A realização do I Concílio Plenário Nacional, em 1939, cuja organização foi amplamente amparada pelo governo, entusiasmou os católicos e os impediu de enxergar a

política interesseira de Getúlio Vargas, canalizando para seus propósitos a força significativa da comunidade eclesial na sociedade brasileira, através do uso do aparato eclesiástico, dos ritos e símbolos religiosos e dos atos cívico-eclesiásticos que, sorrateiramente, manipulava (LUSTOSA, 1991, p. 55).

Nessa mesma perspectiva, Getúlio fez questão de enfatizar a influência da doutrina social cristã na ação oficial do Estado em favor do proletariado, cooptando com facilidade líderes católicos para colaborar com setores governamentais na área trabalhista. O contágio de “populismo” getuliano atingiu a Igreja, que se inclinava a fazer do povo, sobretudo do operário, “massa de manobra” nos planos de exploração política do Estado. (LUSTOSA, 1991, p. 55).

Entremeada a essas questões institucionais entre Igreja e Estado, Dom Duarte continua suas investidas pessoais, não só nas questões político-ideológicas, mas também contra questões disciplinares da própria ICAR, como vemos a seguir:

[...] em 1936, na ocasião de sua segunda visita *ad lumina*, o bispo de Botucatu expôs ao papa Pio XI uma série de reivindicações relacionadas ao sacerdócio no Brasil. Entre as mais polêmicas estavam a celebração das missas em português; o fim do celibato obrigatório; substituição da confissão auricular pela confissão geral ou comunitária; instituição do diaconato permanente para leigos casados; celebrações da missa *versus-populum*, isto é, de frente para o povo, com o sacrário atrás do altar; organização de um conselho de bispos para governar a Igreja juntamente com o papa e a participação dos leigos na administração da Palavra, da Eucaristia e da Evangelização (RODRIGUES, 2018, p.70).

Ao que parece, as atitudes de dom Duarte não agradavam as lideranças da igreja católica. Em 1937 é destituído da administração de sua Diocese pelo Papa Pio XI “por atitudes políticas, mística desorientada, discordância da descentralização dos seminários maiores no Brasil, descalabro administrativo etc.” (KLOPPENBURG, 1961, p. 413) e recebe, do mesmo papa o título de bispo de Maura²⁵, o que o faz retornar para o Rio de Janeiro, continua a exercer as funções sacerdotais em condições especiais, com autorização do Cardeal Sebastião Leme.

Os anos que se seguiram ao seu rebaixamento a bispo de uma diocese extinta, continuaram de intensas investidas da propagação de seus ideais

Nesse momento, por volta dos anos 1940, o então bispo de Maura acentuou ainda mais seu discurso em favor de seus ideais, princípios que se mesclavam entre o campo religiosos (relacionados à doutrina da Igreja) e o âmbito político (contra o nazifascismo e denúncias de alianças da Igreja com as doutrinas totalitárias). Suas reivindicações religiosas e atitudes políticas o levaram a figurar cada vez mais nas manchetes dos jornais do período (RODRIGUES, 2018, 72).

Ao mesmo tempo em que ocupava as manchetes dos jornais, atraía cada vez mais a atenção do Estado e da própria Igreja. Em 06/07/1944, Duarte Costa foi preso e levado para Belo Horizonte. Lá, foi fichado como comunista e levado para Bonfim (MG), onde cumpriu prisão domiciliar por cerca de um mês. No ano seguinte foi excomungado pelo Vaticano

Sua expulsão foi ordenada por ofício da câmara Eclesiástica e assinada em 7 de julho de 1945 pelo arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Jaime Câmara, que se dirigiu ao clero e aos fiéis lamentando profundamente as atitudes do bispo e, conseqüentemente, a obrigatoriedade do enérgico ato contínuo (RODRIGUES, 2018, p. 83)

O motivo que levou o Vaticano a excomungar o bispo de Maura foi “heresia e propósitos de cisma com o estabelecimento de uma ‘igreja nacional brasileira’,

²⁵ Conforme a tradição católica Romana, quando um Bispo é afastado de suas funções, se atribui a uma diocese já extinta, portanto, tem efeito apenas simbólico. Nesse caso, refere-se a antiga diocese da Mauritânia, na África.

abolindo os ritos latinos” (A NOITE, 1945, apud RODRIGUES, 2018, p. 83). Era o reconhecimento do Vaticano que a ICAB já se constituía como dissidência.

1.3.1. ICAB: doutrina e *modus operandi*

A doutrina da ICAB é apresentada por Dom Duarte em seu Manifesto à Nação, publicado logo após a fundação da nova igreja, no dia 18 de agosto de 1945. Nesse Manifesto, ele anuncia o cisma, contesta a supremacia do Papa perante os demais bispos, apresenta os fatos que julga serem as causas de sua excomunhão, tece uma série de acusações à ICAR e, finalmente, apresenta a doutrina da nova igreja, sua organização e intenções enquanto movimento religioso: propagar-se mundo afora, conforme segue:

- a. Harmonia e concórdia entre todas as religiões, concedendo garantia absoluta de liberdade civil, política, filosófica e religiosa, não permitindo ser qualquer pessoa inquerida a respeito de suas crenças, para evitar que seja condicionada ou limitada, em qualquer direito ou dever;
- b. Admissão do divórcio e abolição o celibato eclesiástico;
- c. Rejeição a confissão auricular;
- d. Permissão aos sacerdotes de terem profissão civil ou militar;
- e. Celebração dos ofícios em língua vernácula;
- f. Separação da Igreja de Roma, para resgatar a pureza da igreja primitiva, ao que reporta a citação bíblica do evangelho de João, capítulo 1, versículos de 1 a 14;
- g. Sociedade religiosa, que tem por estrutura o Antigo e Novo Testamento;
- h. Católica, porque professa a fé em Cristo difundida em todo o mundo e considera irmãos todos aqueles que amam e respeitam a Cristo “como Deus, como Homem, como Filósofo”;
- i. Apostólica, porque “eu sou verdadeiro sucessor dos apóstolos e todos atos praticados por mim são validos e lícitos”;
- j. Brasileira, porque nacional, desagregada de Roma e não reconhece a primazia do Pontífice Romano.

Aspectos da organização da ICAB, enquanto entidade religiosa:

- k. Organiza-se em circunscrições eclesiais – as Dioceses, administradas por um Bispo;
- l. Os bispos são eleitos pelas comunidades religiosas de cada diocese, confirmados pelo clero e pelo episcopado nacional;
- m. A sagração episcopal seguirá o ritual da Igreja “Romana com seu Pontifical, para que não seja suscitada dúvidas sobre sua validade e da sagração episcopal e das ordenações de Diácono e de Presbíteros;
- n. Os bispos terão autonomia na administração da diocese, porem convocarão Concílios Estaduais ou Nacional sempre que houver interesse geral do Estado ou País, respectivamente;
- o. As dioceses, regulamentadas como personalidade jurídica, serão administradas de acordo com as leis do país;
- p. Estabelece hierarquia eclesial: Diáconos, Presbíteros e Bispos.
(COSTA, 1945)

Essas primeiras diretrizes da ICAB serão, como veremos mais adiante, complementadas e atualizadas pelos sucessores de D. Duarte. Mas, importa agora apontar a repercussão e a expansão da ICAB.

1.3.2. Os primeiros anos da ICAB.

No início, Dom Carlos Duarte adotou na ICAB as mesmas vestes, insígnias e o mesmo rito da Igreja Católica Romana, provocando a reação dos Cardeais de São Paulo (Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota, em agosto de 1945) que recorreu ao Ministro da Justiça, do então Presidente da República Getúlio Vargas. E o conflito entre ICAR e ICAB não parariam aí,

Certamente, o ponto mais alto das desavenças entre o catolicismo romano e sua dissidência se deu num arrastado imbróglio judicial. A ofensiva, nesse caso, partiu da Igreja Católica Apostólica Romana que, em 1948 – três anos após a fundação da ICAB -, entrou com pedido, no Supremo Tribunal Federal de impugnação, no qual condenava civilmente os atos da Igreja Brasileira [...], o Supremo Tribunal Federal (STF) deu ganho de causa à Igreja Romana. Dom Carlos foi acusado por católicos romanos de ser desprovido de inspiração divina e talento quando entendeu manter o hábito do catolicismo romano (RODRIGUES, 2018, p. 95).

Apesar da derrota, Dom Carlos Duarte não se deixou abater, entrou por duas vezes com recurso: a primeira, um mandado de segurança alegando liberdade de culto garantida pela Constituição, que teve parecer negado do supremo Tribunal Federal, a segunda, novo mamdado de segurança dessa vez no Tribunal Federal de Recursos, sendo por esse também negado. Para contornar as alegações judiciais de que de que a ICAB imitava a ICAR, Dom Carlos Duarte implementa algumas modificações na sua igreja, tais como

- a) A cor cinzenta para os hábitos eclesiásticos: batinas, sobretudos, capas, faixas, barretes, com distintivos verde-amarelo, aprovado por Nós;
 - b) Os Bispos usarão em suas batinas, vivos e botões vermelhos, faixa vermelha, com franjas ver-amarelo, barrete vermelho, com borda verde-amarelo;
 - c) O Rito Brasileiro, já em uso desde 7 de abril do corrente ano;
 - d) Vestes ou paramentos já, por Nós, aprovados, a saber [...]:
- [...] 3) Nas solenidades externas: Procissões, missas campais, etc., a Igreja Brasileira , aparecerá em público, com a sua bandeira própria, formada do seu escudo, a bandeira nacional, usando suas associações uma capinha cor de ouros, galões verde-amarelo, sob a presidência do sacerdote, que usará paramento cor de ouro (LUTA!, 1950, apud RODRIGUES, 2018, p. 97).

O bispo de Maura, depois dessas mudanças, continuou a expandir sua igreja e “Consagrou bispos e padres em São Paulo, Rio Grande do sul, Santa Catarina, Paraná, Goiás, Minas Gerais, Pernambuco, Ceará e até mesmo na Venezuela” (RODRIGUES, 2018, p. 97). Mas as contentas com a igreja romana e a rejeição de parte da sociedade é perceptível na forma ríspida como os jornais se referiam à sua atuação para dar continuidade à sua igreja

Seria seu desejo provocar um cisma, valendo-se para isto de todos os inimigos confessionalmente declarados da fé: - comunistas, ateus, anticlericais de todos os feitios. Decrépito, inculto e medíocre, porém, não conseguiu o seu intento. E por isso, mais desesperado ainda, passou a sagrar e ordenar cretinos de toda a estirpe e fomentar escândalos. Mete-se na política e escandaliza com seu procedimento; une por laços sagrados, indivíduos casados; profana a liturgia, oficiando o santo sacrifício e desfilando passeatas à guisa de procissões, ao som de cuíca e de pandeiro. [...] . felizmente ninguém o toma a sério: - os seus próprios “sacerdotes” o ridicularizam, o povo não lhe ouve os uivos rouquinhos. Chafurda-se na lama sozinho, sem conseguir impressionar incautos. Que Deus tenha pena de sua alma! (A CRUZ, 1949, p. 6).

Pelo tom áspero da matéria, ainda no esforço de anular os feitos do bispo de Maura e ignorar que a ICAB era uma realidade no cenário do catolicismo no país e não estava assim tão só. Mesmo após sua morte em 26 de março de 1961, a ICAB continua, embora quase sempre de maneira discreta, apresentando-se como uma alternativa ao catolicismo romano e, como no caso da cidade de Novo Planalto-GO, conforme Rodrigues (2018) antecedeu à ICAR na ocupação do campo religioso naquela cidade.

O bispo de Maura fez sucessores e, desses alguns se tornaram dissidentes e fundaram suas próprias igrejas. Hortal (1990) comenta sobre a fragmentação da ICAB

Dentro da própria ICAB, porém, surgiu diversas dissidências. Em 1970, por exemplo, D. Wilson Batista Dias fundou a Igreja Católica Apostólica Cristã, e em 1980, D. Dylmar Correa Baldoino da Costa proclamou-se Primaz da Igreja Católica Apostólica de Jerusalém. Ambos tinham sido previamente bispos da ICAB.

Também foram surgindo outras denominações, sem que tenhamos certeza de que, hoje, ainda subsistam: Igreja Católica Apostólica Independente, Igreja Católica Apostólica Nacional, Igreja Católica Apostólica Trinitária, Igreja Católica Ecumênica, Igreja Católica Peregrina da Região do Nordeste do

Brasil, Igreja Católica Ecumênica Episcopal. E “ordens” e “congregações religiosas” (...).

Em muitos casos, nem se constata uma ligação inicial com a ICAB ou com as suas ramificações. É o que acontece com o chamado Pe. Jair Pereira, fundador de uma “Rede Nacional de Missões Católicas”, em Minas Gerais e São Paulo, que anunciava o envio pelo correio, contra reembolso, de “hóstias consagradas”, “vinho consagrado”, e outras séries de objetos sagrados (HORTAL, 1990, p. 23).

Como veremos no Capítulo 3, a Rede Nacional de Missões Católicas ligou, na década de 1980, o padre Jair Pereira e Euclides Nunes. Esse último, consta, segundo documento da ICAC, na linha de sucessão apostólica de Dom Duarte. Também corrobora a presença da ICAB os vários atritos que continuaram existindo entre ela e a ICAR.

Sanchez (2002) ao analisar o conflito religioso entre a ICAR²⁶ e a Igreja ICAB, no início da década de setenta, trata a questão no aspecto das estratégias adotadas por elas, para manter e conquistar, respectivamente, espaços no campo religioso. Assim diz o autor

Os principais argumentos utilizados pela ICR para criticar a ICAB apontam para a auto compreensão que a primeira tem do seu lugar no campo religioso em geral. A posição de condenação às práticas da ICAB e expressa, inclusive, na forma pejorativa como essas práticas são vistas pela ICR, são exemplos da visão que esta última tem de si no interior do campo religioso brasileiro.

(...) Diante de uma igreja que manteve, em linhas gerais, as características próprias do catolicismo romano e que se apresentava em algumas regiões do Brasil como concorrente da ICR, sobretudo no âmbito da pastoral dos sacramentos, esta última constrói um discurso que procura deslegitimar as práticas da mesma, centrado na ideia de que a ICR é a herdeira legítima da tradição deixada por Cristo (SANCHEZ, 2002, p. 481).

Nesse sentido, ambas as igrejas procuram, a primeira em manter o prestígio e a legitimidade legada desde sua fundação, e a segunda, conquistar seu espaço no território nacional.

²⁶ Wagner Sanchez (2002) adota a abreviação ICR para Igreja Católica Apostólica Romana. Entretanto, preferimos adotar a abreviação ICAR neste estudo.

Uma abordagem diferenciada sobre o cisma na Igreja Católica no Brasil é realizada por Silva (2017). No artigo *“Um outro Catolicismo: O bispo de Maura e a Igreja Católica Brasileira”*, o autor analisa como a ICAB incorporou, sob alguns aspectos, o catolicismo popular, possibilitando assim, o rompimento de alguns religiosos com a ICAR, dentro de um contexto político mais amplo em que a questão do nacionalismo estava presente.

Em uma perspectiva maior, a história da ICAB, insere-se no âmbito da história das religiões e religiosidades, onde se pode observar a intrincada relação entre a religiosidade popular e oficial, entre a ortodoxia do clero e a heterodoxia do povo. No Brasil, as práticas da religiosidade popular, muitas vezes resultaram em conflitos sociais, resolvidos não em discussões teológicas e sim em atritos físicos. Neste sentido (...) a ICAB procurou canalizar para si algumas práticas dispersas e muitas vezes reprimidas pela Igreja Romana. O próprio bispo de Maura, no seu Manifesto à Nação, lembrava que a criação de uma Igreja Nacional era uma ideia antiga, que de tempos em tempos era levantada por críticos do Romanismo (SILVA, 2017, p.109).

Talvez seja essa aproximação que a ICAB promoveu entre Igreja e fieis que, entre outros motivos, tenha contribuído para que ela não só não desaparecesse, mas sobretudo, que tivesse servido de inspiração para o surgimento de outras igrejas católicas ainda mais próximas da linguagem de parcela significativa da população. Veremos a seguir, como não só a ICAB resistiu ao tempo mas também, como foi se reorganizando para manter sua presença no campo religioso brasileiro.

1.3.3. Os documentos oficiais da ICAB ao longo do tempo

Em Brasília, aos 18 de agosto de 1990, foi aprovado pelo Conselho Extraordinário, sob a presidência do então patriarca Dom Luís Fernando Castilho Méndez, a Doutrina e o Credo Social da ICAB.

Essa doutrina consta de 22 artigos e o Credo, 14 artigos. Eles aprofundam alguns aspectos abordados no Manifesto a Nação, de Dom Duarte, ou sistematizam uma doutrina que não estava explícita, mas que pouco difere da ICAR. Dessa

doutrina, destacamos: a crença em Deus e na Trindade Santa; o Credo dos Apóstolos, conforme o Concílio de Niceia; a Bíblia como única regra infalível de fé e moral; aceitação da concepção de Jesus como obra do Espírito Santo; crença na sucessão apostólica ininterrupta; crença nos poderes conferidos por Cristo aos apóstolos e transmitidos aos bispos e seus legítimos sucessores, entendendo que estes recebem “plenos e divinos poderes para atar e desatar” (artigo 12); crença nos sete sacramentos, como sinais visíveis da graça de Deus; crença na validade das ordenações de Diáconos, Presbíteros e das Sagrações Episcopais “desde que conferidas por bispos detentores da legítima sucessão apostólica e das intenções de fazê-las” (artigo 22).

O XIV Concílio Nacional da ICAB, em Brasília, de 14 a 18 de julho de 1997, aprovou a reforma nos Estatutos da ICAB, também sob a presidência de Dom Luís Fernando C. Méndez. Logo na apresentação, D. Méndez afirma que a ICAB “goza de uma peculiaridade (...) com seu Rito e Vestes, passou a ser (...) mantenedora da ideologia Católica Apostólica” (MÉNDEZ, 1997, p. 3). Esse novo Estatuto apresenta nove Capítulos e quarenta e um artigos, onde estão discriminadas Finalidades, Membros, Disciplina, Hierarquia, Poderes da Igreja, Administração, Tribunal Eclesiástico, Patrimônio e Disposições Transitórias, portanto ocorre a ampliação do que foi registrado em 1945 por D. Duarte que tinha sete capítulos e trinta e quatro artigos, assim discriminados: Finalidade, Hierarquia, Administração, Contas, Sócios, Patrimônio, e Reforma do Estatuto.

O novo Estatuto apresenta como Finalidade da Igreja a propagação do Cristianismo, pregando as verdades encontradas nas Sagradas Escrituras proclamadas até o Concílio de Constantinopla os Credos dos Apóstolos, de Nicéia, de Santo Atanásio e da Doutrina aprovada pela Igreja. Nesse novo Estatuto se exclui o que constam nos Artigos 6 e 8 de 1945, que impedia qualquer inquisição em relação às crenças pessoais e assegurava o direito a “todas as religiões, sem exceção nenhuma” de utilizar os templos e espaços da ICAB, para seus cultos e organizações sociais próprias.

A redação de 1997 deixa explícito que a ICAB não remunera seus dirigentes ou demais membros (Cap. II, Art. 3º §3º), mas também nada menciona a respeito sobre o exercício de profissão ou atividade civil que garanta o sustento dos que à

igreja se dedicam; prevê a elaboração de um Regimento Interno e de um Tribunal Eclesiástico para cuidarem dos assuntos disciplinares (Cap. III, Art. 4º).

No Capítulo IV, Da Hierarquia, depreendemos: a hierarquia é formada por Diáconos, Presbíteros (ou Padres) e Bispos, que são responsáveis pela Administração da Igreja (Art. 9º); estabelece como procedimento para a Sagração Episcopal, a presença de um Bispo Sagrante e de outros dois Co-Sagrantes de acordo com o Pontifical Romano, com idade mínima de 33 (trinta e três) anos e Curso Superior Completo (Art. 12, § 2º e 3º), mas não especifica ou exige em qual área de formação; para o Diaconato e Presbiterado estabelece, respectivamente, as idades de 18 e 21 anos, Ensino Fundamental e Médio Completos, e Curso Seminarístico. O Estatuto de 1945 previa apenas que fosse sagrado “por um outro Bispo” (Art. 3º), e que candidatos à vida eclesiais (Diáconos, Presbíteros e Bispos) “terão um curso de escrituras sagradas (Art.13).

O capítulo VII cria o Tribunal Eclesiástico a ser constituído por três Bispos e dois presbíteros de “notório saber jurídico” (Art. 26), ainda que um Código Eclesiástico esteja em processo de regulamentação (§ 8º). Em Das Disposições Transitórias, Cap. IX, destacamos o Art. 32 que veta a Diáconos e Presbíteros que saindo da ICAB e recebendo a ordem imediatamente superior em outra “Instituição Religiosa” seja (re)admitido para “exercer qualquer atividade eclesial, o que a princípio parece contradizer o prescrito no Estatuto de 1945, no Art. 5º, “não podendo qualquer pessoa ser inquerida, sob nenhum pretexto, com relação às suas crenças, para que não fique condicionado ou limitado qualquer direito ou dever” e mais adiante, “ em todos os templos e em todas as organizações da Igreja Católica Apostólica Brasileira, poderão funcionar, com seu culto e suas organizações sociais, todas as religiões, sem exceção de nenhuma(Art.8º).

Os Sacramentos administrados pela ICAB são os mesmos que o da ICAR, com exceção da Confissão (Art. 33); os Santos venerados são os mesmos da Tradição Católica Romana até 1945 (ano do cisma) e os que “foram e os que serão elevados às honras dos Altares pela Assembleia a Geral da ICAB” (Art. 34).

Pelo exposto nesse capítulo, podemos inferir que, gradativamente, as inquietações de algumas pessoas conseguem ser de tal modo sistematizados que

acabam por promover mudanças na instituição da qual fazem parte, seja pela autorreflexão e a percepção da necessidades de que algumas mudanças, depois de certo tempo de amadurecimento, são necessárias, seja porque, ao serem combatidas, acabam por canalizar ainda mais esforços de contestação. Padre Amorim Correia e Dom Duarte Costa, tiveram parte de suas vidas dedicadas ao serviço e à causa do catolicismo romano, em que pesem seus temperamentos fortes como atestam alguns relatos, em parte esses temperamentos também deram causa à reconhecida eficácia de suas missões (para lembrar, padre Amorim recebeu o título de Cônego e Dom Duarte o de Protonotário Apostólico). A excomunhão de ambos pela ICAR e, mais tarde, a admissão, pela mesma ICAR, de um ex-pastor Presbiteriano, fundador de sua própria igreja e que recorreu ao bispo de Maura para integrar a sucessão apostólica nos impele a questionar sobre quais são os critérios adotados pelo catolicismo romano para definir quem pode ou não integrar sua hierarquia. No capítulo seguinte, veremos um pouco da trajetória de Salomão Ferraz.

CAPÍTULO 2: SALOMÃO FERRAZ

A segunda dissidência na ICAR, promovida por Dom Carlos Duarte Costa, em 1945, teve maior repercussão no campo religioso brasileiro e, especificamente para a ICAR, por duas razões básicas: primeiro, por Dom Duarte ser bispo sagrado pela ICAR e, segundo porque, em virtude das circunstâncias que caracterizaram a fundação da ICAB, sua flexibilidade doutrinária e ausência de critérios para a admissão de candidato ao sacerdócio, acabou por dar origem a várias dissidências internas e, conseqüentemente, à criação de outras tantas igrejas independentes da própria ICAB.

Concomitante, no calor da diversidade de religiões presentes na sociedade brasileira, a partir da década de 80²⁷, surgiram outras igrejas que, embora sem nenhuma relação direta com a ICAB, parecem ter aproveitado a pulverização de igrejas católicas nacionais para também se estabelecerem, a exemplo da Rede Nacional das Missões Católicas e da Igreja Católica Apostólica Carismática (ICAC)²⁸.

Entender a origem de alguns dos catolicismos alternativos, como é o caso da ICAC, exige uma passagem por um personagem que transitou pelas Igrejas Presbiteriana, Anglicana, e que fundou a Ordem de Santo André a sua própria igreja, a Igreja Católica Livre (ICL), sendo ainda, depois desses feitos, admitido Bispo pela ICAR,

Salomão Ferraz inseriu-se na sucessão apostólica de acordo com a tradição da ICAR ao ser sagrado Bispo por Dom Duarte na ICAB. Mais tarde, admitido e reconhecido sua sagração episcopal pela ICAR, suscitou, segundo Guedes (2013) a

²⁷ O Instituto de Estudos da Religião (ISER) publicou, em três volumes, os resultados dos debates que reuniu religiosos e cientistas sociais que tinha como tema geral a diversidade religiosa no Brasil. Esses volumes foram organizados por Leilah Landim.

²⁸ Esta mesma sigla pode também indicar a Igreja Católica Apostólica Cristã e a Igreja Católica Apostólica Conservadora, contudo, neste trabalho utilizaremos essa sigla apenas para nos referirmos à Igreja Católica Apostólica Carismática.

reorganização em 1966, da ICL sob a direção de Manoel Ceia Laranjeira, com o nome de Igreja Católica Apostólica Independente no Brasil.

2.1. As trajetórias de Salomão Ferraz

Salomão Ferraz nasceu em 1880, filho de Belarmino Nunes Ferraz e Maria Santana Barbosa. Seu pai era Pastor Presbiteriano. Também ele foi ordenado aos vinte e dois anos e eleito Pastor titular de Itapeva-SP. Em 1903, casa-se com Emília Cagnoto e dessa união nascem sete filhos (Annita, em 1904; Noemi, em 1906; Nair, em 1908; Hermes, em 1909; Plínio, em 1913, Ruth, em 1914 e Ester, em 1916); aos quinze anos foi secretário da escola dominical; como sócio fundador da Associação Cristã de Moços (ACM); colaborou com o Jornal “O Combate” do seminário, quando lá se preparava para ser pastor.

Logo no início de sua carreira de pastor presbiteriano, o jovem Salomão Ferraz passa por uma crise de fé que o marcou profundamente e à qual, mais tarde, algumas vezes vai se referir em seus escritos. Segundo o relato de um de seus filhos, o ambiente religioso da época estava conturbado

Reinava naquela época duas espécies de lutas eclesiásticas envolvendo a religião, o que significa, envolvendo a própria fé: uma luta externa, entre católicos e protestantes, e uma luta interna, na qual se digladiavam os próprios ministros, dentro da Igreja Presbiteriana. Descreveremos, em traços rápidos, ambas as contendas que, além de perturbar a paz e acirrar os ânimos, aumentaram ainda mais as dissensões já existentes e criaram outras entre os seguidores de Cristo, abalando a fé e desencorajando muitas vocações para o sacerdócio (FERRAZ, 2002, p. 8).

Em 1908, volta a publicar o jornal “A imprensa Evangélica” (órgão de divulgação da igreja); fundou ainda a escola Americana e o jornal “A Espada”, em Belmonte-BA; em Rio Claro/SP, colaborou com o jornal “O Puritano”; publicou e *Princípios e Métodos* (1915) e *A fé Nacional* (1932), nos quais, entre outros escritos, manifestava suas ideias ecumênicas e o tornara, segundo Léonard (1981):

conhecido por nós como defensor da validade do batismo católico e campeão da ideia de um protestantismo que não se coloque em oposição às tradições e aos hábitos espirituais do país. Essas ideias, expressas em 1915 em seu livro *Princípios e Métodos*, colocaram-no em dificuldade com a igreja Presbiteriana, onde havia feito sua profissão e era pastor, levando-o a ingressar na Igreja Episcopal (LÉONARD, 1981, p.130).

Essa transferência de Salomão Ferraz de uma igreja para outra, não deve ser negligenciada, pois vai se repetir em sua trajetória com intento de executar, a sua maneira, os ideais que perseguia de união dos cristãos. É justamente sobre a união dos cristãos, incluindo os católicos romanos, que causaram inquietação no meio evangélico, pois

Ele chega à conclusão que não era necessário batizar novamente os católicos romanos que viessem professar a fé evangélica protestante e toma a decisão de receber cinco pessoas sem rebatizá-las (GUEDES, 2013, p. 53).

Ao ser elogiado pelo Bispo da Igreja Episcopal Brasileira²⁹, Salomão Ferraz decidiu ir para a Igreja Episcopal com o intuito de, sem resistência, dar continuidade ao seu projeto ecumênico. Sobre a transferência de Salomão Ferraz para a nova igreja, assim relata Guedes (2013)

Mas diante de toda repercussão negativas e as pressões que lhe sobreveio, o Rev. Salomão Ferraz opta por desvincular-se da Igreja Presbiteriana e vincular-se primeiramente à Igreja episcopal Brasileira, que havia acolhido com alegria suas propostas expostas em "*Princípios e Métodos*" (GUEDES, 2013, p. 55).

Em 1917, ele é aceito membro da Igreja Episcopal Brasileira (hoje Igreja Episcopal Anglicana do Brasil), e é ordenado Diácono. No ano seguinte, ordena-se

²⁹ Dr. Lucien Lee Kinsolving, Bispo da Igreja Episcopal, escreveu em 9/9/1915 elogiando e solicitando exemplares pela da obra *Princípios e Métodos* para distribuir entre seus clérigos (FERRAZ, 2002).

Presbítero pela imposição das mãos de Dom Kinsolving e, a partir daí até 1924, foi pároco no Rio de Janeiro. Sua presença na Igreja episcopal, assim foi relatada

Na Igreja Episcopal, Salomão Ferraz foi pároco das igrejas do Méier e de São Paulo Apóstolo, em Santa Tereza (1918-1924). Traduziu a vida de São Paulo de James Stalker (1918); foi membro das comissões: de Eleições, da Publicação dos Cânones da Igreja Episcopal (1918), da Imprensa (1919), das Escolas Dominicais, Junto ao Congresso Evangélico, de Novas paróquias, dos Delegados Leigos e de Revisão do Livro de Orações Comum (1922-1928). Foi pregador conciliar no 22º Concílio (1920); fundou o jornal de propaganda evangélica O Clarim (1921), o Manifesto do Clero Evangélico do Rio de Janeiro (1922) e a Oração da pedra (1924), discurso pronunciado no lançamento da pedra fundamental da Igreja de São Paulo Apóstolo (FERRAZ, 2002, p. 45).

Sua situação confortável na Igreja Episcopal começa a mudar quando, em 1925, a Igreja Episcopal dos Estados Unidos da América elege para Bispo do Brasil Dom William M. M. Thomas. Nove anos mais tarde tem início os desentendimentos entre os dois. Dom Thomas não era favorável às reformas introduzidas no rito episcopal (sinal da cruz, velas, crucifixo no altar, pregação sobre a transubstanciação e a substituição do termo “culto” pelo “missa”) com o objetivo de aproximar católicos romanos e protestantes. Nesse ínterim, Salomão Ferraz funda em 1928 a

[...] Ordem de Santo André para partilhar obras benemerentes com cristãos de outras denominações, através do anúncio de Jesus Cristo, assistência humanitária e participação da Sagrada eucaristia, anunciando um ecumenismo mais amplo (FERRAZ, 2002, p. 45-46).

Outra publicação de Salomão Ferraz “Fé Nacional” (1932) onde manifesta seu desejo de, por lado, aproximar-se do catolicismo, mas por outro, de constituir uma igreja com direção nacional, faz crescer o descontentamento de vários setores, dentro e fora da igreja episcopal. Cerca de cinco meses depois de ser suspenso pelo Bispo Thomas, Salomão Ferraz deixa a Igreja Episcopal, reúne alguns seguidores em Congresso e funda, no mesmo ano de 1936, a Igreja Católica Livre (ICL) (FERRAZ, 2002).

Enquanto bispo da igreja que ele próprio fundara, Salomão Ferraz perseguia a legitimidade da sucessão apostólica. Para essa finalidade estabeleceu contatos com várias Igrejas fora do Brasil, mas foi com Dom Duarte Costa, na época já com o título de Bispo de Maura da ICAR, é que Salomão Ferraz alcançou esse objetivo: em 15 de agosto de 1945, Salomão Ferraz foi sagrado Bispo por Dom Duarte Costa, conforme reprodução da Ata a seguir:

Consta da respectiva ata que “Realizou-se hoje, dia quinze de agosto de mil novecentos e quarenta e cinco, Festa da assunção de Nossa Senhora, as dez horas e trinta minutos, no templo da Igreja Cristã de São Paulo à rua Baronesa de Itu, número quarenta e oito, nesta cidade de São Paulo, a Sagração episcopal de S. Excia. Revm^o Dom Salomão Ferraz, Bispo Eleito de São Paulo. Transmitiu a herança apostólica ao eleito, S. Excia. Revm^o Dom Carlos Duarte Costa – Bispo do Rio de Janeiro (FERRAZ, 2002, p.53).

Sagrado bispo, conta-se que Salomão Ferraz costumava andar pelas ruas e participar de solenidades sociais, devidamente paramentado com batina igual a usada pelos bispos da ICAR. Entre esses episódios, consta os enganos de que foram vítimas inclusive, sacerdotes e freiras do catolicismo romano que, enganados, prestaram a princípio as devidas honras aquele bispo como se da ICAR fosse. Por isso

Diante destes e de outros incidentes, as autoridades eclesiásticas da Igreja Romana resolveram recorrer às autoridades policiais, sob o fundamento de que o uso da batina em público era privilégio exclusivo do clero católico romano. Assim sendo, conseguiram uma ordem de prisão, distribuída a todas as delegacias. Dom Salomão enfrentou o problema passando um dia inteiro andando de batina pelas ruas, principalmente no centro da cidade... (FERRAZ, 2002, p. 54)

Até esse momento, a trajetória de Salomão Ferraz já seria digna de consideração: havia integrado a hierarquia das Igrejas Presbiteriana e Episcopal; fundado, ele próprio, a Ordem de Santo André e a ICL e, agora, ao receber a sucessão apostólica, vincula-se à história da ICAB e, portanto, de uma dissidência formalizada da ICAR. Mas não acabou: sua próxima iniciativa será aproximar-se da ICAR, na expectativa de executar seus ideais sem maiores resistências. Por isso

Não obstante os progressos conseguidos pelo movimento católico livre (...) Dom Salomão sentia a necessidade de imprimir uma atividade mais intensa à sua vocação ecumênica, sem as pressões dos opositores, sobretudo do clero católico-romano. Este via suas fileiras cada dia mais desfalcadas por falta de vacações e pela debandada cada vez mais intensa de seus sacerdotes para outras organizações religiosas (FERRAZ, 2002, p. 60).

Da mesma maneira que, ao sentir a hostilidade diante o esforço em imprimir suas ideias na Presbiteriana e depois na Episcopal, Salomão Ferraz funda sua própria igreja, e, ao se dar conta de não possuir legitimidade suficientemente reconhecida, busca em Dom Duarte a sucessão apostólica, ignorando as contendas desse com a ICAR, agora vê a oportunidade de anular as hostilidades sofridas e recuperar fôlego para sua empreitada. Então

Foi por isso que, no dia 8 de dezembro de 1959, às 8:30 horas da manhã, na Capela do Menino Jesus, Dom Salomão, perante S. Em. Sr. Cardeal Dom Carlos Carmelo de Vasconcellos Motta, fez voto de profissão de fé católica e assinou o respectivo termo de compromisso. (...) Foi ele, assim, solenemente admitido na Igreja Católica Romana como Bispo Superior da Ordem de Santo André. O cardeal Dom Carlos Carmelo falou sobre o significado da solenidade e benzeu-lhe o anel. Em seguida, Dom Salomão saudou o Cardeal: Parainfaram o ato do Comendador Mário Antunes Maciel Ramos e o desembargador Laurindo Minhoto Júnior. (...) Nessa mesma igreja, às 9 horas, Dom Salomão celebrou a primeira missa como bispo da Igreja Católica Apostólica Romana, acolitado pelo Pe. Nicolau Rossetti S. J. e Monsenhor Costa Neves. (FERRAZ, 2002, p.60).

Se, por lado, o evento marca o ingresso de Salomão Ferraz na hierarquia do catolicismo hegemônico, no qual acreditava pôr em execução seus planos agora sem maiores resistências, do lado da ICAR, a solenidade recebeu tratamento discreto, como relata a biografia escrita pelo filho de Salomão Ferraz, como segue:

A Capela do Menino Jesus, modesto recinto religioso, foi certamente escolhido para evitar dar ao ato uma repercussão maior; ou porque o ato, no entender dos promotores, não tinha grande importância, ou para evitar alguma manifestação desfavorável do público católico romano (FERRAZ, 2002, p. 60).

Salomão Ferraz, ao ingressar na ICAR, não só se viu impedido de continuar seu projeto ecumênico, como precisou retroceder em questões e seguir o tradicionalismo católico romano

Uma vez recebido na Igreja Romana, Dom Salomão continuou a rezar missa todos os dias; porém, não mais o fazia em língua portuguesa, a língua do povo, mas segundo a liturgia católico-romana, em latim. Estranhou profundamente a mudança, a ponto de achar que a celebração da missa não tinha mais significado. Foi sua primeira decepção (FERRAZ, 2002, p.61).

Ao perceber as resistências encontradas na ICAR aos ideais que orientaram a criação da ICL, entre 1965 e 1966, Salomão Ferraz orienta Dom Manoel Ceia Laranjeira a retomar os ideais da ICL que, ao ser reorganizada, recebe o nome de Igreja Católica Apostólica Independente no Brasil (ICAIB).

Ao refazer, embora brevemente, a trajetória de Salomão Ferraz, passando por algumas igrejas e fundando outras, até integrar a hierarquia da ICAR, onde terminou, de maneira discreta, seus dias, podemos perceber que a disputa pelo campo religioso acontece, além da esfera institucional entre as igrejas, também na esfera pessoal, onde a determinação para executar ideais pessoais leva à complexas teias de igrejas que constituem o campo religioso brasileiro católico.

A esse respeito, importante lembrar que Salomão Ferraz e Duarte Costa escreviam histórias diferentes. O primeiro, nascido e criado numa igreja dissidente do Catolicismo, aprendeu a enxergar para além dos ditames da instituição religiosa, buscando aperfeiçoá-la. Ao ser contrariado, buscava novos rumos, mas sem causar perfídia. O segundo, nascido e criado na Igreja Católica, buscou também a aperfeiçoá-la, mas contrariado, se opôs ferozmente, disferindo contra ela toda sorte de acusações. Esses aspectos da diferença de personalidades e objetivos não constituiu, portanto, impedimento para que buscasse adentrar na sucessão apostólica através de dom Duarte.

CAPÍTULO 3: A IGREJA CATÓLICA APOSTÓLICA CARISMÁTICA - ICAC

Este capítulo tem como objetivo inserir a ICAC no contexto das outras igrejas igualmente denominadas católicas para, a partir daí esboçar o que até o momento foi possível saber sobre a Igreja Católica Apostólica Carismática (ICAC). As informações aqui apresentadas derivam, em grande parte, dos sites e blogs da própria ICAC e de seus líderes (bispos e padres), mas também daquilo que sobre ela escreveram alguns integrantes da ICAR para instruir o próprio clero e seus fiéis.

3.1. Um Universo de Igrejas Católicas no Brasil.

Quando nos referimos à “igreja católica” o que vem à mente de não estudiosos das religiões ou demais áreas do conhecimento é a Igreja Católica Apostólica Romana, entretanto a igreja católica se compõem da reunião de vinte e quatro³⁰ igrejas consideradas “*sui juris*”, expressão latina que significa “de seu direito” e têm, portanto, autonomia para estabelecer seus ritos e disciplinas, embora todas estejam em comunhão com o líder da igreja católica apostólica romana, o Papa, o que implica em lhe prestarem obediência e compartilharem os mesmos dogmas, compondo o que é referido como igreja Una, Santa, Católica e Apostólica.

Nesse terceiro capítulo, o objeto de estudo não são as igrejas católicas em comunhão com Roma, mas sim a ICAC. Essa igreja, se insere no contexto das igrejas que foram fundadas a partir da cisão com a ICAR ou, de alguma forma, em referência

³⁰ As vinte e quatro igrejas católicas que compõem a considerada igreja Una, Santa, Católica e Apostólica são: uma de rito ocidental – a igreja católica apostólica romana, e vinte e três de ritos orientais, marcadas pela diversidade das tradições e dos aspectos históricos das regiões onde estão estabelecidas, podendo ser de tradição litúrgica alexandrina, bizantina, armênia, maronita, antioquena ou siríaca ocidental, caldeia ou siríaca oriental. Nas referências há indicação do Decreto do Vaticano sobre as Igrejas Orientais, de Paulo VI.

à ICAR e, uma vez fundada, apresentam diferentes alternativas de “ser católico” no Brasil. Para as autoridades da ICAR, essas outras igrejas católicas compõem-se de “falsos católicos” e constituem motivos de preocupação pois podem levar ao engano e atrair os fiéis romanos mais incautos. Os representantes desses catolicismos alternativos, por sua vez, justificam sua legitimidade ora recorrendo à sucessão apostólica que quase sempre remete aos bispos ordenados por Dom Duarte, ou a Bispos dos veterocatolicismos³¹. Fato é que, uma vez constituída a igreja portadora de alguma referência ao catolicismo, essa já representa mais um ator social em disputa no campo religioso brasileiro e, portanto, traz novas configurações que precisam ser compreendidas.

Apresentamos abaixo, uma tabela com algumas igrejas católicas presentes no Brasil. Apontamos aqui a dificuldade para a elaboração dessa tabela: pesquisar pela internet por “igrejas católicas” nos conduz a um vasto horizonte e, por essa razão, aqui temos alguns exemplos a fim de ilustrar um cenário, ao que parece, ainda pouco explorado pela pesquisa científica. Para as finalidades desse trabalho, optamos por nos referir, quando ao conjunto delas, como igrejas alternativas. Não consideramos também adequado, referir a essas igrejas católicas como “brasileiras”, para não incorrer no risco de associá-las indevidamente à ICAB pois, embora, em alguns casos a sucessão apostólica remeta a Dom Duarte, essas novas igrejas católicas também não estão vinculadas a ela e, portanto, as expressões “separadas” tal como usada por Mota (2018) em referência ao catolicismo romano ou “brasileiras” não nos parece adequadas para nos referirmos a essas que constituem diferentes alternativas para ser católico no Brasil.

³¹ Denominam-se Igrejas Veterocatólicas as Igrejas Nacionais e as Igrejas Católicas independentes surgidas após o Concílio Vaticano I que discutiu, entre outros assuntos, a infalibilidade papal. Embora separadas de Roma (da autoridade do Papa) seus sacramentos são reconhecidos pela ICAR.

Tabela 1: Igrejas Católicas alternativas

Denominação	Fundador	Fundação (Ano/Local)	Endereço Eletrônico
Igreja Católica Apostólica Brasileira (ICAB)	Pe. Amorim Dom Duarte	1913/ Itapira-SP 1945/ Rio de Janeiro-RJ	https://novo.igrejabrasileira.com.br/
Igreja Católica Livre no Brasil (ICL)	Salomão Ferraz	1936/ São Paulo-SP	http://www.igrejacatolicaindependente.com.br/about (acesso 12/01/2019) Observação: foi renomeada em 1966 como ICAIB
Igreja Católica Liberal	Oriunda da Igreja Velho Católica da Holanda	1916/	http://www.catolicaliberal.com.br/index.php (acesso 12/01/2019)
Igreja Católica Apostólica Independente no Brasil (ICAIB)	Manoel Ceia Laranjeira	1966/ Rio de Janeiro-RJ	http://www.igrejacatolicaindependente.com.br (acesso em 12/01/2019) Em 1987 passou a ser denominada simplesmente Igreja Católica Apostólica Independente (ICAI).
Igreja Católica Apostólica Independente de Tradição Salomoniana (ICAI-TS)	Dom Felismar Manoel	2010/Rio de Janeiro-RJ	http://www.icai-ts.org.br/emdefesa.html (acesso em 12/01/2019)
Igreja Católica Apostólica Conservadora (ICAC)	Darcy Milani	1973/ São Domingos-SC	https://www.igrejaconservadora.com/ (acesso 12/01/2019)

Continua

Denominação	Fundador	Fundação (Ano/Local)	Endereço Eletrônico
Igreja Católica Apostólica Missionária de Evangelização (ICAME)	Dirceu Milani	1999/ São Miguel do Oeste - SC	Não foi possível localizar um site dessa igreja.
Igreja Católica Apostólica Renovada	Jader Pereira	1996/ São Paulo	http://www.padrejader.com.br/
Igreja Católica Apostólica Cristã (ICAC)	Rozane Rangel Cunha e Altomir Regis da Cunha	2002/Rio de Janeiro-RJ	Provisório: vídeo institucional no site http://gospelbrasil.forumeiros.com/t9244-igreja-catolica-apostolica-crista-icac acesso em 12/01/2019 Fonte: guiachurch.com esse endereço remete à GUIA Church do filho do casal fundador, Altomir Rangel. www.transformeseumundo.com.br site que remete à GUIA Church.

Fonte: Marcos Aurélio da Silva.

Sobre a tabela acima, cabe esclarecer alguns pontos. Depois de admitido como sacerdote na ICAR e sentindo hostilidade de Roma com os padres casados da ICL, Salomão Ferraz orientou, como dissemos anteriormente, a reorganização da ICL no Brasil, que passou a se chamar Igreja Católica Apostólica Independente no Brasil (ICAIB) sob governo de Dom Manoel Ceia Laranjeira, eleito Patriarca dessa igreja.

Com a morte de Dom Manoel Ceia Laranjeira em 1994, Dom Lapércio Eudes Moreira governou a igreja até seu falecimento em 1999, quando foi Sucedido por Dom Paulo Ferreira da Silva. Em 2010, como ápice dos desentendimentos que se desenvolviam desde a morte de Manoel Ceia Laranjeira, um cisma na então ICAI, selou a fundação da ICAI-TS, que teve como primeiro patriarca Dom Felismar Manoel. No endereço <http://www.igrejacatolicaindependente.com.br/newpage> (acesso em

12/01/2019) encontramos informações sobre a ICAI cujo Bispo Primaz até hoje é Dom Paulo, e, no endereço <http://www.ica-ts.org.br/quemsomos.html> (acesso 12/01/2019) informações sobre a ICAI-TS cujo Bispo Primaz até hoje é Dom Felismar. No site da ICAI-TS há uma nota pública de repúdio³² ao Patriarcado de Dom Paulo, argumentando, entre outros motivos, que “seus Ofícios, Liturgia e Calendário Oficial utilizam terminologia que é própria da Igreja Romana... gerando, perante o público a ilusão que estão ligados a ... Igreja de Roma” (MANOEL, 2010).

A respeito da Igreja Católica Liberal é importante destacar que em sua página na internet consta possuir sucessão apostólica da Igreja Velho Católica da Holanda e ser fundada em 1916, contudo não foi possível averiguar, nessa página, a data em que a Igreja Católica Liberal iniciou suas atividades no Brasil.

Contribui para ilustrar o vasto horizonte a que me referi no início desse capítulo, referência às três últimas igrejas apresentadas na tabela acima. Dirceu Milani, fundador da ICAME, é filho de Darcy Milani, que por sua vez fundou a Igreja Católica Conservadora. Segundo Mota (2018), a ICAME foi incorporada à Igreja Católica Conservadora extinguindo-se por consequência. No site da Igreja Católica Apostólica Conservadora, consta Darcy Milani como fundador e Patriarca, e Dirceu Milani como Bispo Primaz dessa Igreja. Finalmente temos a Igreja Católica Apostólica Cristã, fundada em 2005 por Rozane Rangel Cunha e Altomir Regis da Cunha. Segundo informações do Facebook e do vídeo institucional que apresenta a igreja, Custódio Rangel Pires, pastor e pai de Rozane, em uma visita ao Vaticano foi “impactado” (como relata o vídeo) pelo Espírito Santo e recebeu a visão de constituir uma nova igreja. Segundo o relato, Custódio entregou essa visão ao genro e à filha. Seguindo a tendência de inspiração divina, que também ocorreu na família Milani mencionada acima, um dos filhos do casal Altomir e Rozane, Altomir Rangel recebeu “uma direção de Deus”, conforme ele próprio declara, e criou a GUIA Church (Grupo Unido Interagindo e Avançando)³³.

³² A nota de Repúdio está disponível na íntegra no site da ICAI-TS.

³³ Não foi possível verificar se a GUIA Church é uma nova igreja constituída juridicamente, ou se constitui um grupo (como o próprio nome sugere) integrante da Igreja Católica Apostólica Cristã.

Intencionalmente, omitimos da tabela acima, a igreja objeto desse trabalho, Igreja Católica Apostólica Carismática (ICAC), pois se pode notar na tabela acima, utiliza a mesma sigla adotada também pelas igrejas Católica Apostólica Conservadora (fundada por Darcy Milani) e a Católica Apostólica Cristã (fundada pelo casal Altomir e Rozane). Lembramos que a menção das siglas, tais como aparecem aqui, seguem estritamente as informações obtidas nos sites das próprias igrejas, razão pela qual a Igreja Católica Liberal, por exemplo, não segue acompanhada de nenhuma sigla. Também não fizemos referência à Igreja Católica Apostólica Renovada porque falaremos dela mais adiante.

3.2. Origem da ICAC: Rede Nacional de Missões Católicas

Parte significativa das informações que temos sobre a origem da ICAC vêm de fontes externas à própria igreja em questão, notadamente da ICAR, pois muito pouco foi possível obter através das pesquisas bibliográficas, da pesquisa pela internet ou das conversas informais com seus líderes, além de que a igreja foi fundada por Euclides Nunes, Bispo Primaz até seu falecimento. Em virtude dessa carência de informações, as referências que utilizaremos, por serem provenientes da ICAR, denotam o esforço em apresentar os “desvios” procedimentais e doutrinários dessas novas religiões em face ao catolicismo romano e, por essa razão, o tom apologético, embora esperado, não reproduz os objetivos desse trabalho.

Na década de oitenta, foi organizado sob a liderança de Jair Pereira que se apresentava como padre, a Rede Nacional de Missões Católicas (RNMC). De acordo com o padre Jader Pereira, filho de Jair Pereira, seu pai foi padre da ICAB e a RNMC comportava “bastante pessoas, entre padres e pastores de várias igrejas”³⁴. Além das

³⁴ As informações fornecidas pelo padre Jader Pereira resultam de conversa informal após a missa da Igreja Católica apostólica Renovada do dia 04 de agosto em São Paulo e, também, por um e-mail respondido no dia 09 de agosto de 2019.

missas, a RNMC também apresentava programas na televisão, o que ao mesmo tempo, atraiu para si grande número de pessoas e a atenção da ICAR.

Assmann (1986) se refere ao programa “A Hora da Eucaristia”³⁵ como “a usurpação mais chocante dos símbolos católicos por pseudocatólicos”, classificando-o como “fenômeno novo, independente e distinto” (ASSMANN, 1986, p.110) em relação às subdivisões consequentes da ICAB. Em outro momento, mais uma descrição sobre a RNMC

Tem sido apresentado pelos meios de comunicação social (rádio e televisão), um grupo religioso chamado “Rede Nacional de Missões Católicas”. Possui uma das sedes principais no Santuário do Bom Jesus dos Milagres, Mooca, São Paulo (SP). Os apresentadores do programa de televisão são designados como padres ou, melhor, como “santos padres”; usam paramentos, cruz peitoral e outros símbolos típicos do Catolicismo; rezam orações habituais do culto católico (Pai-Nosso, Ave-Maria...); têm altar, velas, livro da bíblia; anunciam seus horários de “Missas”, batizados, novenas, bênçãos... põe à venda objetos religiosos, como água benta, hóstias bentas (em pequenos sacos de plástico), velas bentas (em forma de cruz, de cor branca ou azul), óleo bento, quadros sacros...; tais objetos são apresentados como “poderosos” para obter benefícios, afastar os maus espíritos e dar sorte aos seus usuários. Os “católicos devotos” são frequentemente interpelados para que visitem o santuário do Bom Jesus dos Milagres ou comprem os objetos oferecidos ou mesmo enviem donativos (BETTENCOURT, 1988, p. 39)³⁶.

A citação acima se faz relevante porque aponta para a origem da Igreja Católica Apostólica Carismática – ICAC, que é objeto desse capítulo e foi o elemento propulsor para esse trabalho. A descrição sobre as celebrações da Rede Nacional de Missões Católicas, permite identificar vários aspectos característicos das celebrações e paramentos comuns à ICAR, mas também destaca alguns procedimentos que dão

³⁵ Além desse, outros programas diários também veiculados pela TV Record propagaram a “Rede Nacional de Missões Católicas”: Telegrego e O Manto Sagrado. Ao falar sobre a Rede Nacional de Missões Católicas, o autor descreve os citados programas e o “modus operandi” do padre Jair Pereira e uma missa celebrada pelo padre Euclides Nunes em Campinas. (ASSMANN, 1986,111)

³⁶ A Revista Pergunte e Responderemos, que será citada várias vezes nessa dissertação, foi fundada e conduzida pelo teólogo e monge beneditino dom Estevão Bettencourt de 1957 que até 2008. Revista, de caráter apologético, tinha por objetivo orientar e manter fiéis na ortodoxia da ICAR, além de auxiliar também os padres na ação pastoral. Por essa razão, quando não houver indicação em contrário, atribui-se a autoria dos artigos ao próprio dom Estevam Bettencourt.

causa à reação inclusive judicial como veremos mais adiante, no caso da ICAC. A RNMC foi liderada pelos padres Jair Pereira em São Paulo, padre Euclides Nunes em Campinas (SP) e padre Carvalho em Belo Horizonte (MG). De acordo com as informações nos sites e blogs, padre Euclides Nunes foi fundador da ICAC e Bispo Primaz dessa igreja até seu falecimento em 2016.

A matéria publicada pela revista “Pergunte e Responderemos”, em 1988, se propõe a apresentar o movimento e a contestar sua legitimidade, atribuindo-lhe a prática de “plágio ou imitação ilegal das características próprias do Catolicismo” (BETTENCOURT, 1988, p.40). Embora reconheça a liberdade religiosa de cada indivíduo em fazer sua opção religiosa, o artigo publicado lembra que a Declaração *Dignitatis Humanae* nº 7³⁷, associa direitos e deveres individuais à ordem pública³⁸, alegando que “Imitando e reproduzindo atos de culto (...), utilizando linguagem e objetos que se identificam com os da Igreja Católica, leva o público a mal-entendidos e equívocos; causa insatisfação e perturbação na sociedade” (BETTENCOURT, 1988, p.41).

Importante destacar que, a *Dignitatis Humanae* foi emitida num contexto de desafios para a ICAR e representa os interesses desta instituição, embora, numa

“O padre Jair Pereira fundou a Paroquia Mundial do Bom Jesus dos Milagres, com sede principal em São Paulo (SP) e filiais em Taubaté (SP), no Rio de Janeiro, etc., (...) publicou ‘O Santo Catecismo’, compêndio da fé e da moral que ele ensina”. (BETTENCOURT, 1988, p. 43).

A respeito desse “Catecismo”, o artigo destaca a ênfase no Curandeirismo, alguns traços característicos do Protestantismo como:

³⁷ A *Dignitatis Humanae* (dignidade humana) é uma declaração sobre a liberdade religiosa, aprovada pelo Concílio Vaticano II e promulgada por Paulo VI no dia 7 de dezembro de 1965.

³⁸ “O direito à liberdade religiosa não se funda, pois, na disposição subjectiva da pessoa, mas na sua própria natureza. Por esta razão, o direito a esta imunidade permanece ainda naqueles que não satisfazem à obrigação de buscar e aderir à verdade; e, desde que se guarde a justa ordem pública, o seu exercício não pode ser impedido” (DH, 2).

“A justificação tão somente pela fé”; a ausência da referência à sucessão apostólica e à oração da “Ave Maria” entre as orações recomendadas; e elementos do Catolicismo (oficial) deteriorado, como considerar que “a Eucaristia como mera lembrança da Páscoa de Cristo, e não perpetuação do sacrifício do Calvário” (BETTENCOURT, 1988, p. 44).

3.3. Reação da ICAR: cancelamento do registro de organização religiosa.

Sempre que a ICAC se instala em uma nova cidade, o Bispo da ICAR com jurisdição naquela circunscrição eclesiástica emite carta aos seus fiéis orientando-os a não se deixar enganar por aquela “nova” igreja que não integra a ICAR e alertando-os a respeito da invalidade dos “sacramentos” ministrados³⁹. Mas, em alguns casos, há também o recurso à Justiça para tentar impedir o funcionamento da ICAC, como veremos, fez o Arcebispo de Campinas numa “reedição” daquilo que trouxemos no capítulo I quando a ICAR tentou, na justiça, impedir o funcionamento da ICAB de Dom Duarte.

A reação da ICAR à presença da ICAC aconteceu na pessoa do Arcebispo de Campinas Dom Gilberto Pereira Lopes, que apelou judicialmente para que o registro da ICAC como pessoa jurídica fosse cancelado pelo Tribunal de Justiça de São Paulo. Após essa Apelação Judicial⁴⁰ do Arcebispo de Campinas, Dom Gilberto Pereira Lopes, o registro da ICAC foi cancelado pelo Tribunal de Justiça de São Paulo, com fundamento no artigo 115 da Lei de Registros públicos e, entre outros, sob os argumentos de

No momento em que a entidade registrada pleiteou o registro da Igreja Católica Apostólica Carismática no Brasil, quis se valer do disseminado respeito de que usufrui a Igreja Católica Apostólica Romana. E a lei positiva não pode ser indiferente a atitudes calçadas em falta de originalidade que destoam da mera coincidência.

³⁹ No anexo há alguns exemplos dessas cartas dos bispos da ICAR sobre a ICAC e outras igrejas católicas.

⁴⁰ Apelação civil nº 7.150.0/5 – Campinas. O parecer foi emitido em 15 de setembro de 1987 e o Acórdão em 19 de outubro de 1987, pelo Corregedor Geral da Justiça e Relator Sylvio do Amaral.

(...)

Existe, a rigor, um preceito que impede o registro de entidade que se inspira integralmente em similar mais longeva (Apelação civil nº 7.150.0/5, 1987).

O parecer emitido acima foi assinado por José Renato Nalini, Juiz de Direito Corregedor do Tribunal de Justiça de São Paulo à apelação civil nº 7.150.0/5, de Campinas. Esse parecer fundamenta ainda sua decisão na Legislação brasileira de proteção a marcas, patentes e direitos autorais, alegando que a simples imitação de parte da denominação da apelante (a ICAR) e a proximidade léxica já são suficientes para promover e se aproveitar da ilícita confusão.

Cabe destacar que o recurso judicial foi iniciativa particular do Arcebispo de Campinas e que, não obstante a decisão da Justiça, a ICAC continuou suas atividades não só naquela cidade, como também se expandiu para outras cidades principalmente do Estado de São Paulo.

3.4. Autodescrição e expansão da ICAC: percursos virtuais.

A descrição que agora fazemos resulta de pesquisas em *sites* e *blogs* da ICAC e de suas lideranças (padres e bispos).

A ICAC tem sua origem na região de Campinas, no Estado de São Paulo, aproximadamente nos anos 1980. Conforme apresentado no *site* do bispo Damásio, tem Foro no Rio de Janeiro e a Chancelaria em Campinas/SP.

Igreja Católica Apostólica Carismática foro no rio de janeiro. Chancelaria apostólica – Campinas. Pedidos de oração: padredamasio@hotmail.com.

Fonte: <http://www.padredamasiocarismatico.com.br/sobre-a-igreja.php>
Acesso em: 28 fev. 2017.

No site do Bispo Fernando Fraga (disponível em <http://www.fernandofraga.com.br/igreja.htm> - Acesso em: 28/02/2017), encontramos a informação de que, em 1987, teve início as atividades da ICAC em Araraquara, ainda sem sede, atendendo a solicitações de pessoas que haviam conhecido a Igreja na Capital (São Paulo). Relata ainda que, por meio da ajuda, foi possível inaugurar, dez anos mais tarde, a primeira sede própria da igreja naquela cidade.

A ICAC teve como bispo Primaz dom Euclides Nunes, até 2016, ocasião de seu falecimento. Sucedeu dom Euclides, na liderança da igreja, o Bispo Ricardo Padavini, escolhido por um colegiado formado pelos próprios pares. Até o último levantamento feito em agosto de 2019 conta com 62 igrejas (6 a mais comparado ao primeiro levantamento feito em 28/02/2007) 62 igrejas distribuídas em 6 Estados (eram 4 no primeiro levantamento) da federação, conforme discriminadas abaixo:

Tabela 2: Presença nos estados e quantidade de igrejas presentes.

São Paulo	Minas Gerais	Mato Grosso do Sul	Bahia	Rio de Janeiro	Goiás
56	1	1	2	1	1

Fonte: Marcos Aurélio da Silva.

No Estado de São Paulo está presente nas seguintes cidades:

Tabela 3: Cidades de São Paulo com a presença da ICAC.

Estado de São Paulo	
Americana	Paulínia
Araraquara	Piracicaba (2 igrejas)
Araras (2 igrejas)	Pirassununga
Bauru	Porto Ferreira
Campinas – Centro	Praia Grande
Campinas – Campo Grande	Rio Claro – Centro
Campinas – Jardim Aeroporto	Rio Claro – Jardim Ipanema
Campinas – Vila Georgina	Ribeirão Preto
Campo Limpo Paulista	Salto
Capivari	Santa Gertrudes – Centro

Conchal	Santa Bárbara do Oeste
Cosmópolis	Santos
Garça	São Bernardo do Campo
Hortolândia (2 igrejas)	São Carlos
Indaiatuba	São José do Rio Preto
Itu	São Paulo
Itupeva	Sumaré (2 igrejas)
Jacareí	Taquaritinga
Jaú	Taubaté
Jundiaí	Valinhos (2 igrejas)
Leme	
Limeira – Centro	
Limeira – Jardim Morro Branco	
Lins	
Marília	
Matão	
Mococa	
Mogi Guaçu	
Mogi Mirim	
Monte Mor	
Osasco	

Fonte: Marcos Aurélio da Silva

A ICAC tem um blog e um site que parecem ser oficiais, pois apresentam, de maneira geral, o que é a ICAC, sua organização e suas lideranças, além de vários outros blogs organizados pelos seus pastores. Os endereços, aparentemente oficiais são, respectivamente <http://igrejacatolicaapostolicacarismatica.blogspot.com.br/> e <http://www.icactv.com.br/>. Nesse segundo endereço, aparece um terceiro (<http://www.paroquiabomjesus.com.br/>) que, ao ser acessado, redireciona para a ICACTV. Utilizaremos, além desses, principalmente o site do padre Daniel Grigoletto pois, pela organização, nos permite acesso a visão mais ampla da organização e atuação da igreja.



Figura 1: Reprodução da imagem do blog.

Como se pode verificar, logo na primeira página do *blog* aparece a identificação da ICAC e sua vinculação à Rede Nacional de Missões Católicas, pois afirma que “está presente no Brasil através das Paróquias do Bom Jesus e Santas Missões”, expressões também utilizadas pela igreja. Apresenta também *links* para acesso a *sites* e *blogs* de alguns padres e bispos da igreja e para o *site* <http://www.paroquiabomjesus.com.br/> citado acima.

A página apresenta também um extenso (e confuso) texto intitulado *Igreja Católica Apostólica Carismática*, cujo início faz a defesa de uma possível acusação de plágio da denominação da ICAR, alegando que “uma das maiores confusões no Brasil é se pensar que existe apenas uma igreja católica no mundo” e, a partir daí, começam-se as justificativas para os termos: Católica – porque Universal, afirmando que “todos os cristãos são Católicos, cristãos universais (sic); Apostólica, pois a comunidade-igreja teve origem nos primeiros apóstolos escolhidos e preparados pelo próprio Jesus”; depois o artigo cita o Grande Cisma do Oriente a Reforma Protestante e a Declaração de Utrecht, sem mencionar qualquer relação de sucessão apostólica de seu fundador, Dom Euclides Nunes e, por conseguinte, do seus Bispos.

O *blog* afirma a identidade jurídica da ICAC, embora não entre em detalhes.

A Igreja Católica Apostólica Carismática, por décadas no Brasil, está devidamente registrada com reconhecimento civil por sua personalidade jurídica única. ou seja, de fato e legalmente é IGREJA CATÓLICA APOSTOLICA CARISMÁTICA (existem novas igrejas carismáticas que são respeitadas) mas de fato IGREJA CATÓLICA APOSTÓLICA CARISMÁTICA, existe de fato juridicamente esta igreja, presente em Paróquias, Santuários, seminários, mas rigorosamente em nome da IGREJA CATÓLICA APOSTÓLICA CARISMÁTICA. (Disponível em: <http://igrejacatolicaapostolicacarismatica.blogspot.com.br/>. Acesso em: 10 jun. 2017)

Importante notar que não está especificado no texto a partir de quando exatamente a ICAC está no Brasil e, por sua vez, a própria expressão “está no Brasil” pode sugerir que esteve em outro país antes, ou que deriva de uma outra igreja fora do território nacional, como é o caso da Igreja Católica Liberal a que nos referimos ao apresentar algumas das distintas igrejas católicas.

Sobre a singularidade da ICAC - que transcrevemos abaixo - percebe-se a preocupação em apresentar as diferentes formas de ser cristão e em justificar o uso de expressões facilmente associadas ao catolicismo romano.

Em todo o mundo existem ritos Católicos diferentes, tem o mesmo conteúdo, a essência do Cristo presente na Eucaristia. O que quer dizer Igreja Católica Apostólica Carismática? Igreja (Comunidade, hoje ORGANIZAÇÃO). Católica: Cristã Universal, ou seja, que se reconhece o Cristo presente no mundo inteiro, independente de nomes de Igrejas. Apostólica: Que segue uma sucessão Apostólica, **mas acima de tudo** segue a doutrina dos Apóstolos, para isto é só ler ATOS DOS APOSTÓLOS e ver como agiam os ministros de Deus. Carismática: presente no Carisma, o mesmo que se manifestou no dia de Pentecostes, ou seja, em todo tempo ela é carismática, embora defenda, zele, pela liturgia, não aceita apenas repetições. O Espírito Santo se manifesta no Carisma, presente no sacerdote. Mas em qualquer pessoa, ressaltando que o Espírito está sujeito ao profeta, segundo a Bíblia é fato que o Espírito age com liberdade, mas está sujeito à pessoa isto aponta, para o controle espiritual, para que não tenham manifestações que escandalizem o evangelho. (Disponível em: <http://igrejacatolicaapostolicacarismatica.blogspot.com.br/>. Acesso em: 10 jun. 2017).

A expressão “acima de tudo” utilizada ao se referir à sucessão apostólica deixa evidente que a ausência da linha sucessória dos padres da ICAC não constituiu impedimento para seu ofício, pois o mais importante é “seguir a doutrina” dos Apóstolos.

Depois dessas justificativas, a atenção se volta a evitar qualquer associação da ICAC com o movimento católico da ICAR - a Renovação Carismática Católica (RCC) ou outros movimentos. Outro detalhe interessante é que ao definir a identidade da igreja com a sigla ICAC, faz um adendo para associá-la a outras formas de também identificação, como já apontamos aqui. Vejamos a apresentação do site:

A Igreja Católica Apostólica Carismática adota a sigla ICAC, mas mantém suas paróquias e missões dedicadas ao bom Jesus, ou seja, o Cristo vivo e poderoso. (Disponível em: <http://igrejacatolicaapostolicacarismatica.blogspot.com.br/>. Acesso em: 10 jun. 2017).

A importância expressa dada à questão da sigla ICAC nos permite inferir que seus líderes têm conhecimento da ocorrência de outras igrejas que igualmente utilizam a mesma sigla, embora não se faça, em nenhum momento, citação a essas outras igrejas, como a Igreja Católica Apostólica Conservadora e Igreja Católica Apostólica Cristã.

Na imagem abaixo, destaque para os vários nomes que identificam a ICAC.



Figura 2: Print screen do site da igreja.



Figura 3: Print screen do site.

Voltando às informações disponíveis no “blog oficial”, o cuidado agora é apresentar as diferentes Igrejas Católicas no Brasil não ligadas à Igreja de Roma, conforme expresso nesse:

Existem outras Igrejas Católicas não ligadas a Roma no Brasil? Inúmeras, formam comunidades de milhões de fiéis, são os chamados católicos nacionais, mesmo aqueles que têm ligação com o Oriente, ou Utrecht, ou qualquer outro patriarcado, uma vez no Brasil se firmam nas leis do país.

Nas Igrejas Católicas, sejam romanas, nacionais, veterocatólica, ortodoxas, existe praticamente a mesma formação. As ordens menores, depois o Diaconato, depois o presbitério e o Episcopado. (Disponível em: <http://igrejacatolicaapostolicacarismatica.blogspot.com.br/>. Acesso em: 10 jun. 2017).

Depois disso, há destaque para a ICAC, reconhecida pelo governo brasileiro e pela maioria das lideranças católicas – mas não cita nenhuma -, atribuindo os casos de hostilidade a alguns grupos apenas. No *blog*, atribui-se a maioria das críticas direcionadas às missas de cura e libertação e quanto a isso, afirma que defende a ciência e a medicina e orienta seus fiéis ao cuidado do corpo segundo recomendações médicas.

Também é informado que a ICAC não excomunga ninguém e também não nega comunhão a divorciados, porque Jesus acolheu a todos. Ela ensina a conversão diária e realiza casamentos de segunda união respeitando a legislação brasileira a quem compete discriminar tal assunto.

Sobre o fato de algumas igrejas não considerarem alguns sacramentos válidos, atribui a confusão gerada pela rixa entre a ICAR e a ICAB, pois, fundada em 1945 por D. Carlos Duarte Costa, aquela dissidente da ICAR já reconhecia o divórcio antes mesmo da legislação brasileira, bem como também aboliu o latim das missas antes do Concílio Vaticano II.

Ainda sobre outras questões organizacionais, é afirmado que a ICAC aceita receber padres de outras igrejas para integrar a sua estrutura, na condição de que passem por um período de formação e convivência na vida carismática da ICAC. A esse respeito, importante lembrar que o recrutamento de “ex-padres” da ICAR é uma das estratégias adotadas pelas igrejas católicas alternativas no Brasil, como apresentou Mota (2018) ao se referir à ICAME. Em relação à ICAC, não se pode, até o momento, afirmar a presença dessa situação de fato.

Quanto a questões sociais, afirma que a ICAC não impõem vestimenta, apenas recomenda o bom senso cristão, não obriga dízimo, pois este deve ser inspirado pelo Espírito Santo e, quanto ao planejamento familiar, reconhece ser esta uma questão de foro íntimo que cabe ao casal decidir inclusive sobre os métodos contraceptivos e lembra que o aborto JAMAIS (sic) deve passar pela cabeça do cristão.

3.5. Organização e Origem da ICAC.

Para conhecer um pouco mais a ICAC, recorremos ao site do padre Daniel Grigoletto⁴¹ e à sua autobiografia. As expressões entre parênteses utilizadas aqui e mais adiante na descrição das missas da ICAC, indicam escritos e falas (durante as missas) do próprio padre Daniel Grigoletto.

Pela autobiografia do padre Grigoletto percebemos o curto espaço de tempo entre sua primeira visita à uma missa da ICAC, então presidida por aquele que se tornaria, segundo ele, “seu pai na fé”, o padre Ricardo Padavini. Em 2002, Grigoletto começa a frequentar a ICAC e se torna auxiliar voluntário do padre Padavini; em 2003 se torna Acólito, ou seja, oficialmente instituído para auxiliar; em 2004 cursa o Seminário, que na ICAC tem duração de um ano e passa também a acompanhar e auxiliar o padre Padavini em visitas a hospitais e casas, prestando auxílio espiritual e também material. Foram nessas visitas que, segundo Grigoletto, ao perceber que “muitas pessoas começaram a ser abençoadas, curadas e libertadas, pelas minhas mãos e Jesus operando na vida de muitas pessoas que estavam sofrendo”, Padavini o convidou para receber a benção de Diácono em 2005, confiando-lhe a Paróquia onde passou a celebrar missas; em 2007 recebeu a Benção Sacerdotal e em novembro de 2016 padre Daniel Grigoletto recebeu a Benção Episcopal. Pelo que acabamos de ver, foram necessários cinco anos, da primeira participação como fiel até se tornar padre e, daí em diante, mais nove anos para se tornar Bispo. Como bispo, tem sob sua responsabilidade seis paróquias (duas em Limeira, duas em Rio Claro, uma em Taubaté e uma em Jacareí), fazendo-se presente intermitentemente em cada uma delas para as celebrações, percorrendo de Rio Claro/SP para Taubaté/SP, por exemplo, cerca de 270 Km e, além disso, foi também Reitor do Seminário da ICAC até 2017.

Através da autobiografia de Grigoletto, temos apresentada a divisão “profissional” dos serviços na estrutura de organização da ICAC: Acólito, Diácono, Presbítero e Bispo, ressaltando que a direção geral da igreja é estabelecida mediante escolha pelo Colegiado de Bispos, atribuindo ao escolhido, designação de Bispo

⁴¹ <http://padredanielgrigoletto.com.br/sobre.html> – acesso em 10 junho de 2019.

Primaz, como ocorreu com Ricardo Padavini ao suceder Euclides Nunes. Outro aspecto a ser destacado é que na ICAC há mulheres no serviço do Diaconato, o que não ocorre na ICAR.

A ICAC possui um Seminário em funcionamento desde 2004, inicialmente em Campinas e transferido para Limeira em 2009, que tem por objetivo preparar homens e mulheres que estarão à frente nas Paróquias. Com aulas aos sábados (das 13h30 às 17h) o curso é realizado em um ano, ao final do qual, “a formatura é comemorada com uma grande missa celebrada pelos próprios seminaristas”. Durante esse um ano, os seminaristas têm aulas sobre Espírito Santo, Política, Sacramento, Cura, Igreja, Bíblia, Recepção, Evangelismo, Moral e Ética, Finanças e Contabilidade, Português, Visitas, Informática, Exorcismo, Anjos e Imagens, Mundo Social FPEN⁴² e Missão e Comunicação. Essas aulas são ministradas pelos próprios Padres, Diáconos e Diaconisas e “Irmãs” da igreja.

De acordo com o padre Ricardo Padavini⁴³ atual Bispo Primaz da ICAC, a igreja tem hoje, 7 Bispos, 24 Padres, 32 Diáconos e 7 Diaconisas. A partir dessa informação, é possível compreender as distâncias (à que nos referimos a pouco) percorridas pelo padre Daniel Grigoletto para garantir a expansão e atender a todas as 62 igrejas espalhadas em São Paulo, onde estão concentradas a maioria delas, e em outros cinco Estados.

Para fazer frente aos serviços da igreja, mantém atualmente em seu Seminário a frequência de 150 pessoas que se preparam para auxiliar nos diversos serviços e, dentre os quais “é o Senhor Jesus quem escolhe os que serão ordenados futuramente”, diz Padre Ricardo Padavini. Os sacerdotes, por se dedicarem integralmente ao serviço da igreja, são por ela mantidos, mas quanto aos Diáconos, os que exercem atividade profissional fora do ministério, não recebem proventos

⁴² Fundação Padre Euclides Nunes (FPEN), foi criada em 2004, desenvolve ações de caráter preventivo, protetivo e proativo, voltados às famílias em situação de vulnerabilidade social, como cestas básicas, curso de qualificação profissional etc.

⁴³ As informações passadas pelo padre Ricardo Padavini através de conversa informal após a missa na igreja do Belenzinho-SP no dia 04 de agosto de 2019 e por e-mail no dia 06 de agosto de 2019.

ministeriais da igreja. Quando perguntado sobre como aconteceu a escolha do seu nome para suceder dom Euclides Nunes, assim respondeu

Na triste data de falecimento de Dom Euclides Nunes (meu pai na fé), eu ocupava a vice-presidência da Igreja e me coloquei a disposição para esta missão de servir mais e fui escolhido pelo clero da ICAC por votação/aclamação como novo presidente, que recebe o título de Bispo Primaz. (Ricardo Padavini, 06 de agosto de 2019).

Por ocasião da visita que fiz à Igreja da ICAC do Belenzinho em São Paulo, a fim de obter dados para a pesquisa com o bispo Primaz da Igreja, deparei-me com a cópia do documento de registro de ordenação do padre Ricardo Padavini, fixado na parede, onde é possível inferir, a partir das informações ali prestadas, que os bispos dessa igreja receberam sucessão apostólica a partir de dom Duarte Costa, como se pode ver mais adiante (Figura 4).

Na linha sucessória apostólica, a partir de dom Duarte Costa temos Salomão Ferraz e Manoel Ceia Laranjeira que reorganizou a ICL, fundada por Salomão Ferraz, logo depois que esse, já bispo da ICAR, percebeu que seu intento de promover o ecumenismo de dentro daquela instituição não se efetivaria. Dom Manoel mudou o nome para ICAIB (mais tarde ICAI). Dom José Vieira de Melo e Silva (o próximo na sucessão apostólica) era Bispo Provincial da Ordem de Santo André no Rio de Janeiro em 1970 e na ocasião, Monsenhor Edval Monteiro Rodrigues (que vem logo após dom José Vieira) era o Chanceler da Ordem de Santo André. Foi publicado no jornal da época, nota em que Dom José Vieira rebate nota do Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro (da ICAR) Dom Jaime de Barros Câmara, em que se referia aos padres da Ordem de Santo André como falsos padres. Em resposta, assim se pronuncia, no mesmo jornal, Dom José Vieira:

Os padres da Ordem de Santo André são filhos legítimos da Igreja Católica apostólica Romana, embora rejeitados como se pode ver, sabendo-se que são descendentes de dom Salomão Ferraz, está mais do que claro que são filhos da Igreja Romana. É estranho que a Igreja "Mãe" os rejeite. De onde veio dom Salomão? De onde veio dom Carlos Duarte Costa? Responda sr. cardeal. Até mesmo perante um Tribunal Eclesiástico, se for preciso, provaremos que somos aquilo que afirmamos (Correio Manhã 1970, p. 13)

Quanto a Dom Eduardo Motta, foi bispo da Igreja Católica Anglicana do Brasil, Diocese da Igreja Anglicana do Pará⁴⁴ e, finalmente, Dom Euclides Nunes, foi fundador e Bispo Primaz da ICAC até seu falecimento em 2016. Segundo depoimento⁴⁵ do Padre Jader Pereira, que fundou a Igreja Católica Apostólica Renovada, Euclides Nunes era pastor protestante e se tornou padre na RNMC. A RNMC foi um movimento da ICAB que teve início na década de 1980 e foi liderado pelo padre Jair Pereira. Além de padres e missionários da ICAB, a RNMC aglutinava também pastores protestantes, como foi o caso de Euclides Nunes (que recebera a sucessão apostólica de dom Eduardo Motta, da Igreja Anglicana do Brasil). Ainda de acordo com Padre Jader, Euclides Nunes se tornou padre na RNMC, mas após um tempo, desligou-se do padre Jair Pereira e fundou a ICAC.

⁴⁴ Fonte: <http://dioceseanglicanatradicionaldopara.blogspot.com/2017/04/dom-eduardo-motta-bispo-do-para-im.html> - acesso 05 de agosto de 2019.

⁴⁵ Informações passadas pelo padre Jader Pereira através de conversa informal após a missa do dia 04 de agosto de 2019, na Igreja Católica Apostólica Renovada, no Bairro do Brás em São Paulo e por e-mail no dia 09 de agosto de 2019. O padre Jader Pereira foi ordenado na Igreja Veterocatólica em 1996 e é filho do padre Jair Pereira.

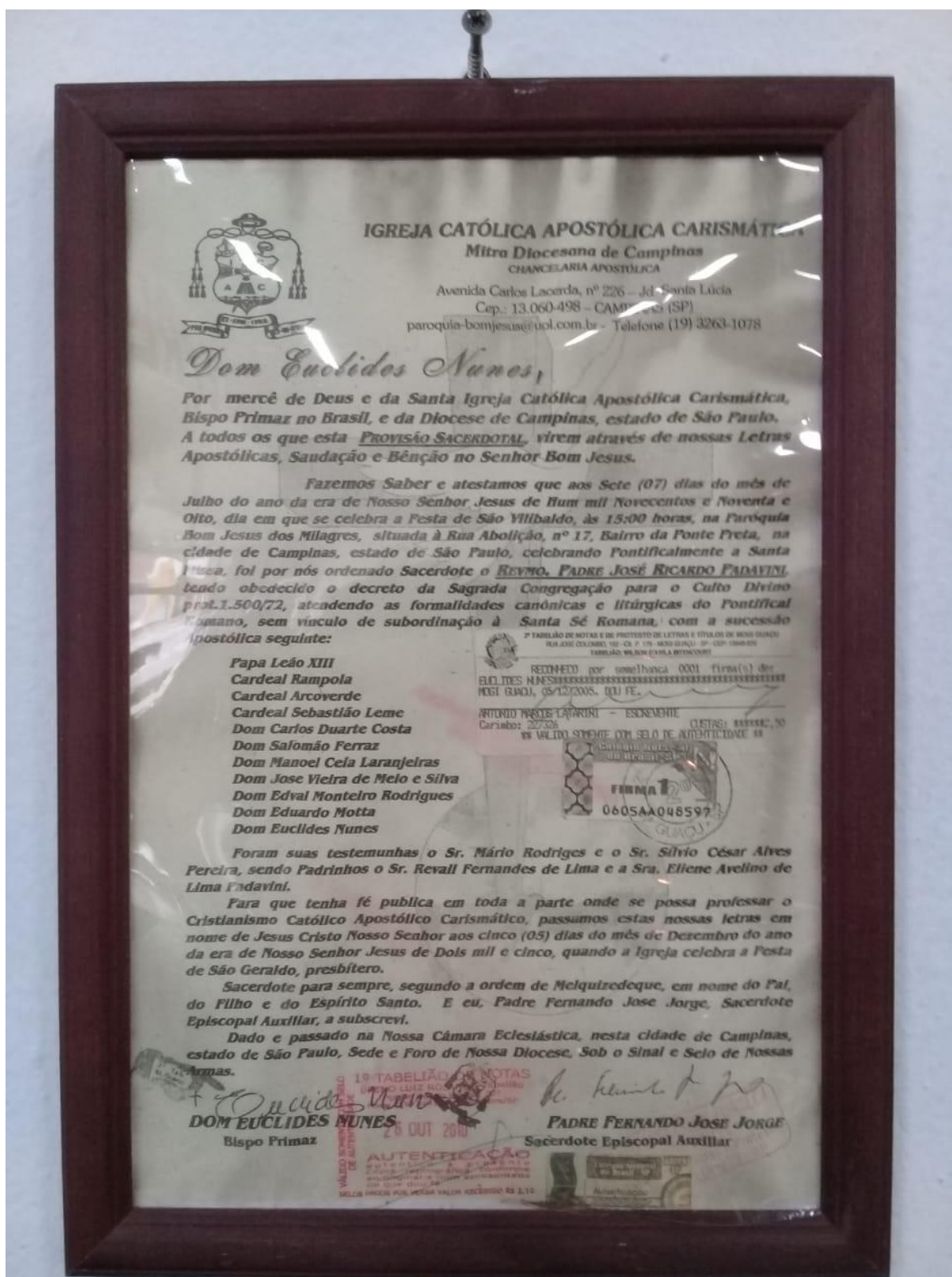


Figura 4: Atestado de Ordenação Sacerdotal do Padre Ricardo Padavini.

A Ordem de Santo André nega que seus padres sejam falsos

— De ordem de Sua Excelência Reverendíssima dom José Vieira de Mello e Silva, bispo provincial da Ordem de Santo André, no Rio de Janeiro, contestamos para todos os fins de direito permitido a infâmia e injúria mandada publicar pela Cúria Metropolitana em alguns vespertinos desta cidade, sob o título falsos padres.

— De ordem de Sua Eminência o senhor Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro, dom Jaime de Barros Câmara, esta Cúria Metropolitana comunica ao Clero e fíéis desta Arquidiocese que os padres que estão pedindo escolas de casa em casa são falsos padres, como também, não é sacerdote e padre que se assina dom Edval Monteiro Rodrigues.

O homem de balina toca a campainha

Um padre toca a campainha e a dona de casa atende. Ele quer esmola. A dona da casa dá, mas fica pensando:

"Será que este homem é padre, mesmo, ou apenas um vigarista?"

Essa pergunta foi feita à Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro por dezenas de donas de casa, que deram, ou deixaram de dar a esmola pedida pelo homem vestido de balina que bateu à porta de suas casas.

As perguntas eram tantas, que a Cúria, para respondê-las a todas, teve que apelar para os jornais, distribuindo a seguinte nota oficial:

1 — A Cúria Metropolitana tem recebido frequentes consultas a respeito de sacerdotes que esmolam às portas dos apartamentos e firmas, donativos em benefício de entidades de assistência social não credenciadas ou declaradas de utilidade pública, mas com falso título de entidade religiosa. Esclarecemos que o órgão da Arquidiocese do Rio de Janeiro (a Cúria Metropolitana) não fornece licenças para tais coletas e além disso, os que solicitam esmolas não são sacerdotes da Igreja Católica Apostólica Romana, nem de qualquer outra forma de religião. São simplesmente falsos padres.

2 — Esclarecemos também que o "padre" que se assina dom Edval Monteiro Rodrigues não é sacerdote da Igreja Católica Apostólica Romana, e a "capela" instalada no Colégio Dom Bosco, de sua propriedade, à Rua Figueiredo Magalhães, não tem instituição canônica de espécie alguma e todo ato religioso — missas, batizados, casamentos, crismas — ali realizados são absolutamente nulos.

A nota veio assinada por monsenhor Feliciano Castello Branco, o chanceler da Cúria.

A Ordem de Santo André achou que a nota da Cúria era uma infâmia e distribuiu, também, uma nota aos jornais:

"1 — Não fazemos coletas de espécie alguma e, se necessário fazé-

las, não precisávamos de ir à Cúria pedir autorização. Ela não é detentora da caridade pública.

2 — As entidades mantidas pela Ordem de Santo André são credenciadas, todas com personalidade jurídica e dentro da legislação em vigor.

3 — Isso de não sermos padres, e ainda de não pertencermos à Igreja Romana, mostra que o sr. cardeal desconhece a Sucessão Apostólica de dom Salomão Ferraz — bispo titular de Eleuterna — título esse que lhe foi conferido pelo saudoso Papa João XXIII, que o nomeou para bispo auxiliar do sr. cardeal de São Paulo, Agnelo Rossi.

4 — Dom Salomão Ferraz, falecendo no ano passado, deixou como sucessor na Ordem de Santo André o reverendíssimo sr. monsenhor Sebastião da Costa Neve, sendo criada a província daqui da Guanabara e nomeado o sr. bispo dom José Vieira de Mello e Silva como provincial.

5 — O monsenhor Edval Monteiro Rodrigues é o chanceler da Ordem de Santo André e não é e nem tem a pretensão de ser dom — pelo menos enquanto as necessidades da Ordem não o reclamarem.

6 — Os padres da Ordem de Santo André são filhos legítimos da Igreja Católica Apostólica Romana, embora rejeitados, como se pode ver. Sabendo-se que são descendentes de dom Salomão Ferraz, está mais do que claro que são filhos da Igreja Romana. É estranho que a Igreja "Mãe" os rejeite. De onde veio dom Salomão? De onde veio dom Carlos Duarte Costa? Responda, sr. cardeal. Até mesmo perante um Tribunal Eclesiástico, se for preciso, provaremos que somos aquilo que afirmamos.

7 — A Cúria, em sua nota, fere textualmente a Declaração Universal dos Direitos do Homem, bem como o nosso Código de Contravenções Penais.

8 — Nossas missas e outros sacramentos são tão válidos quanto os do sr. cardeal e mesmo os de Sua Santidade o Papa Paulo VI, que deve ficar muito triste vendo o seu ideal de união fracassar aqui na Guanabara. Onde está o Bom Pastor? "O bom pastor e suas ovelhas... (deixa as noventa e nove e vai à procura da ovelha perdida)"; muito bonito, não acha, sr. cardeal? A realidade é outra."

Ele entrou no Seminário aos 7 anos

Edval Monteiro Rodrigues tinha sete anos quando entrou para o Seminário Salesiano de Campo Grande, Mato Grosso. Ele ficou ali até 1953, quando foi estudar no Colégio Monsenhor Lazagna, em Humaitá, Assunção, Paraguai. Em 1955, foi estudar no Seminário dos Missionários do Sagrado Coração de Jesus, na Escola Apostólica de Piraguayuna,

São Paulo, onde concluiu o curso, ficando como diácono, enquanto aguardava a idade canônica (24 anos), para ser ordenado. A ordenação foi no dia 28 de junho de 1967, feita pelo bispo dom Benedito Pereira Lima.

Além de monsenhor mitrado (com sucessão a bispo), Edval está autorizado pelo Ministério da Educação e Cultura, Inspeção Seccional de Niterói, sob o n.º 708, para lecionar Sociologia e Literatura, tendo também alguns cursos de extensão universitária.

Atualmente, além de cuidar de sua igreja, ele leciona no Externato Dom Bosco, em Nova Iguaçu, onde é diretor, sendo também, naquela cidade, vigário da Igreja do Menino Jesus de Praga.

Depois de fornecer aos repórteres todos os dados biográficos acima relacionados, Edval Monteiro Rodrigues, o monsenhor da Ordem de Santo André, disse:

— Em nossa Ordem prestamos votos permanentes de castidade e obediência. A Ordem de Santo André é uma instituição jurídica de caráter religioso, registrada sob o n.º 668286, no Livro A, n.º 21, do 1.º Registro de Títulos e Documentos, Cartório Dr. Arruda, situado à Rua Roberto Simonsen, n.º 106, São Paulo. Quem quiser que comprove.

Ecumenismo não é bagunça

O Departamento de Opinião pública da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil disse que não consta da relação de bispos nenhum da Ordem de Santo André no Rio de Janeiro. A Cúria, até ontem, não tinha conhecimento de nada que provasse que o monsenhor Edval Monteiro Rodrigues não seja um falso padre.

— A Cúria não reconhecendo a sucessão apostólica da Ordem de Santo André, fundada por dom Salomão Ferraz, bispo titular de Eleuterna, não pode querer que os seus padres lhe devam jurisdição — diz Edval.

Contra as informações da CNBB, que diz desconhecer bispo de Ordem de Santo André no Rio, o monsenhor Edval informa que a Ordem, aqui, é regida pelo bispo dom José Vieira de Mello e Silva, bispo provincial, que tem sua sede em São Paulo.

— A província foi criada há 10 anos, por ocasião do Concílio Ecumênico, quando dom Salomão Ferraz, fundador da Ordem de Santo André, recebeu do Papa João XXIII o título de bispo titular de Eleuterna.

A respeito de todas essas afirmações, o chanceler da Cúria Metropolitana, monsenhor Castello Branco, só tem uma declaração:

— Ecumenismo não é bagunça.

Figura 5: Reprodução do jornal Correio da Manhã.

3.6 As missas da ICAC

Com o objetivo de compreender melhor a dinâmica da igreja, decidimos acompanhar sistematicamente uma das três novenas realizadas pela ICAC. Essas três novenas ocorrem simultaneamente, mas em sequências alternadas. Por exemplo: numa determinada missa reza-se o primeiro dia da novena a N. S. Desatadora dos Nós e o terceiro dia da novena a Santo Expedito. Verificamos também novenas dedicadas ao Sagrado Coração de Jesus, em São Paulo, na paróquia do padre Ricardo Padavini. Acompanhamos a novena à N. S. Desatadora dos Nós da qual fazemos a descrição da missa em que o primeiro dia dessa novena foi rezada e, uma das coisas que nos chamou a atenção é que não há um rigor e sequer as sequências são mencionadas com clareza (quando são mencionadas), o que nos leva pensar que as novenas importam não no seu conjunto, mas tão somente na atualização imediata dos sinais da perseverança aos “votos” assumidos com Deus perante o padre e, por essa razão, a cada missa tem início uma novena.

A missa que correspondeu ao primeiro dia da novena a Nossa Senhora Desatadora dos Nós, que estivemos presentes, foi celebrada pelos padres Daniel Grigoletto e padre Cesar Augusto, no dia 25/08/2017.

Ao toque das sinetas, as pessoas se levantam e voltam-se para traz em direção a um mezanino, para receber os padres que conduzirão a missa. Descem a escada e, no trajeto até o altar principal, os padres param em frente a dois pequenos altares laterais e fazem o sinal da cruz (deduz-se, pois, o gesto é bastante vago) em direção a esses altares, onde se encontram as imagens de N. Senhora Desatadora dos Nós e de Santo Expedito. No lado oposto a esse corredor, mais dois altares, um deles dedicado à Nossa Senhora Aparecida. Nesses altares alguns fiéis colocam as velas abençoadas durante a celebração e, em alguns momentos durante a missa, se ajoelham para suas orações particulares.

No altar principal, os padres se aproximam de uma grande imagem de Jesus crucificado, tocam a imagem e fazem novamente o sinal da cruz, gestos esses repetidos por um rapaz que se aproxima e que começa a auxiliar na celebração (é

possível que seja um Acólito ordenado). Sobre a mesa do altar, muitos objetos: duas pilhas folhas de papel, bem compactadas, que se deduz serem orientações dadas pelo padre várias vezes durante a missa e impressos onde os fiéis escrevem seus pedidos, seus dramas e milagres das ofertas e dos dízimos que querem alcançar e antes da celebração, depositam sobre o “altar do senhor”; há velas grandes nas extremidades esquerda e direita (além das velas em suportes dos dois lados do altar e que se assemelham bastante à vela que representa, na ICAR, o Círio Pascal, usada somente em ocasiões especiais); vasilhas com óleos, garrafas de água, velas em diferentes formatos (cabeça, mão...), envelopes entre outros. Padre Daniel então faz a saudação aos fiéis invocando a Trindade (Pai, Filho e Espírito Santo) e faz uma oração pedindo perdão pelos pecados, ao final da qual os fiéis respondem “Senhor tende piedade de nós”, “Cristo, tende piedade de nós” e “Senhor tende piedade de nós”.

Após pedido o perdão a Deus, o padre exorta aos fiéis a agradecerem pelas bênçãos recebidas, ao que tem início a “Oração do Pai Nosso”, seguido pela “Oração da Ave Maria” (essas orações são rezadas com a música Ao término das orações, o padre convida os fiéis a se cumprimentarem, desejando uns aos outros a “Paz de Cristo”, o que é feito ao som de uma das músicas tradicionais nas missas da ICAR. Em seguida, prepara os fiéis para ouvirem a leitura da Bíblia.

O padre então convida os fiéis a se sentarem para ouvir a palavra do Senhor e anuncia a leitura de 1 Pedro 5: 7-9. Depois de lida a passagem bíblica, o padre se dirige aos presentes para os ensinamentos. Repetindo várias vezes durante sua fala as palavras da bíblia, o padre exorta os fiéis a entregarem a Deus todas suas preocupações, como “espiritismo, macumbaria”, e a ficarem firmes na fé para enfrentarem o diabo, pois ele existe e é preciso ter consciência de que ele existe para poder enfrenta-lo, ficando perto de Deus “nessa Santa igreja, na nossa paróquia, porque aqui Satanás não tem vez. Ele sabe que aqui coloca o diabo pra correr...”.

Na continuação da cerimônia, o padre ensina a como ficar firme na fé: participando da missa “nessa santa igreja”, sendo fiel a Deus na entrega do santo dízimo e fazendo as novenas. Nesse momento, o padre lembra a figura de Nossa Senhora como modelo de quem foi firme na fé, não abandonando Jesus em nenhum momento.

Ele continua os ensinamentos, mas agora sobre a Novena de Nossa Senhora Desatadora dos Nós. A novena, que tem início nessa data, é uma maneira de se permanecer firme na fé; e reforça a importância de não faltar em nenhuma missa da novena pois “é assim que se vence satanás: com novena, vela benta, óleo bento, leitura da bíblia, jejum, consagração a Deus, fidelidade a Deus... o demônio, satanás, o diabo é forte na vida da pessoa quando a pessoa é fraca na fé”.

O padre orienta os fiéis que levem o cordão⁴⁶ da novena para outras pessoas que não podem estar ali, que rezem por elas e quando puderem, que elas próprias venham pois “tem que vir aqui e ser fiel a Deus”. Nessa ocasião, o padre critica as pessoas que afirmam “Deus está me revelando aqui... Esse negócio de revelação é coisa do demônio. Deus não esconde nada de você não”. Aproveita também para exortar o compromisso e fidelidade dos fiéis àquela igreja: “Padre, posso fazer a novena perto de casa? Não! Aqui você começa, aqui você termina! Aqui na santa amada igreja. Aqui coloca o diabo pra correr”.

Feitas as explicações sobre a novena de N. S. Desatadora dos Nós, o padre faz uma oração espontânea, reforçando o poder do diabo e da força da novena para vencê-lo, santifica o cordão com os nove nós e a oração da novena que serão entregues aos participantes. Depois pergunta: “É difícil fazer a novena? Difícil é sofrer, né?”, e convoca: “Quando conseguir o milagre, venha aqui para agradecer como o padre ensina”. Os cordões e orações são distribuídos aos fiéis que se dirigem pela primeira vez ao altar para pegá-los.

Estando os fiéis já com os cordões e orações, são convidados a acenderem a vela benta da novena. Há vários tipos de velas: a de nó, a com imagem de N. S. Desatadora dos Nós e a vela de três dias etc. Quem está com vela é chamado para acendê-la no altar e quem está sem é informado que pode adquiri-la no balcão.

As pessoas vão, pela segunda vez, até o altar para acenderem suas velas nas velas que lá estão (entre elas, uma maior, bastante parecida com a vela do Círio Pascal utilizada pela ICAR) e voltam aos seus lugares. O padre faz oração

⁴⁶ Trata-se de um pedaço de barbante, de aproximadamente quinze centímetros, onde estão feitos os nove nós que serão desatados em cada dia da novena.

consagrando a vela e o óleo com o qual as pessoas serão unguidas; unge também as mãos do padre Cesar e da irmã Denise que, junto com ele, imporão as mãos sobre as cabeças dos fiéis depois da oração do exorcismo.

Todos em pé, o padre anuncia a oração de libertação e exorcismo, durante a qual as pessoas devem desatar o primeiro nó do cordão. Nesse momento, o padre destaca: “primeiro você pede, segundo Deus abençoa e terceiro, você é fiel a Deus”. Elevado o tom de voz do padre, eleva-se também o volume do som que reproduz músicas em tom triunfalista e diz o padre: “Eu faço uso dessa autoridade. Em nome de Cristo, demônio, sai desse corpo”, demarcando o início da oração de exorcismo que tem continuidade com a citação de uma série de doenças e situações (desemprego, brigas na família, macumbaria) que precisam serem exorcizadas. Ao final, sempre se repete enfaticamente “sai dessa vida, sai desse corpo”.

Feita a oração do exorcismo, o padre Grigoletto chama as pessoas para a imposição das mãos e para que levem os objetos para serem abençoados. Enquanto as pessoas se aproximam pela terceira vez do altar, padre Daniel Grigoletto faz orações para que Deus abençoe as suas mãos, as do padre Cesar e da irmã Denise, os quais imporão as mãos, expulsando os demônios, em cada um dos fiéis.

Do presbitério, que é elevado do piso da igreja em cerca de trinta centímetros, o padre e seus auxiliares expulsam os demônios das pessoas e dos objetos ao mesmo tempo em que os abençoam. Em seguida, padre Grigoletto avisa que vai distribuir um folheto com oração e o óleo bento para as pessoas se ungirem e para levarem para casa para ungirem seus familiares ou, se estes não quiserem para colocar na comida ou na porta de casa e diz que o óleo “cura e liberta”. Aproveita para anunciar a venda do frasco no balcão da igreja.

O padre lembra os fiéis de sempre trazerem às missas objetos que desejam que sejam abençoados e depois anuncia a “adoração a Deus através do dízimo”.

Momento da oferta do dízimo. “Vamos adorar o bom Jesus com seu santo dízimo e com as ofertas de amor. Você que trouxe o envelope do santo dízimo - esse envelope maior (mostra aos fiéis), traga aqui no altar com o santo dízimo, pra você devolver a parte que é de Deus. Você que trouxe uma oferta de amor – esse envelope menor (mostra aos fiéis), traga também. Se você está cumprindo um voto com Deus,

separe e cumpra bem esse voto”. A seguir, ele explica a finalidade do dízimo: ajuda a manter a casa do senhor, a evangelização e, com o dízimo, os fiéis ajudam a manter a obra do senhor com sua fidelidade. O padre pede aos que trouxeram o dízimo para que levantem os envelopes e faz a oração repetida pelos fiéis “Deus e senhor, pode contar comigo para sua obra”; em seguida, diz “Vem aqui na frente trazer o Santo dízimo em minhas mãos para serem consagrados a Deus”.

Recebidos os envelopes dos dízimos, o padre os coloca sobre o altar e chama: “devotos do bom Jesus, devotos de N. Senhora, se aproximem do altar e coloquem sua oferta para o senhor”. As ofertas assumem uma característica peculiar: representam a doação ofertada pelo fiel depois de fazer um voto com Deus, ou seja, assumir um compromisso a fim de ser atendido em alguma necessidade. As ofertas não são recebidas pelas mãos do padre, mas depositadas em sacolas seguradas por fiéis chamados a auxiliarem nessa função e que ficam à frente do presbitério durante a coleta. A entrega do dízimo e das ofertas marca a quinta vez em que os fiéis se deslocam de seus lugares em direção ao altar.

Recebidas as ofertas, o padre anuncia que quem faz votos com Deus recebem graças e lê carta com o testemunho de uma pessoa que relata seus votos com Deus, o recebimento da graça e sua fidelidade ao dízimo. Em seguida, anuncia que vai ungir as mãos e entregar o envelope do dízimo para que a pessoa prospere na vida, pois, “sendo fiel a Deus e sendo uma pessoa esforçada, você prospera”. Depois explica que “dízimo é a décima parte, nem mais nem menos, o que é de Deus, é de Deus”; faz oração pela santificação dos envelopes e das pessoas para que prosperem e através da prosperidade, honrem a Deus, e em seguida, ora: “Deus, honra àqueles que te honram”, e as pessoas se aproximam pela sexta vez do altar para receberem a benção da prosperidade, serem ungidos e receberem o envelope do dízimo.

Após o recebimento dos envelopes, o padre anuncia que na próxima sexta feira (01/09/2017), será realizada a missa da prosperidade, com a benção e unção com leite e mel. Essa missa será dedicada a Santa Edwiges, protetora dos pobres e endividados: “Uma vez por mês, o padre faz essa oração para abençoar você e quando você for abençoado, traga seu dízimo e dê seu testemunho”.

O padre convida para participarem da eucaristia e enquanto se prepara, lavando as mãos (gesto também repetido pelo padre Cesar, pela irmã Denise e pelo rapaz que auxilia no altar. Tem início a oração da eucaristia. A Oração eucarística feita na ICAC é, pelo que se pode notar, uma só, independentemente das circunstâncias e numa sequência de frases que muito se assemelham às da ICAR. Destaco aqui, duas frases da Oração Eucarística proclamada pela ICAC: “Obrigado pelos milagres que tem operado em nossa paróquia” e “Eu rogo pela nossa Santa Igreja Católica Apostólica Carismática e àqueles que, a partir de hoje vão se tornar fiéis”, pois elas primeiro, delimitam aquela igreja como um espaço geográfico onde o milagre acontece e, segundo, reforça a necessidade do fiel se vincular (e permanecer) àquele espaço para receber o milagre necessitado.

Todos fazem a oração do Credo e, ao final dessa, a pessoa responsável pelo som e pelas imagens do *Datashow*, lê a lista de intenções (ações de graças pelos aniversários de algumas pessoas). Terminado o Credo, e já convidando os fiéis para a comunhão eucarística, o padre adverte: “uma coisa que o demônio quer é que você não receba a hóstia divina ‘ah eu não posso...’. Jesus te curou, te libertou!”. Os fiéis se aproximam pela sétima vez do altar para a comunhão. A eucaristia é distribuída a todos que se aproximam do altar, inclusive crianças no colo de seus pais.

Antes de encerrar a missa, o padre lembra para que todos leiam em casa a passagem bíblica anunciada na missa (1 Pedro 5: 7-9), avisa que casamentos e batizados devem ser marcados no balcão da igreja e que no sábado (26/08) haverá o “Encontro da comunidade”, às 18h30min, para que todos possam conhecer melhor a palavra de Deus. Os fiéis se cumprimentam e o padre encerra a missa com o sinal da cruz. Embora as orientações sobre casamentos e batizados sejam feitas sem quase todas as missas, e de constarem no site do padre Grigoletto, não cheguei a presenciar nenhuma dessas celebrações ou alguma referência à realização efetiva de uma delas. Quanto aos “Encontro com a Comunidade”, cheguei a participar de um deles.

Esses “Encontros com a Comunidade” visam promover a confraternização (as pessoas fazem lanche comunitário ao final) e preparar aqueles que auxiliam mais de perto as celebrações. Algumas das pessoas que frequentam esses encontros, são as mesmas que darão testemunhos durante as missas das graças alcançadas através da igreja.

3.7 Análise da ICAC

Os tipos ideais de mago, profeta e sacerdote, elaborados por Weber (2000) nos ajudam a compreender e a inserir a ICAC no contexto de concorrência no campo religiosos brasileiro com a ICAR. Sem esquecer que o próprio autor atenta para o fato de que os sacerdotes mantêm também aspectos característicos do mago como profissional do culto, consideramos que na ICAC, estão de maneiras bem acentuadas, as características pertinentes ao mago, ainda que, uma vez estabelecida como instituição, essa igreja comporte aspectos pertinentes ao sacerdote e ao profeta mistagogo. Abaixo, as tabelas reúnem as características de cada um desses tipos ideais dos quais destacamos, segundo nosso entendimento, as que compõem a figura do padre na ICAC. Importante destacar que esse esforço em conhecer a identidade do padre na ICAC não tem outro objetivo senão o de conhecer a própria igreja e as estratégias adotadas para demarcar seu espaço no campo religioso brasileiro.

Tabela 4: Tipos ideais segundo Max Weber (2000).

Profeta	Sacerdote	Mago
Característica principal: Vocação pessoal. Anuncia uma verdade religiosa em virtude de revelação pessoal.	Sua autoridade reside no serviço à tradição sagrada.	A substância da sua missão é a magia.
Autoridade reside na revelação pessoal ou carisma.	Distribui bens de salvação em virtude de seu cargo.	É pregador da divinização: a revelação funciona como oráculo ou como inspiração no sonho.
Permanece legitimado em virtude de seu dom pessoal.	Integra um empreendimento de salvação com caráter de relação associativa.	Sua “profecia” não é gratuita: cobra pelos seus serviços (consulta mágica, divinação, terapêutica).
A substância da sua missão é a doutrina ou o mandamento.	Permanece legitimado por seu cargo.	
Caráter gratuito da sua profecia: propaga a ideia por ela mesma e não por remuneração.		

Fonte: Marcos Aurélio da Silva.

O padre da ICAC é um padre-profeta no sentido de permanece legitimado em virtude de seu dom pessoal de fazer o milagre acontecer. Deus faz o milagre, mas o faz por intermédio do padre que “reza e o milagre acontece”. Os padres da ICAC são imbuídos desse dom pessoal de distribuir as graças abençoando objetos como velas, águas, óleos que são portadores da capacidade de trazer a cura, o emprego, o êxito nos negócios e assim por diante. Mas, além de profeta, é também sacerdote, no sentido de que distribuí os bens de salvação em virtude de seu cargo, pois a sua igreja é a que “coloca o demônio para correr”, o padre ensina o que o fiel deve fazer, o fiel faz um voto com Deus, Deus realiza o milagre atendendo a necessidade pedida e o fiel cumpre seu voto com Deus levando a oferta e se tornando dizimista para auxiliar o padre a manter as obras de cura e libertação para mais pessoas. Finalmente, a características que mais se acentua no padre da ICAC é a do mago. A vista de um observador, as garantias dadas pelo padre de que se o fiel cumprir exatamente os ensinamentos do padre, o milagre acontecerá, soam como um cheque pré-datado que, após as suplicas, promessas, assiduidade às missas e as novenas, o uso dos bens de salvação (velas, óleos, etc.) o milagre vai acontecer e, então o fiel resgata aquele cheque mediante a oferta do dizimo. Parece que o padre exerce um poder de coação sobre Deus no sentido de que, sendo as promessas do próprio Deus, como insistentemente lido em todas as missas onde as passagens bíblicas destacam os exorcismos, as curas e as promessas divinas, Deus vai honrar sua palavra e o pedido será atendido.

A tabela abaixo nos permite distinguir o tipo de profeta está mais diretamente relacionado ao padre da ICAC.

Tabela 5: Tipos de profeta segundo Max Weber (2000).

Profeta Mistagogo	Profeta Ético	Profeta Exemplar
Este pratica sacramentos, isto é, atos mágicos que garantem bens de salvação... apenas gradualmente se distinguem do mago comum por reunir em volta de si uma comunidade especial (WEBER, 2000, p. 307).	Pessoa que, em virtude do cargo divino, exige a obediência como dever ético (WEBER, 2000, p. 308).	Pessoa que, por seu próprio exemplo, mostra aos outros (aqueles que sentem a necessidade da salvação) o caminho da salvação religiosa (WEBER, 2000, p.308).

Fonte: Marcos Aurélio da Silva

O padre da ICAC pratica os sacramentos abençoando as velas, a água, o óleo, a carteira, o lenço da cura divina, o tapete de sal, o leite e mel que serão distribuídos e usados pelos fiéis garantia da salvação. A salvação no caso, significa o livramento das forças malignas e necessidade atendida. Aqueles objetos abençoados pelo padre selam o compromisso do fiel com Deus, mas acima de tudo, o compromisso de Deus com o fiel, pois, uma vez portador do sacramento ministrado pelo padre, se o fiel cumprir os ensinamentos do padre, “não tem como dar errado, muitas bênção e milagres Deus vai fazer na sua vida”, afirmação frequentemente proferida nas missas pelos padres da ICAC.

Como também se pode observar, outra característica do profeta mistagogo é a composição de uma comunidade especial, distinto do que ocorre com o profeta ético ou exemplar. Parece-nos correto inferir que a principal característica da ICAC é do tipo associativa, como veremos abaixo.

Tabela 6: Tipos de relação segundo Max Weber (2000).

Relação Comunitária	Relação Associativa
Sentimento subjetivo dos participantes em pertencer afetiva ou tradicionalmente ao mesmo grupo. Antítese da luta.	Ajuste ou união de interesses racionalmente motivados (em referência a valores ou fins). Valores: compromisso próprio. Fins: expectativa de lealdade da outra parte. Mantem a oposição de interesses e a concorrência pelas melhores possibilidades.

Fonte: Marcos Aurélio da Silva

Ao participar das missas na ICAC, se pode inferir que, entre os fiéis que frequentam as missas e os padre da igreja, se estabelece essa relação associativa em que, por um lado, ambos assumem o compromisso – o padre de que o milagre vai acontecer, o fiel de seguir incondicionalmente os ensinamentos do padre – e por outro lado, ambos nutrem expectativas da lealdade da outra parte, ou seja, o padre de que o fiel “honre a Deus com o santo dízimo” e os fiéis, que de fato sua necessidade seja atendida.

Entendemos que a ICAC, para se legitimar no campo religioso brasileiro, adota nomes parecidos com a ICAR para compor um capital simbólico inicial que atende, simultaneamente, a finalidade de atrair e conservar no seu âmbito, aqueles que se identificam ainda que formalmente como católicos. O uso recorrente dos objetos abençoados que funcionam como um passaporte que habilita para o recebimento do milagre esperado cria a expectativa da imediata recompensa e o padre enfaticamente, dá a garantia de que a graça esperada acontecerá, da forma como deseja e necessita o fiel porque “Deus é bom e dá coisas boas a seus filhos”, conforme palavras do padre.

Ao adotar nomes, paramentos, rituais parecidos com a ICAR, a possibilidade de confusão por parte dos crentes acaba por ser quase inevitável, principalmente entre os (chamados na literatura acadêmica) de católicos tradicionais, ou seja, que estão ligados ou se identificam como católicos por questões de tradição familiar e cultural, não possuindo vínculos mais consistentes com as atividades religiosas. Mas é preciso considerar também que, apesar da ICAR ocupar ainda uma posição de destaque no mapa religioso brasileiro e, de certa maneira permanecer ainda como traço marcante na cultura nacional, como exemplificam os feriados religiosos que, apesar de católicos, se refletem também nos não católicos.

A presença de outras igrejas que também se denominam católicas, já pode representar uma ameaça aos representantes da ICAR, pois a referência hegemônica antes ocupada sob a sigla do catolicismo, vê-se num contexto mais amplo e diversificados de formas alternativas de ser católico e que, de certa forma, podem colocar em pauta a questão do real significado – ou importância - de se estar ligado ao Bispo de Roma quando, em última instância, as necessidades mais urgentes que a salvação da alma encontram, nessas outras igrejas igualmente católicas, a garantia de resultados mais imediatos. Essa lógica se justifica se recorrermos à sociologia de Weber ao considerar que quanto maior for a indigência, maior será a fé. No caso da ICAC, a garantia firmada pelo padre de que, obedecendo seus ensinamentos e fazendo uso dos objetos abençoados, a pessoa terá afastada de si tudo aquilo de maligno que a impede da cura e da prosperidade, soa como alívio para os sofrimentos do presente, o que em última instância, é o que de fato importa para aquele se encontra na indigência.

Também Bourdieu (1989) nos ajuda a entender a nova dinâmica que se estabelece no campo religioso, no nosso caso, mais especificamente no campo religioso católico, em que estão em concorrência essas diferentes alternativas de adesão, como diz autor “Eu propunha uma construção do campo religiosos como estrutura de relações objetivas que pudesse explicar a forma concreta das interções (BOURDIEU, 1989, p. 66).

Fazendo sua crítica à sociologia da religião de Weber, Bourdieu (1989) oferece a noção de campo como substituição do tipo ideal proposto por aquele autor, pois segundo Bourdieu

Compreender a gênese social de um campo, e apreender aquilo que faz a necessidade específica da crença que o sustenta, no jogo de linguagem que nele se joga, das coisas materiais e simbólicas em jogo que nele se geram, é explicar, tornar necessário, subtrair ao absurdo do arbitrário e do não-motivado os atos dos produtores e as obras por eles produzidas e não, como geralmente se julga, reduzir ou destruir. (BOURDIEU, 1989, p.69).

Cada campo se estrutura de forma autônoma em relação aos demais campos presentes na sociedade, mas, como veremos adiante, todos têm características comuns como nos lembra Lahire (2017).

Nas sociedades altamente diferenciadas, o cosmo social é constituído pelo conjunto desses microcosmos sociais relativamente autônomos, espaços de relações objetivas que são o lugar de uma lógica e de uma necessidade específicas e irreduzíveis àquelas que regem os outros campos (BOURDIEU, 1992, apud. LAHIRE, 2017, p.64).

Essa definição mais abrangente de campo no pensamento de Bourdieu parece-nos importante para o entendimento da noção de campo religioso que virá mais adiante. Por hora, cabe destacar, além da autonomia citada acima, que o campo é um espaço estruturado ocupado por posições de dominantes e dominados, que adota estratégias respectivamente, de conservação ou subversão das relações existentes nesse campo.

Nesse sentido, em relação aos catolicismos alternativos, podemos considerar que a ICAR ocupa, em virtude da hegemonia histórica, a posição do dominante do campo religiosos brasileiro, e as demais igrejas católicas (aqui denominadas de alternativas), a posição de dominada. Essas posições no campo religioso brasileiro, podem ser confirmadas quando observamos a estratégia da ICAR em deslegitimar a ICAC (recorrendo judicialmente para impedir o funcionamento desta) como a estratégia adotada pela própria ICAC de, a todo instante, afirmar sua igreja como o espaço sagrado onde o milagre acontece. Essas estratégias são mecanismos adotados na concorrência pelo espaço dentro do campo religioso especificamente católico.

É possível depreender também, a partir da leitura de Bourdieu, que ao recorrer às várias estratégias (proximidades léxicas, paramentos etc.) a ICAC experimenta também um dilema quanto a questão de sua identidade como igreja: por um lado, aparece como semelhante à ICAR e, por isso, atrai fiéis dessa igreja interessados em permanecer socialmente na tradição católica. Por outro lado, a ICAC quer apresentar-se para os fiéis como alternativa (é nesse sentido que empregamos a expressão “catolicismo alternativo” às igrejas católicas diferentes da ICAR) de um catolicismo diferente (por que mais eficaz) do que o da ICAR, afinal, o recebimento da graça é garantido pelo padre que “reza e o milagre acontece”,

Sobre o campo especificamente religioso assim diz Bourdieu:

A autonomia do campo religioso afirma-se na tendência de os especialistas fecharem-se na referência autárquica ao saber religioso já acumulado e no esoterismo de uma produção quase acumulativa de início destinada aos produtores. (BOURDIEU, 2007, p. 38).

Como se depreende da citação acima, Bourdieu lembra que, diferente do campo intelectual, no campo religioso, os especialistas acabam cedendo às necessidades dos fiéis, pois, em última instância, o saber produzido pelos especialistas precisa, de alguma forma, ser percebido pelo leigo como doador de sentidos para as suas necessidades também mais cotidianas.

Ao ceder às necessidades dos fiéis, enfatizando a garantia da salvação imediata de seus males como doença, desemprego, dívidas entre outros, a ICAC atrai para si um número de católicos que estão na expectativa da solução imediata desses males, o que desperta e desperta a reação da ICAR e a desqualificação que esta faz das novas igrejas católicas, pois como diz Bourdieu (2007)

Uma vez que a religião, e em geral todo sistema simbólico, está predisposta a cumprir uma função de associação e de dissociação, ou melhor, distinção, um sistema de práticas e crenças está fadado a surgir como magia ou como feitiçaria, no sentido de religião inferior, toas as vezes que ocupar uma posição dominada na estrutura das relações de força simbólica, ou seja, no sistema das relações entre o sistema de práticas e de crenças próprias a uma formação social determinada. Dessa maneira, costuma-se designar em geral como magia tanto uma religião inferior e antiga, logo primitiva, quanto uma religião inferior e contemporânea, logo profana (aqui, equivalente a vulgar) e profanadora (BOURDIEU, 2007, p. 43).

Quando recorremos aos tipos ideais de Weber (2000) e inferimos a partir deles que o padre da ICAC constitui o conjunto de profeta-sacerdote-mago e destacamos que a coerção, portanto, a magia, se sobrepõe aos outros dois tipos, não atribuímos a essa caracterização nenhuma desqualificação, pelo contrário, entendemos que essa se apresenta como uma das alternativas do ser católico que contempla uma parte dos (des)crentes assolados num momento de crise e que percebem nessa oferta imediata de salvação e no *habitus* por ela estimulado, motivações para acreditar na salvação, ou seja, na libertação dos males que lhe afligem.

Na crítica à sociologia da religião de Weber, Bourdieu (2007) considera aquela como uma sociologia religiosa que tem como referência o cristianismo e, podemos dizer aqui particularmente, o catolicismo. No Brasil, catolicismo ainda é considerado por muitos como sinônimo de ICAR e, portanto, esta ocupa uma posição hegemônica no campo religioso católico brasileiro e os demais catolicismos que se apresentam como alternativos, na sua condição de dominados nesse campo, passam por profanadores, não só para a própria ICAR, mas também, para representantes de outros campos simbólicos como o jurídico, a exemplo da ação movida pelo arcebispo da ICAR de Campinas e acolhida pelo Tribunal de Justiça de São Paulo, conforme já foi exposto nesse capítulo.

Ao considerarmos a ICAC como sendo de características predominantes da magia, levamos em consideração que

A maioria dos autores está de acordo em reconhecer nas práticas mágicas os seguintes traços: visam objetivos concretos e específicos, parciais e imediatos (em oposição aos objetivos mais abstratos, mais genéricos e mais distantes que seriam os da religião); estão inesperadas pela intenção de coerção ou de manipulação dos poderes sobrenaturais (em oposição às disposições propiciatórias e contemplativas da “oração”, por exemplo); e por último, encontram-se fechadas no formalismo e no ritualismo do *toma lá dá cá*. (BOURDIEU, 2007, p. 44).

Admitir essas características atribuindo-as a ICAC não significa fazer coro aos argumentos da ICAR e afirmar que são falsos os padres e inválidos os sacramentos ali ministrados. E, de acordo com o pensamento de Bourdieu (2007), toda essa desqualificação feita pela ICAR acontece porque, no âmbito de concorrência do poder simbólico, a ICAC se apresenta como contestadora do monopólio da gestão do sagrado católico, pressuposto pelo catolicismo romano. Nesse sentido, não só a permanência, mas a própria expansão que vem sendo alcançada pela ICAC representa sua resistência em não se deixar desapropriar do capital simbólico conquistado a cada missa através dos seus objetos garantidores da salvação esperada.

Consideramos que, no vasto campo simbólico brasileiro, haja espaços para as diferentes manifestações de catolicismos sem a necessidade de que um se imponha sobre o outro, pois, num país em que as desigualdades sociais são significativamente consideráveis

(...) trata-se de reforçar simbolicamente a propensão para medir as esperanças pelas possibilidades inscritas nestas condições de existência, por intermédio de técnicas de manipulação simbólica de aspirações tão diversas (embora convergentes) como o deslocamento das aspirações e conflitos (promessas da salvação) ou a transmutação do destino em escolha (exaltação do ascetismo) (BOURDIEU, 2007, p. 53).

A divisão da sociedade em classes produz também a divisão em diferentes estruturas simbólicas, no caso, religiosas e, em virtude dessa realidade, será o crente que, dadas suas condições reais de existência, fará a escolha entre a salvação garantida pela ICAC - como resultado daquele “ensino puramente empírico da arte mágica” ou a “formação e disciplina racionais dos sacerdotes” a que se refere Max Weber (2000, p. 294) oferecida aos fiéis pela ICAR. Ademais, é preciso lembrar que o interesse propriamente religioso é, em última instância, seja numa ou outra igreja, o interesse político, no sentido da busca por uma vida boa aqui e agora, o que pode se referir tanto ao sentido espiritual quanto ao aspecto material propriamente falando. Nesse sentido, pensamos que, negar a legitimidade da ICAC, é também uma estratégia adotada pela ICAR para manter-se hegemônica no campo do catolicismo brasileiro, o que nos parece irreal, pois, quanto mais diversificada a sociedade, maior será também a oferta dos bens simbólicos a disposição. A esse respeito, lembremos a função e a estrutura do campo religioso

Em função de sua posição na estrutura da distribuição do capital de autoridade propriamente religiosa, as diferentes instancias religiosas, indivíduos e instituições, podem lançar mão do capital religioso na concorrência pelo monopólio da gestão dos bens de salvação e do exercício legítimo do poder religioso enquanto poder de modificar em bases duradouras as representações e as práticas dos leigos, inculcando-lhes um *habitus* religioso, principio gerador de todos os pensamentos, percepções e ações, segundo as normas de uma representação religiosa do mundo natural e sobrenatural, ou seja, objetivamente ajustados aos princípios de uma visão política do mundo social. De um lado (I), este capital religioso depende do estado, em um dado momento do tempo, da estrutura das relações objetivas entre a demanda religiosa (ou seja, os interesses religiosos dos diferentes grupos ou classes de leigos) e a oferta religiosa (ou seja, os serviços religiosos de tendências ortodoxa ou herética), que as diferentes instancias são compelidas a produzir e a oferecer em virtude de sua posição na estrutura das relações de força religiosas (ou seja, em função de seu capital religioso) e, de outro lado (II) este capital religioso determina tanto a natureza, a forma e a força das estratégias que estas instancias podem colocar a serviço da satisfação de seus interesses religiosos, como as funções que tais instancias cumprem na divisão do trabalho religioso, e em consequência na divisão do trabalho político (BOURDIEU, 2007, p. 57).

:

Essa relação descrita acima é circular, ou melhor, dialética, no sentido de o capital que cada uma pode utilizar na concorrência é produto de concorrências anteriores. Nesse sentido, a ICAC está em desvantagem em relação à ICAR e por esse motivo, acreditamos, lança mão de estratégias que se aproximam mais da

magia, para, de imediato, compensar essa desvantagem e garantir clientela que lhe possibilite, ao passar do tempo, constituir também ela (ICAC) capital religioso suficiente para equilibrar a relação na disputa pelo campo. Entre as estratégias adotadas pela ICAC estão, velas com formas específicas à salvação que se quer alcançar (em forma “nó” para desmanchar o que impede a prosperidade; de cabeça, para curar doença da cabeça e etc.), óleos, água, sabonetes, entre outros, que, uma vez abençoado pelo padre e, feito o voto pelo fiel com Deus, garantirá a salvação desejada. Ao estabelecer o local específico e a pessoa com o carisma suficiente (“Aqui o padre reza e o milagre acontece”), a ICAC fixa sua identidade e seu poder, em detrimento dos demais grupos religiosos.

Outro aspecto que merece atenção, é que na ICAC, há uma insistência em inculcar nos fiéis um *habitus* que se resume em frequentar ir às missas, fazer as novenas e votos com Deus, fazer as ofertas e o dízimo, e obedecer ao que o padre ensina “naquela igreja”. Não é em outro lugar, mas somente na ICAC o padre tem poder e “põe o demônio pra correr”. Isso porque

Ademais, a Igreja visa conquistar ou preservar um monopólio mais ou menos total de um capital de graça institucional ou sacramental (do qual é depositária por delegação e que constitui um objeto de troca com os leigos e um instrumento de poder sobre os mesmos) pelo controle do acesso aos meios de produção, de reprodução e de distribuição dos bens de salvação (ou seja, assegurando a manutenção da ordem interior do corpo de especialistas) e pela delegação ao corpo de sacerdotes (funcionários do culto intercambiáveis e portanto, substituíveis do culto do ponto de vista do capital religioso) do monopólio da distribuição institucional ou sacramental e, ao mesmo tempo, de uma autoridade (ou uma graça) de função (ou de instituição). (BOURDIEU, 2007, p. 63).

Na ICAC, em virtude de sua posição periférica no campo religioso católico, e porque precisa estar, a todo momento, comprovando a eficácia da sua empresa de salvação, democratiza o acesso à “produção, reprodução e distribuição dos bens da salvação” quando, em suas missas, o padre dispõe de auxiliares (diáconos, irmãos etc.) para distribuir os objetos/sinais da graça como óleo e/ou a unção com o óleo, a imposição das mãos e o exorcismo, fitas, lenços, comunhão. Cabe aqui destacar que não há impedimentos de nenhuma ordem para o recebimento da comunhão, pois segundo o padre, a presença da pessoa na igreja e sua participação na missa já

habilita para o recebimento da eucaristia sem nenhuma condição, inclusive de idade, pois conforme o padre avisa com frequência quando convida os fiéis para o recebimento da hóstia “o seu passado não importa mais: você veio aqui na igreja, o padre rezou para você, você fez um voto com Deus e ele te perdoou.”.

Nos “Encontros com a comunidade” e mais especificamente, no Seminário, que a ICAC concentra e controla a produção e a reprodução da distribuição dos bens de salvação, desenvolvendo num grupo menor de pessoas que auxiliarão nas missas e na expansão da igreja, aquele *habitus* próprio da instituição.

Para finalizar essa nossa análise da ICAC lembramos a sobreposição, nos padres da ICAC, das características do mago-profeta-sacerdote, com acentuada ênfase, acreditamos, da relação de coerção (em detrimento da relação de serviço) e do carisma profético, buscamos auxílio mais uma vez em Bourdieu (2007):

Por sua vez o profeta (ou o heresiarca) e sua seita, pela ambição que tem de satisfazer eles mesmos suas próprias necessidades religiosas sem a mediação ou a intercessão da Igreja, estão em condições de constatar a própria existência da Igreja colocando em questão o monopólio dos instrumentos de salvação, estando obrigados a realizar a acumulação inicial de capital religioso pela conquista (e/ou pela reconquista incessante) de uma autoridade sujeita às flutuações e às intermitências da relação conjuntural entre a oferta de serviço religiosos e a demanda religiosa de uma categoria particular de leigos (BOURDIEU, 2007, p. 67).

Consideramos que a ICAC se insere nesse contexto do profeta e sua seita, no sentido de precisar a todo instante afirmar sua autoridade religiosa para conseguir acumular capital religioso e o fazem, destacando sua força e poder em fazer aquilo que as outras não fazem. Aqui é preciso atentar para uma situação paradoxal em que se encontra a ICAC. Ao mesmo tempo em que procura se passar (sutilmente) por católica romana para garantir a convergência de fiéis católicos em suas missas (e sua igreja), precisa colocar-se como mais capaz do que aquela em atender aos interesses religiosos (que, como vimos anteriormente, são também temporais). A ICAC busca uma aproximação aparente com a ICAR (principalmente vestes e nomenclaturas) para garantir, já de início, um certo capital religioso para que seus padres, no exercício do poder carismático, possam manter no interior da sua igreja, pelo desenvolvimento do

habitus que ensina, um número grande de leigos que lhe confirmam a legitimidade da autoridade de padres. Esses hábitos consistem basicamente na presença/participação nas missas da igreja para o contínuo reabastecimento dos sinais mágicos da salvação (na própria pessoa e nos objetos abençoados). Para fortalecer o *habitus*, faz concessões éticas, eliminando qualquer impedimento ou condições ao acesso/recebimento a esses sinais mágicos. Ao agir assim, a ICAC procura manter e consolidar aquele capital religioso que se pretendeu transferido da ICAR para si, na expectativa de acumular seu próprio capital religioso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao ingressar no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, tinha por objeto compreender a contínua e variedade de igrejas que, na mesma velocidade que abriam, fechavam suas portas em minha cidade natal Taubaté-SP. Identificava essas igrejas genericamente como evangélicas mas, ainda que superficialmente, identificava algumas diferenças entre as novas igrejas e mais tradicionais, como as igrejas Assembleia de Deus e Congregação Cristã do Brasil. À medida que cursava os créditos e participava dos eventos promovidos pelo programa e fora dele, e tinha a oportunidade de conviver com pessoas de diferentes formações e origens, todas interessadas pelo mesmo objeto, mas por diferentes motivos, fui percebendo a amplitude do tema e a infinidade de possibilidades para abordá-lo.

Quando, escolhi a Igreja Católica Apostólica Carismática como objeto de estudo, pretendia descobrir a origem daquela igreja para, a partir daí, cotejar através de entrevistas, se a percepção dos fiéis que a frequentam correspondiam com a identidade da própria igreja ou, se pelo contrário, pensavam estar frequentando uma Paróquia da Igreja Católica Apostólica Romana cujo padre fizesse parte da Renovação Carismática Católica (RCC). As dificuldades para acessar informações precisas e documentadas, as dificuldades para, nas formalidades da pesquisa científica entrevistar o representante da ICAC na cidade foram, aos poucos, criando a necessidade de se reformular, várias vezes, a metodologia e os objetivos da pesquisa. Decidimos abandonar a ideia de entrevistar os fiéis – talvez não tenha sido a melhor decisão, mas foi a que considerei mais prudente naquele momento. Decidi então, conhecer a ICAC através das descrições que suas lideranças fazem da Instituição a que servem, e, em substituição às entrevistas com os fiéis, acrescentar as minhas próprias percepções como observador externo.

Mas para chegar até as origens da ICAC, a partir da opção que fiz, não seria fácil, aliás, havia até mesmo o receio que não se chegasse a lugar algum. Pacientemente, refiz a história com o propósito de que, conhecendo o passado,

poderia compreender melhor o presente, especificamente no que diz respeito à diversidade cada vez maior, das igrejas.

Para alcançar esse fim, no primeiro capítulo recuei na história para compreender as motivações que orientavam o “grupo paulista” e percebi a paciência e a diplomacia que tiveram aquelas lideranças para, entre propostas ousadas e recuos estratégicos, tentar programar reformas num catolicismo para, de certa forma, tornar mais favorável suas próprias condições de, simultaneamente em alguns casos, servirem às instituições religiosas e políticas. Reforça a tese de Lustosa (1977) que o grupo, ao apresentar as reformas, estava sendo acima de tudo, pragmático, no silêncio que se instalou após a última tentativa feita.

Com padre Amorim e dom Duarte Costa foi diferente. Cada um ao seu tempo, não mobilizaram seus pares em torno de uma proposta de aperfeiçoamento da instituição, pelo contrário, incisivos no agir, talvez considerassem suficiente impor-se perante toda uma hierarquia historicamente construída e com pouca tolerância para com aqueles que desafiam o status da Instituição. Dom Duarte Costa viveu o suficiente para ver a expansão de sua Igreja e a enfrentar confrontos diretos com a ICAR.

Ao escolher Salomão Ferraz para compor o segundo capítulo, tínhamos por intenção apresentar a atitude, a nosso ver, contraditória, tanto do próprio Salomão Ferraz, como da ICAR. Salomão Ferraz traçou um objetivo – o ecumenismo – e para executá-lo, buscou a instituição que lhe desse o respaldo suficiente e, não encontrando, resolveu fundar sua própria Igreja, além da Ordem de Santo André. Não satisfeito, recorre a Dom Duarte para ingressar na sucessão apostólica que tanto desejava. A última investida de Salomão Ferraz (ingressar na hierarquia da ICAR) levanta suspeitas, a qual não está apta para afirma-la de que, em última instância, talvez o que desde o início desejasse era poder estar ali. Contraditório no que parece também à aceitação de Salomão Ferraz pela ICAR: se não é possível aceitar no seu interior pessoas que pensavam e agiam diferentemente daquilo que postula adequado – como ocorrera com padre Amorim e dom Duarte Costa que, depois de querelas, fundaram suas igrejas - como foi possível aceitar o processo inverso, ou seja, admitir na sua hierarquia uma pessoa que já trazia em seu currículo, cargos ocupados na Igrejas Presbiteriana, Episcopal, Ordem de Santo André, ICL e ICAB?

O segundo capítulo também contribuiu sobremaneira para que os objetivos dessa dissertação fossem alcançados: a origem da ICAC está, de fato, na RNMC, pois depois que Jair Pereira e Euclides Nunes se desentendem, esse último funda a ICAC e se torna Bispo Primaz.

Infelizmente, não foi possível ainda, durante o período da pesquisa, chegar a documentos que corroborem as circunstâncias da fundação da ICAC; os motivos do desentendimento entre o padre Jair Pereira e dom Euclides Nunes; da formação, composição e desfecho da RNMC, mas certo está, pelo documento que atesta a Ordenação Sacerdotal de Ricardo Padavini, que a sucessão apostólica da ICAC remete a Dom Salomão Ferraz que, sagrado bispo por Dom Duarte Costa foi, como dissemos, reconhecido bispo pela ICAR na ocasião de seu ingresso nessa instituição.

Isso posto, nossa hipótese inicial de que a ICAC usa vestes e denominações, entre outras coisas, para se assemelhar à ICAR e assim constituir capital inicial para entrar na concorrência pelo campo religioso católico, em parte se esvai, pois a ICAC já possui, na sua origem, esse capital. Entretanto, as estratégias por ela adotadas de concorrência, permitem confirmar e aumentar o seu capital, já que ocupa posição ainda periférica na estrutura dos bens simbólicos.

Embora ciente das muitas limitações desse trabalho, chegamos à conclusão de que sua contribuição talvez seja, justamente, a de, através das lacunas que deixa, provocar outras pesquisas que nos permitam compreender com mais fidelidade as concorrências que se desenrolam dentro do campo católico através da variedade de catolicismos alternativos que se apresentam e têm garantida demanda de toda sorte.

Muitos eram os caminhos possíveis, escolhemos um, esperamos que outros mais venham nos fazer companhia para novas pesquisas.

REFERÊNCIAS

- A(s) Igreja(s) católica(s) brasileira(s). *Pergunte e Responderemos*. Rio de Janeiro, v. 42, n. 465, p. 76-80, 2001.
- ASSMANN, Hugo. *A igreja eletrônica e seu impacto na América Latina*. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1986.
- AZZI, Riolando; GRIJP, Klaus van der. *História da Igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo*. Tomo II/3-2: terceira época: 1930-1964. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2008.
- BETTENCOURT, Estevão. *Igreja Católica Apostólica Brasileira*. Pergunte e Responderemos. Rio de Janeiro, v. 23, n. 264, p. 402-17, 1982.
- _____. *Igreja Católica Apostólica Carismática*. Pergunte e Responderemos. Rio de Janeiro, v. 29, n. 318, p. 519-28, 1988.
- Bispos mineiros denunciam erros e heresias. *REB - Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, v. 18, n. 2, p. 563-5, 1958.
- BOURDIEU, P. *Espaço social e poder simbólico*. In: *Coisas Ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- _____. *Gênese e Estrutura do Campo Religioso*. In: *A Economia das Trocas Simbólicas*. Introdução, organização e seleção de Sergio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- _____. *A Gênese dos conceitos de habitus e de campo*. In: *O Poder Simbólico*. Lisboa: DIFEL, 1989. Ou Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro-RJ, Editora Bertrand Brasil S.A., 1989
- _____. *Razões Práticas*. São Paulo: Papirus, 1996.
- _____. *A produção da crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos*. Porto Alegre, Zouk, 2006.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Memória do sagrado: estudos de religião e ritual*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1985.
- CAMPINAS. Corregedoria Geral da Justiça. *Apelação civil nº 7.150.0/5*. Registro em: 15 set. 1987.
- CAMURÇA, Marcelo A. *O Brasil religioso que emerge do Censo de 2010: consolidações, tendências e perplexidades*. In: TEIXEIRA, Faustino. MENEZES, Renata (Org.). *Religiões em movimento: o Censo de 2010*. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2013. pp. 63-88.
- CARLOS, Márcio. *História da ICAB de Itapira – 1913*. Disponível em <http://marciocarlosblog.blogspot.com/2010/12/continuacao-da-historia-da-icab-itapira.html>. Acesso em 10 de agosto 2019.

Casamento na Igreja Brasileira. *Pergunte e Responderemos*, Rio de Janeiro, v. 42, n. 465, p. 74-5, 2001.

CATANI, Afrânio Mendes; NOGUEIRA, Maria Alice; HEY, Ana Paula; MEDEIROS, Cristina Carta Cardoso de. (Organização). *O Vocabulário Bourdieu*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017 (400 p.).

DIOCESE Anglicana do Pará. *Dom Eduardo Motta*. Bispo do Pará – In Memoriam. Disponível em: <http://dioceseanglicanatradicionaldopara.blogspot.com/2017/04/dom-eduardo-motta-bispo-do-para-im.html>. Acesso em: 05 ago. 2019.

Dom Salomão Ferraz: bispo casado. *Pergunte e Responderemos*. Rio de Janeiro, v. 49, n. 550, p. 176-7, 2008.

FERRAZ, Hermes. *Dom Salomão Ferraz e o ecumenismo*. São Paulo: ed. J. Scortecci, 2002.

FREITAS, G. Albano de. *Abençoada rebeldia*. São Paulo: Centro de Estudos Teológicos – ICAB, 1987.

GUEDES, Ivan Pereira. *O protestantismo na cidade de São Paulo – presbiterianismo: primórdios e desenvolvimento do presbiterianismo*. Alemanha: Ed. Novas Edições Acadêmicas, 2013.

IGREJA Católica Apostólica Carismática. *ICAC, devidamente registrada e reconhecida por décadas no Brasil*. Seu ministério está presente no Brasil através das Paróquias Bom Jesus e Santas Missões. [S. l.], 2012. Disponível em: <http://igrejacatolicaapostolicacarismatica.blogspot.com/>. Acesso em: 10 jul. 2017.

IGREJA Católica Apostólica Carismática. *Site Padre Damásio*. [S. l.]. Disponível em: <http://www.padredamasiocarismatico.com.br/sobre-a-igreja.php>. Acesso em: 28 fev. 2017.

KLOPPENBURG, Boaventura. *Juntos ICAB, comunismo, maçonaria e espiritismo*. REB - Revista Eclesiástica Brasileira, Petrópolis, v. 21, n. 2, p. 411-3, 1961.

LANDIM, Leila (org.). *Sinais dos tempos: Diversidade religiosa no Brasil*. Instituto de Estudos da religião (ISER). Rio de Janeiro: 1990.

_____. *Sinais dos tempos: Tradições religiosas no Brasil*. Instituto de Estudos da religião (ISER). Rio de Janeiro: 1989.

_____. *Sinais dos tempos: Igrejas e seitas no Brasil*. Instituto de Estudos da religião (ISER). Rio de Janeiro: 1989.

LEMOS FILHO, Arnaldo. *Os Catolicismos Brasileiros*. 2 ed. Campinas, SP: Editora Alínea, 2000.

LÉONARD, Émile G. *O protestantismo brasileiro: estudo de eclesiologia e história social*. 2ª ed. Rio de Janeiro e São Paulo: JERP/ASTE, 1981.

LUSTOSA, Oscar F. *Reformistas na Igreja do Brasil – Império*. São Paulo, Boletim n. 17, 1977.

MANOEL, Dom Felismar. *Porque Repudiar o Patriarcado de Dom Paulo Ferreira da Silva e Manter-se Crentes Fiéis ao Catolicismo Salomonita*, Duque de Caxias. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <http://icai-ts.org.br/emdefesa.html>. Acesso em: 12 jan. 2019.

MATOS, Henrique Cristiano José. *A Igreja brasileira de Itapira*. REB - Revista Eclesiástica Brasileira, Petrópolis, v. 13, n. 3, p. 641-54, 1953.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. *Mudando de Vida: A Conversão ao Pentecostalismo Católico*. *Religião e Sociedade*, vol. 22, no 2, 2002.

MÉNDEZ, Luiz Fernando Castilho. *Igreja Católica Apostólica Brasileira: sua Doutrina e seu Credo Social*. Brasília, 1990.

_____. *História da Igreja Católica apostólica Brasileira (opúsculo)*. Brasília 1991.

MOTA, Aline Ellen dos Santos. *Católicos: “falsos” versus “verdadeiros”: observando relações de poder entre dois grupos religiosos na cidade de Capanema-PA*. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Paraná, Belém, 2018.

MOZZONI, Humberto, Dom. *Normas da Congregação para a Doutrina da Fé a respeito da admissão na Igreja Católica de membros da Igreja Católica Apostólica Brasileira*. REB - Revista Eclesiástica Brasileira, Petrópolis, v. 32, n. 126, p. 446-7, 1972.

PAULO VI. *Declaração Dignitatis humanae: sobre a liberdade religiosa*, 1965. Disponível em: http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651207_dignitatis-humanae_po.html. Acesso em: 12 jan. 2019.

PAULO VI. *Decreto Orientalium ecclesiarum: sobre as igrejas orientais católicas*. 1964. Disponível em: http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19641121_orientalium-ecclesiarum_po.html. Acesso em: 28 jan. 2017.

PIERUCCI, A. Flávio. *Reencantamento e Dessecularização: A Propósito do Autoengano em Sociologia da Religião*. In: *Novos Estudos*, 49. São Paulo: CEBRAP, 1997, pp. 99-117.

_____. *O crescimento da liberdade religiosa e o declínio da religião tradicional: a propósito do Censo de 2010*. In: TEIXEIRA, Faustino. MENEZES, Renata (Org.). *Religiões em movimento: o Censo de 2010*. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2013, pp. 49-62.

Rede Nacional de Missões Católicas. *Pergunte e Responderemos*. Rio de Janeiro, v. 29, n. 308, p. 39-44, 1988.

RODRIGUES, A. J. D. *História e Memória: O processo de fundação da Igreja Católica Brasileira e as tensões entre os catolicismos em Novo Planalto (GO)*. Orientador: Prof. Dr. Marcos Antonio de Menezes. 2018. 192 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Goiás - Faculdade de História, Goiânia, 2018.

SANCHEZ, W. L. *A trajetória de um conflito. O conflito entre a Igreja Católica Romana e a Igreja Católica Brasileira no início da década de setenta*. In: BRANDÃO, Sylvana (Org.). *História das religiões no Brasil*. 1ª ed. Recife PE: Ed. Universitária da UFPE e Cehila, 2002, vol.1, p. 471-492.

SANCHIS, P. (org.). *Catolicismo: modernidade e tradição*. Grupo de Estudos do Catolicismo do ISER. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

_____. *Catolicismo: cotidiano e movimento*. Grupo de Estudos do Catolicismo do ISER. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

_____. *Catolicismo: unidade religiosa e pluralismo cultural*. Grupo de Estudos do Catolicismo do ISER. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

SILVA, Wagner Pires. Um outro catolicismo: o Bispo de Maura e a Igreja Católica Apostólica Brasileira. *Revista de História Bilros*. Fortaleza, v. 5, n. 8, p. 106-125, jan. – abr. 2017.

SOUSA, Ana Maria. As faces de Nossa Senhora no imaginário da Igreja Católica Apostólica Brasileira. *Revista Último Andar*, n. 31, 2018.

SOUZA, André R. *Igreja in concert: padres cantores, mídia e marketing*. São Paulo: Annablume, Fapesp, 2005.

_____. Igreja Católica e mercados: a ambivalência entre a solidariedade e a competição. *Religião e Sociedade*, v. 27, n.1, 2007, p. 156-174.

VALLADÃO, Haroldo Teixeira. A condenação civil da Igreja do ex-Bispo de Maura. *REB - Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, v. 18, n. 2, p. 565-70, 1958.

WEBER, Max. *Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*; Trad. de Régis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa; Ver. Tec. de Gabriel Cohn, 3ª edição. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000. 464p.

_____. *Ensaios de Sociologia*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1982.

_____. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, (trad.: Ana Falcão e Luís Leitão) Lisboa, Presença, 2001.

ANEXOS

Anexo A – Debate ICAC & ICAR em 2013

BoituvaSP

WWW.BOITUVASP.COM.BR

COMPARTILHAR 7

Search...

IGREJA CATÓLICA APOSTÓLICA CARISMÁTICA(ICAC):ESCLARECIMENTO OFICIAL

00:09 Radio Ideal FM 1 Comentários

A Arquidiocese Bom Jesus de Campinas, **IGREJA CATÓLICA APOSTÓLICA CARISMÁTICA** esclarece: Não cabe a nós, escrever ou falar sobre outras igrejas, pois respeitamos todas, Cristo fundou uma Igreja, que é composta pelo povo de Deus de todas as religiões. Porém diante de alguns fatos somos obrigados a manifestar o seguinte:

Talvez muita gente desconheça, mas no mundo inteiro existem católicos romanos, ortodoxos, veteros, nacionais etc. Grande parte não é ligada a Roma, mesmo mantendo o respeito e espírito de unidade pelos sacramentos. No Brasil existem mais de 60 Igrejas católicas totalmente desvinculadas do vaticano.

Altar, sacerdote, vestes, são nomes bíblicos e usados por inúmeras igrejas e PARÓQUIAS, no mundo inteiro. No Brasil Igrejas Católicas de todas as vertentes, usam assim como outras igrejas que mantêm doutrina parecida, pois somos todos cristãos.

Jamais em tempo algum nossos sacerdotes falam ou assinam em nome de outra igreja, com orgulho pertencemos a **IGREJA CATÓLICA APOSTÓLICA CARISMÁTICA**. Oramos para que Deus ilumine, pois neste momento o mundo está estarelecido com os últimos acontecimentos, coisas que envergonham o evangelho.

O evangelho é paz, libertação, bênção e conforto para o povo.

Os trabalhos iniciais da Paróquia do Bom Jesus em Sorocaba atendem a um clamor público, pois já tínhamos um grande numero de pessoas que conhecem nossa Catedral em Campinas e também as Paróquias da Região, ligadas a ICAC.

O PE Renato S Lima, presbítero legitimamente ordenado, integra o magistério desta igreja e somente a ela, presta obediência canônica. Sendo que estamos rigorosamente dentro das leis do país, respeitando as autoridades constituídas.

O Brasil é um país laico;

Infelizmente alguns grupos, por perderem o foco do evangelismo, se preocupam com igrejas irmãs, ao invés de evangelizarem como Cristo ensinou, sem discriminar, acolher a todos e levar o evangelho genuíno.

A nós cabe rezar por eles, pedir a misericórdia divina e que estamos somente respondendo por uma questão de ética, não é nosso costume, causar polêmicas com outras igrejas. Estamos em dezenas de emissoras de radio e televisão em todo o Brasil, sempre na ordem e na decência cristã.

Pedimos desculpas aos leitores deste conceituado órgão de imprensa, mas temos que dar uma resposta sendo que a maior resposta Nosso Senhor Jesus já deu: Alegrai-vos quando vos perseguirem por amor de meu nome.

"Matores são as coisas que nos unem do que as que nos separam"(PAPA JOÃO XXIII)

Deus é conosco, o nome de Jesus é glorificado.

Que Nosso Senhor ilumine a todos.

Paz e bem

Dom Valmir Damásio
Bispo regional
Dom Euclides Nunes
Arcebispo Primaz do Brasil
www.paroquiabomjesus.com.br

Fonte : <http://www.renatosuhett.com/>

COMPARTILHAR: Curtir +1 Tweet

A RADIO DA NOSSA CIDADE

SEGUIDORES

Seguidores (17)

ADICIONE NO SEU CELULAR

Os internautas poderão interagir com a gente através do WhatsApp ... Participe, envie perguntas, enfim... use e abuse da mais nova ferramenta de interação. Nosso WhatsApp é (15) 98120-9696 Adicione e fale com a gente

LEIS E PORTARIAS SOBRE RADIOCOM

Lei de Voluntariado

LEIS E PORTARIAS SOBRE RADIOCOM

CONFIRA QUEM CANTA NA IDEAL

ELEIÇÕES 2012


Comunicado aos Associados

BoituvaSP. Tecnologia do Blogger.

Um comentário:

BLOG ARCHIVE

- 2014 (28)
- 2013 (1507)
 - dez 2013 (1)
 - nov 2013 (14)
 - out 2013 (54)
 - set 2013 (68)
 - ago 2013 (36)
 - jul 2013 (10)
 - jun 2013 (48)
 - mai 2013 (91)
 - abr 2013 (247)
 - mar 2013 (229)
 - fev 2013 (312)



Pe Renato Suhett 2 de fevereiro de 2013 12:42

RESPOSTA OFICIAL DA IGREJA CATÓLICA APOSTÓLICA CARISMÁTICA: Dom Eduardo Benes de Sales de Oliveira.
Arcebispo Metropolitano de Sorocaba

Excelência,
Paz e bem.

Embora eu só tenha sido sagrado bispo em 21 de dezembro de 2011, a cidade de Sorocaba integra minha região Eclesiástica. Com procuração do Supremo Concílio da ICAC. Lamentavelmente, a vossa nota, publicada em sites e jornais, trás um erro grotesco, da parte da CNBB. O uso dos referidos títulos, como de propriedade de uma única igreja, beira a falta de conhecimento, que não é o caso do presidente da CNBB. Paróquia, Catedral, diacono, etc, centenas de igrejas usam no Brasil, inclusive igrejas protestantes. Mas em qual lugar do mundo apenas as igrejas ligadas ao vaticano usam? Em lugar algum, pois vossas igrejas, nossas irmãs em Cristo e no amor de Maria, são igrejas particulares, regidas por um CNPJ proprio. O acordo Brasil X Santa Sé não os coloca como de propriedade de títulos. Este acordo, já existem pedidos inclusive dizem de anglicanos e outros, para que seja revisto. De nossa parte nunca houve questionamento algum, pelo fato de sermos sim IGREJA CATÓLICA, com sucessão Apostólica da IGREJA VÉTERO CATÓLICA. Estamos no Brasil há décadas, trabalhando de forma ordenada. Não vendemos sacramentos. Não somos divisão nem subdivisão de Igreja alguma. O presidente da CNBB na referida nota que o senhor anexou ao chamado "alerta ao povo católico" se referiu a recém criada igreja de belém, que nada tem a ver conosco. Nem Dom Milingo, pois estamos por décadas trabalhando, sem jamais usarmos os métodos da IC, respeitamos esta outra igreja, mas não temos tais costumes: recrutação de padres, etc. Por isto nossos sacerdotes, trabalham ordenadamente, sem nunca um escândalo ou em tempo algum se passando pela IGREJA ROMANA, jamais fizemos isto. Embora com todas estas atitudes, retrogradas, ainda tentamos manter a unidade.

No caso específico de Sorocaba, não temos ligação com nenhuma igreja citada, em tal endereço. Não conhecemos, portanto a única ligação que a Paróquia Bom Jesus tem é com a Catedral em Campinas e com as paróquias da região em Itu, Salto, etc. Responde esta Paróquia a nossa diocese em Bauru, a Arquidiocese em Campinas e ao Supremo Concílio da ICAC. O presbítero Renato Suhett Lima, foi protestante anos atrás. Como alguns padres da IGREJA ROMANA, que estão em atividade, inclusive ligados a RCC. Mas o que deveria ser um motivo de alegria para todos, por sua conversão. Este foi ordenado pelos Anglos Católicos, sendo bacharel em Teologia, Letras e outras formações, eclesísticas e laicas. No ingresso a ICAC, teve um período de aprendizagem, se submetendo a uma PREPARAÇÃO ESPIRITUAL. Muito nos comove, pois este era desiludido com o cristianismo, aprendeu amar MARIA, se tornou um Católico de verdade, não por conveniência. Respeitamos o fato de esclarecer que não pertencemos a sua diocese, nem tão pouco a Santa Sé, mas Senhor Arcebispo, é hora de nós católicos, de qualquer vertente, termos unidade. Pois a ICAC em lugar algum do Brasil, trouxe problemas a sua igreja. Muito pelo contrário, somos reconhecidos como pessoas de bom testemunho, que buscam os que estão longe da Igreja, não fazemos proselitismo. Temos o reconhecimento das Autoridades, que vem em nosso trabalho seriedade. Não estamos em Sorocaba, para retirarmos uma pessoa que seja de vossa igreja, pois já tinhamos grupos que iam em Campinas, Itu, Salto e Osasco. Buscamos os que estão longe do Cristo. Rogando a Deus que o abençoe. Mesmo estando em um estado laico, esperamos manter o respeito. Parabéns pelo vosso trabalho até ENTÃO desenvolvido em Sorocaba. No amor de Maria.

Att
+ Dom Valmir Damásio
Bispo Auxiliar (ICAC)
14(91768266)
www.paroquiabomjesus.com.br
www.paroquiabauru.com.br
www.igrejacatolicacarismatica.com.br

Responder

Digite seu comentário...

Seus amplia repasses de recursos para quase 4...

Rosana Jatobá é contratada pela Fox

Posse dos diretores da rede municipal de ensino

Projeto Tesoura e Cia inicia suas atividades

Mensagem

Ipem-SP autua 55% das padarias fiscalizadas na

"A juventude é peça fundamental para os novos

Nota das Juventudes: Pelo direito democrático de

Plano de Acompanhamento Familiar

Epidemia do Crack

Convite: Padre Wagner fará palestra aberta aos j

Juces cria nova turma de vogais

Idoso tem órgão genital amarrado no CHS

1º Chopipicanha em Boituva

Rádio escola reduz violência e eleva autoestima e

El Camargo ganha prêmio no VII Salão de Artes e

Prefeito recebe visita do deputado Campos Mach

Thame quer o fim do 14º e 15º salários

5ª Conferencia nacional das Cidades

Número de emissoras de rádio no Brasil dobra em

Casalalógia pede para que seu nome seja excluíd

MEMBRO DO CONSELHO DA RÁDIO COMUNITÁRIA

Ministério das Comunicações abre processo para

Fonte: <http://www.noticiasboituva.com.br/2013/02/igreja-catolica-apostolica.html#.XEezoNJKjIV>. Acesso em 22/01/2019.

Anexo B – Nota da CNBB sobre “uso indevido de termos da ICAR”**NOTA PASTORAL DA PRESIDÊNCIA DA CNBB SOBRE ALGUMAS QUESTÕES RELATIVAS AO USO INDEVIDO DOS TERMOS: CATÓLICO, IGREJA CATÓLICA, CLERO E OUTROS**

A CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL – CNBB, na defesa da verdade e da liberdade, considerou oportuno publicar a presente Nota Pastoral, destinada aos membros do episcopado, do clero, aos religiosos e a todos os fiéis leigos.

O uso de nomes, termos, símbolos e instituições próprios da Igreja Católica Apostólica Romana, por outras denominações religiosas distintas da mesma, pode gerar equívocos e confusões entre os fiéis católicos. Nestes casos o uso da palavra “católico”, “bispo diocesano”, “vigário episcopal”, “diocese”, “clero”, “catedral”, “paróquia”, “padre”, “diácono”, “frei”, pode induzir a engano e erro. Pessoas de boa vontade podem ser levadas a frequentar tais templos, crendo que se tratam de comunidades da Igreja Católica Apostólica Romana, quando na verdade não o são. Por essa razão a Igreja tem a obrigação de esclarecer e alertar o Povo de Deus para evitar prováveis danos de ordem espiritual e pastoral.

Assim, temos o dever de alertar os fiéis católicos para a existência de alguns grupos religiosos, como é o caso da autointitulada “igreja católica carismática de Belém” e outras denominações semelhantes, que apesar de se autodenominarem “católicas”, não estão em comunhão com o Santo Padre, Papa Bento XVI, e não fazem parte da Igreja Católica Apostólica Romana. Por esta razão todos os ritos e cerimônias religiosas por eles realizadas são ilícitos para os fiéis católicos. Assim sendo, recomenda-se vivamente aos féis que não frequentem os edifícios onde eles se reúnem e nem colaborem ou participem de qualquer celebração promovida por esses grupos. Rezemos para que a unidade desejada por Jesus Cristo, aconteça plenamente.

Brasília-DF, 30 de novembro de 2011

Cardeal Raymundo Damasceno de Assis
Arcebispo de Aparecida


Presidente da CNBB José Belisário da Silva
Arcebispo de São Luis
Vice Presidente da CNBB


Dom Leonardo Ulrich Steiner
Bispo Auxiliar de Brasília
Secretário Geral da CNBB

Fonte: <http://www.cnbb.org.br/cnbb-publica-notas-oficiais-sobre-temas-relevantes-e-atuais/>. Acesso em 23/10/2016.

Anexo C – Nota da diocese de Santarém a respeito da igreja carismática

Santa Sé Quem somos




CNBB
Igreja Católica Apostólica Romana
14:58
13 de Agosto de 2019
Terça-feira
PALAVRA OFICIAL
NOMEAÇÕES
FALE CONOSCO
IMPRESA
Pesquisar

Nota da diocese de Santarém a respeito da igreja carismática

● 09/06/2015 ■ Santa Sé

Santarém, 8 de junho de 2015

Caríssimas irmãs,
Caríssimos irmãos da Diocese de Santarém,

Há algumas semanas pessoas tem se apresentado como padres da Igreja Católica Carismática e pedem para fazer palestras a jovens das nossas paróquias, escolas e grupos da catequese.

No dia 5 de junho, em Santarém, foi ordenado um diácono por dois bispos ligados a esta Igreja.

Dada esta situação, alguns esclarecimentos se fazem necessários.

1. A Igreja Católica Carismática não está em comunhão com a Igreja Católica Apostólica Romana.
2. A Igreja Católica Carismática não é fruto da Renovação Carismática Católica que é um movimento da Igreja Católica Apostólica Romana.
3. Em 30 de novembro de 2011 a presidência da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil divulgou uma nota afirmando: *A Igreja Católica Carismática e outras como a Igreja Católica Apostólica Americana "apesar de se autodenominarem "católicas", não estão em comunhão com o Santo Padre, e não fazem parte da Igreja Católica Apostólica Romana. Por esta razão todos os ritos e cerimônias religiosas por eles realizados são ilícitos para os fiéis católicos. Assim sendo, recomenda-se vivamente aos fiéis que não frequentem os edifícios onde se reúnem e nem colaborem ou participem de qualquer celebração promovida por esses grupos".*
4. A pessoa que passa para a Igreja Católica Carismática sai da Igreja Católica Apostólica Romana, exatamente como faz quem passa para a Igreja da Paz, a Assembleia de Deus ou outras Igrejas.
5. A Igreja Católica Apostólica Romana não reconhece os sacramentos realizados na Igreja Católica Carismática (ordenações, batismos, Missas...), considerando-os inválidos.
6. Por isso as comunidades pertencentes à Igreja Católica Apostólica Romana não convidem pessoas ligadas à Igreja Católica Carismática para pregações, novenas ou celebrações de culto (exceto quando se tratar de um culto ecumênico, de acordo com o pároco local).
7. Com as pessoas que participam da Igreja Católica Carismática vamos manter as relações de boa educação, de respeito e de colaboração na construção de um mundo melhor, para que todos tenham vida e vida em abundância, conforme o desejo de Jesus.

Dom Flávio Giovenale
 Bispo de Santarém (PA)

Fonte:

http://www.cnbb.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=16668:nota-da-diocese-de-santarem-a-respeito-da-igreja-carismatica&catid=441&Itemid=204.

Acesso em 23/10/2016.

Anexo E – Carta de Dom Carmo João Rhoden



DOM CARMO JOÃO RHODEN - SCJ
 por mercê de Deus e da Sé Apostólica
 Bispo de Taubaté

NOTA DE ESCLARECIMENTO

Aos que esta nossa NOTA virem, saudação, paz e bênção no Senhor!

“O hábito não faz o monge!”, diz com muita razão o adágio popular, mas também é verdade que muitos se servem do hábito para induzir pessoas incautas no erro.

Não nos causa assombro nem grande estranheza a criação de igrejas que de fato não o são. Já Cristo nos advertiu: *“Pois hão de surgir falsos Cristos e falsos profetas que apresentarão grandes sinais e prodígios de modo a enganar, se possível, até mesmo os eleitos. Eis que eu vo-lo predisse”* (Mt 24, 24-25; cf. Lc 21, 8, e Mc 13, 6). Entretanto, nossa função de Pastor, como já o atesta a própria história, em decorrência do nosso direito, mas também em decorrência do nosso dever, esclarecemos de modo especial a todos os fiéis e, em geral a toda a população que:

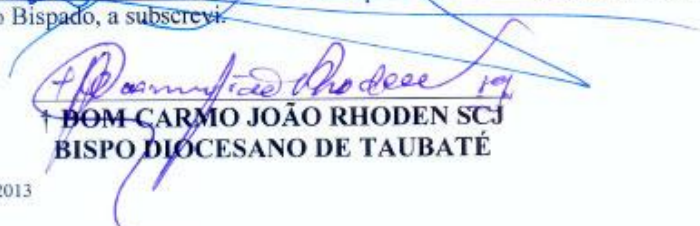
- a autodenominada Igreja Católica Apostólica Carismática a se instalar em Taubaté, não é integrante da nossa Igreja Católica Apostólica Romana;
- o assim nomeado “Padre” Daniel Grigoletto também não é padre da nossa Igreja;
- a “Paróquia das Santas Missões” cuja inauguração está marcada para os próximos dias e que para tanto convida pessoas, não é verdadeira paróquia católica e
- consequentemente, as Missas como a assim chamada “santa unção do óleo bento”, além de serem falsas, de acordo com a nossa Doutrina, são uma afronta à nossa fé e à nossa liturgia.
- O uso de vestes, insígnias e rituais semelhantes aos nossos é uma forma de enganar o povo.

No verdadeiro espírito da nossa Igreja na qual subsiste efetivamente Cristo Jesus, proclamamos com toda energia o direito à liberdade religiosa, mas devemos nos proteger contra abusos que podem surgir sob o seu pretexto.

Desejamos que a luz do Espírito Santo ilumine a todos os nossos fiéis para que, devidamente instruídos pelos nossos Sacerdotes, sejam capazes de reconhecer a verdadeira fé e cultivar uma profunda esperança na vivência da caridade em nossa Igreja.

Dada e passada na Cúria Diocesana de Taubaté, aos 21 de novembro de 2013, sob o Nosso Sinal e Selo de Nossas Armas.

E eu,  (Mons. Irineu Batista da Silva), Chanceler do Bispado, a subscrevi.


DOM CARMO JOÃO RHODEN SCJ
BISPO DIOCESANO DE TAUBATÉ

Anexo F – Matéria do Jornal Voz do Vale

Vale
& Região

Vale do Paraíba | sexta - feira | 22 de novembro de 2013

VOZ

Igreja

CORRUPÇÃO

Dólares
bloqueados

Levantamento mostra que o Brasil tem US\$ 300 milhões bloqueados em contas de brasileiros no exterior e, deste total, US\$ 166 milhões estão na Suíça. Segundo o Departamento de Recuperação de Ativos e Cooperação Jurídica Internacional, do Ministério da Justiça, a maior parte dos recursos bloqueados está vinculada a investigações de corrupção no Brasil, e não ao crime de tráfico de drogas, outra origem de remessas ilegais ao exterior. A Suíça é o país com maior volume de dinheiro, seguido pelos EUA. Nos últimos 3 anos, o Brasil identificou R\$ 20 bilhões em recursos de origem ilícita, a maioria, de crimes de corrupção. Mas a Suíça, assim como os demais países, só repatriam o dinheiro quando há sentença final contra o acusado - ou seja, o processo tem de ter sido transitado em julgado, ou seja, sem possibilidade de recursos. Nos últimos 3 anos, o Brasil conseguiu receber somente R\$ 39 milhões.

Rafael Naves



"Nós temos um Bispo, uma Diocese que fica em Campinas, temos um estatuto, é uma igreja séria com CNPJ que honra com seus compromissos", disse o padre Grigoletto, responsável pelo novo templo que será aberto hoje (22/11) em Taubaté

A inauguração de um novo templo religioso tem causado polêmica e grande repercussão entre os internautas de Taubaté. Uma faixa colorida e panfletos distribuídos em grande parte da cidade dão publicidade ao novo templo religioso, a igreja denominada de Igreja Católica Apostólica Carismática fica na Avenida Marechal Deodoro, no Jardim Santa

Clara. Nos panfletos a comunidade promete cura e libertação aos fiéis. A comunidade é conduzida pelo padre Daniel Grigoletto, porém a Diocese de Taubaté diz que o líder religioso não faz parte da igreja conduzida pelo Papa Francisco. De acordo com a Diocese, não se pode proibir alguém de fazer uso do título, cargo, nomenclatura de Padre,

assim como não se pode impedir alguém de se tornar pastor. Porém o Padre Daniel não tem ligação com a Igreja Católica Apostólica Romana, nem com o movimento da Renovação Carismática Católica. Ainda segundo a Diocese, a igreja a ser inaugurada trata-se de um novo templo sem qualquer relação com a dirigida pelo Bispo Dom Carmo João Rodhen.

Dom Carmo preferiu não se manifestar, mas disse à reportagem Voz do Vale que estuda o caso para que nenhuma ação indevida seja tomada. O Chanceler da Diocese de Taubaté prepara uma carta aberta que deve ser enviada às igrejas explicando o fato que deixou os fiéis confusos. Por telefone, o jornalismo Voz do Vale conversou

com Daniel Grigoletto, que disse que as celebrações são feitas com muita oração e louvor. "Nós temos um Bispo, uma Diocese que fica em Campinas, temos um estatuto, é uma igreja séria com CNPJ que honra com seus compromissos", disse Grigoletto. Ainda de acordo com o padre a igreja foi fundada há mais de 40 anos.

TRÂNSITO

Fonte: Jornal Voz do Vale